



Projeto Inventário de Bens Culturais Imóveis

Desenvolvimento Territorial dos Caminhos
Singulares do Estado do Rio de Janeiro

Fevereiro 2004



GOVERNADORA

Rosinha Garotinho

VICE- GOVERNADOR

Luiz Paulo Fernandez Conde

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA

Arnaldo Niskier

SUBSECRETÁRIAS DE CULTURA

Vânia Bonelli

Cecília Conde

Maria Eugênia Stein

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO

CULTURAL – INEPAC

Marcus Monteiro, Diretor Geral

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO CULTURAL

E NATURAL

Maria Regina Pontin de Mattos, Diretora

DEPARTAMENTO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO

Amauri Lopes Junior, Diretor

DEPARTAMENTO DE APOIO A PROJETOS DE

PRESERVAÇÃO CULTURAL

Augusto Vargas, Diretor

PRESIDENTE DO CONSELHO DELIBERATIVO

ESTADUAL

Paulo Alcântara Gomes

DIRETOR SUPERINTENDENTE

Paulo Maurício Castelo Branco

DIRETORES

Celina Vargas do Amaral Peixoto

Evandro Peçanha Alves

GERENTES

Juarez de Paula / UDL - NA

Heliana Marinho / UDL - RJ

Coordenação Técnica Geral do Projeto / INEPAC

Arquiteta Dina Lerner

Apoio do Departamento do Patrimônio Cultural e Natural / INEPAC

Supervisão Geral do Projeto

Dalva Lazaroni

Coordenação da Equipe Técnica dos Caminhos do Café

Arquiteta Maria Cristina Soares de Almeida

Arquitetos assistentes

Fernanda Monho

Flávia Antunes

Pesquisa Histórica

Isabel de Souza Lima Junqueira

Consultores

Historiadora Célia Muniz

Leila Alegrio

Agradecimentos

Adriano Novaes e Leila Alegrio, pela contribuição com o texto “Os Caminhos” da publicação História e Arte das Fazendas de Café – Vale do Paraíba Fluminense, em fase de edição

Alberto Salgado Lootens, Diretor do Departamento de Desenvolvimento Comercial e Industrial do município de Barra do Piraí

Ana Lúcia Vieira dos Santos e Adriana Nogueira da Costa pelo empréstimo de dissertações de mestrado

Aníbal Magalhães, Arthur Mário Vianna, Leila Vilela Alegrio e Pedrinho Simões pela cessão de fotos sobre os imóveis inventariados

Cláudia Sad, Secretária de Cultura de Barra do Piraí e equipe

Elcimar, de Barão de Juparanã e Cristina, de Conservatória pelo apoio ao trabalho de campo

Gilberto Monteiro, Secretário Municipal de Cultura de Valença e equipe

Guido Gelli, Diretor de Geociências do IBGE e equipe pela cessão de cartografia

Isabel Rocha, Responsável pelo Escritório regional do IPHAN – 6º SR

Júlio Graça Melo, Vice-presidente da Associação Riofloreense de Turismo – ARTUR

Laura Bahia e Luciano Jesus de Souza, pelo apoio à programação visual dos trabalhos

Lia Motta e equipe, do Departamento de Identificação e Documentação do IPHAN, pelo apoio à realização dos trabalhos

Maria Dalva Ferreira e Silva, Chefe de Divisão de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Piraí e equipe

Marta Fonseca, Secretária Municipal de Cultura de Vassouras

Fevereiro 2004

SUMÁRIO

Introdução	3
<hr/>	
Roteiro metodológico	4
Os Caminhos do Café	5
<hr/>	
O café chega ao Rio de Janeiro	5
Caminhos do Café - antigas e novas estradas	10
Os Caminhos de Ferro	16
Mapa dos Caminhos de Penetração	19
Mapa dos Antigos Caminhos	20
A arquitetura rural	21
<hr/>	
A implantação no sítio, o programa arquitetônico e as tipologias construtivas	21
A arquitetura urbana	26
<hr/>	
A arquitetura dos Caminhos de Ferro	29
<hr/>	
Classificação tipológica das estações ferroviárias	29
As estações ferroviárias do Vale do Paraíba	31
Caminhos do Café – roteiros e vestígios	33
<hr/>	
Quadro Sinóptico dos Bens Inventariados	34
Mapa dos Caminhos Atuais	37
Mapa do Roteiro 1	38
Roteiro 1	39
Mapa do Roteiro 2	79
Roteiro 2	80
Mapa do Roteiro 3	94
Roteiro 3	95
Estrada de Ferro Central do Brasil - EFCB	101
. Linha do Centro e Ramal de São Paulo	101
. Linha Auxiliar: Japeri – Paraíba do Sul	102
. Ramal Jacutinga e Ramal Afonso Arinos	103
Rede Mineira de Viação - RMV	104
Considerações finais	105
<hr/>	
Referências Bibliográficas	106
<hr/>	
Referências Cartográficas	111
<hr/>	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho integra o Projeto de Inventário dos Bens Culturais Imóveis, Caminhos Singulares do Estado do Rio de Janeiro, objeto de parceria entre o SEBRAE-RJ, a UNESCO/Brasil e a Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, através do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – INEPAC.

A denominação do roteiro “Caminhos do Café” sugere uma abordagem para o trabalho na qual os caminhos devessem ser identificados e, em percorrendo-os, fossem inventariados e apresentados os vestígios materiais – imóveis rurais ou sítios urbanos remanescentes do século XIX, decorrentes da intensa atividade cafeeira daquela época.

Ainda que também haja vestígios da pujança da produção cafeeira em outras regiões do Estado do Rio de Janeiro, principalmente no Noroeste Fluminense, este levantamento se deu no âmbito do Vale do Paraíba, compreendendo os municípios de Barra do Piraí, Engenheiro Paulo de Frontin, Mendes, Miguel Pereira, Paty do Alferes, Piraí, Rio das Flores, Valença e Vassouras. O recorte geográfico foi indicado pelas entidades parceiras promotoras do projeto.

A extensão da pesquisa e o nível de aprofundamento do trabalho foram adequados ao prazo de cerca de três meses previsto para a realização do mesmo, envolvendo: pesquisa de fontes secundárias, trabalho de campo e consolidação dos dados. Na impossibilidade de realização de um inventário completo, a metodologia adotada procurou conduzir o trabalho de modo a obter um resultado final que apresentasse um panorama dos vestígios arquitetônicos e urbanísticos mais significativos do período. A abordagem dos bens arquitetônicos procurou agregar uma compreensão das categorias tipológicas, que vem sendo objeto de estudos específicos na área do patrimônio cultural fluminense.

O resultado final do trabalho consiste na identificação de 165 bens imóveis de valor cultural, sendo 83 referentes a centros históricos e seus imóveis e 82 sedes de fazendas históricas. A documentação sobre os bens culturais reuniu cerca de 600 fotografias recentes que foram organizadas em um banco de imagens. O presente relatório apresenta por fim um resumo da caracterização dos bens inventariados segundo três roteiros, que seguem as atuais vias de acesso da região do Vale do Paraíba fluminense:

- . **Roteiro 1** - saindo de Piraí em direção à Três Rios, passando por Barra do Piraí, Valença e Rio das Flores; ou de Piraí em direção à Valença, passando por Dorândia, Ipiabas e Conservatória;
- . **Roteiro 2** - saindo de Volta Redonda em direção à Paraíba do Sul, passando por Vassouras;
- . **Roteiro 3** - saindo de Vassouras em direção a Paty do Alferes, passando por Mendes, Engenheiro Paulo de Frontin e Miguel Pereira.

Roteiro metodológico

O roteiro adotado para desenvolvimento do inventário buscou percorrer os passos previamente estabelecidos desde o início do trabalho. Durante esse percurso foram necessários alguns ajustes de redistribuição de prazos, que privilegiaram a busca de dados secundários sobre a região do Vale do Paraíba, não só nos principais acervos de documentação como junto àqueles que a estudam há algum tempo. Com isso foi possível compreender o contexto de época e agregar ao inventário informações relativas ao histórico da edificação e colher um número expressivo de imagens sobre os mesmos.

O trabalho foi especialmente enriquecido com os resultados do inventário de patrimônio cultural edificado que vem sendo realizado pela equipe da Secretaria Municipal de Cultura de Valença.

Roteiro básico:

1. Conhecimento do problema
 - levantamento de dados sobre o contexto de época
 - configuração das características geopolíticas do período acima referido e das redes de circulação existentes, relacionadas as antigas freguesias e os desdobramentos ocorridos, antigos núcleos urbanos, caminhos viários e ferroviários
2. Configuração do contexto histórico do ciclo do café na região abrangida pelo projeto, com vistas a identificar:
 - tipologias de imóveis rurais e urbanos ligados direta e indiretamente à produção cafeeira
 - levantamento de dados sobre os bens tombados e de interesse
 - identificação dos bens tombados (federal, estadual e municipal) na área abrangida pelo projeto, criando, se possível, uma base de dados uniforme (fichamento, cartografia e iconografia)
 - identificação dos imóveis de interesse para proteção, já relacionados pelo IPHAN, INEPAC e pelos municípios
 - levantamento de referências bibliográficas e iconográficas sobre os imóveis de interesse
 - levantamento das instituições de referência para o projeto
3. Planejamento do trabalho de campo
 - consolidação dos resultados dos levantamentos prévios realizados, com vistas à definição de um plano de trabalho de campo com roteiros, prazos e tarefas indicados
 - definição do modelo de fichamento/ informações complementares
 - visita aos municípios e às instituições de referência
4. Levantamento de campo
5. Relatório de consolidação (com eventual complementação de dados primários e/ou secundários)

OS CAMINHOS DO CAFÉ

O presente texto de identificação dos caminhos do café buscou apresentar de uma forma condensada aquilo que já é de conhecimento dos estudiosos do assunto, como um pano de fundo para o inventário dos bens culturais imóveis remanescentes do século XIX.

Os caminhos iniciais do café servem-se da rede dos “caminhos do ouro” na fase de desbravamento da região serrana. Com a dinamização da ocupação do Vale do Paraíba outros caminhos carroçáveis foram abertos, sendo estabelecida uma nova rede de circulação ligando as novas unidades produtivas aos núcleos urbanos, que davam suporte à atividade de comercialização, seguindo principalmente em direção aos portos de Iguaçu e Rio de Janeiro.

Na segunda metade do século XIX, com a implantação da Estrada de Ferro D. Pedro II foi restabelecida uma nova ordem com a alteração da rede de acessibilidade de então. A polarização regional passou a ser exercida por Barra do Pirai e não mais por Vassouras, que, na época, perdeu a disputa do traçado que mais lhe convinha.

Durante o século XX foi implantada uma rede viária de rodovias federais e estaduais, que durante algum tempo conviveu com o antigo sistema ferroviário – hoje praticamente desativado.

Somente com um estudo mais aprofundado poderá se afirmar em que medida o leito das antigas vias carroçáveis foram total ou parcialmente aproveitados pelas atuais estradas ou pelos antigos caminhos ferroviários.

O café chega ao Rio de Janeiro

Por volta de 1730, logo que o café chegou às Guianas suas sementes foram trazidas ao Brasil, entrando no estado do Pará pelas mãos do jovem oficial Francisco de Melo Palheta. De lá, foi levado para o Maranhão e, cerca de trinta anos depois, à capital da província do Rio de Janeiro. Pouco depois, todo o Brasil já o conhecia, mas seu cultivo era apenas para consumo local.

No Rio de Janeiro, o cultivo inicial ocorreu nos morros da cidade e do Mendanha, na Baixada Fluminense.

• A interiorização

Desses locais a cultura se interiorizou tomando primeiramente a direção de São João Marcos e Resende pelo Caminho de São Paulo e,



Rugendas, A colheita do café

posteriormente, a leste pelo Caminho de Cantagalo, tendo Nova Friburgo como núcleo irradiador do desbravamento do “sertão de leste”.¹

A extensa bacia terciária de Resende, desbravada em meados do século XVIII, foi pioneira na colonização da região serrana. Lá, onde já havia criação de gado e cultivo da cana de açúcar, instalou-se “o foco originário do grande ciclo do café”. O plantio dos cafezais em larga escala ocorreu, portanto, a partir de Resende e de São João Marcos. Tanto uma como outra se transformaram em grandes centros produtores de café. São João Marcos estendeu suas terras cultiváveis - “Desde as cabeceiras do ribeirão das Lajes e do rio Piraí até os limites com a freguesia de Vassouras”, em dois ou três decênios, por toda a parte as majestosas florestas virgens vão sendo substituídas por cafezais”.²

O esgotamento das reservas de ouro de Minas Gerais, a crise no mercado internacional do açúcar e a boa adaptação da nova cultura no vale do Rio Paraíba, no início do século XIX, motivou o Governo Colonial a estimular o cultivo do café, um produto em crescente demanda no consumo mundial.

A nova prioridade de exportação foi a responsável pela devastação da floresta da região serrana fluminense de forma violenta, onde não se respeitou a seleção das espécies vegetais para corte e aproveitamento da madeira de lei, tal era a ganância pela imediata transformação das terras virgens em cafezais. Para a região migraram homens da baixada fluminense, mineiros e paulistas levando milhares de braços escravos.

• Os caminhos de penetração

Os caminhos que concorreram para o desbravamento da serra fluminense se apoiaram inicialmente nos “caminhos do ouro” que ligavam o Rio de Janeiro às Minas Gerais – o Caminho Velho, o Caminho Novo e suas variantes, principalmente o Caminho Novo do Tinguá. Alberto Lamego, no livro *O Homem e a Serra*, de 1963, descreve com muito realismo, fundamentado em relatos, a ocupação da região serrana através dos caminhos de penetração.

O mapa, apresentado a seguir, foi trabalhado buscando realçar os caminhos de interesse para o café. Ao mapa foram anexadas imagens de artistas viajantes que acompanharam as antigas missões, como:

- as aquarelas de Jean Baptiste **Debret**, pintor francês que morou no Brasil entre 1816 e 1831, publicadas no álbum **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**;



Rugendas, Floresta virgem



Rugendas, Desmatamento de uma floresta

¹ LAMEGO, 1963 (p.221)

² idem, (p. 105-106)

- as pinturas de Rugendas Johann Moritz, artista alemão que publicou **Viagem pitoresca através do Brasil**, em 1834.

O texto que se segue com a descrição dos caminhos carroçáveis é de autoria de Adriano Novaes e Leila Vilela Alegrio, resultado de um minucioso trabalho de pesquisa realizado pelos autores, e gentilmente cedido para compor o presente relatório.

• Caminho Velho

Nos meados do século XVI, a região de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba recebeu especial atenção da metrópole no sentido de colonizar a área e garantir sua posse para a Coroa Portuguesa. Essas regiões desempenhavam papel estratégico entre o caminho do mar e a penetração para o interior. A principal atividade econômica da época era o cultivo da cana-de-açúcar.

Foi com o surgimento das notícias sobre o ouro, em 1695, que os primeiros aventureiros subiram a trilha dos Guaianazes com destino ao sertão. No final do século XVII, foi criado o caminho para as Minas Gerais, a que se tinha acesso pela serra do Quebra Cangalha, pelo caminho da Freguesia do Falcão (atual Cunha), atingindo-se o rio Paraíba do Sul. Nesse ponto, dava-se o encontro com a rota dos bandeirantes paulistas, na altura de Guaratinguetá, e com a Garganta do Embaú. Vencida a serra, o caminho seguia até Baependy, Carrancas, São João Del Rei e São José Del Rei (hoje, Tiradentes), até alcançar os arraiais de Antônio Dias e de Vila Rica (atual Ouro Preto).

Parte desse caminho ainda existe, como, por exemplo, o trecho que liga Parati a Cunha e Guaratinguetá, a atual RJ-165/SP-171.

• Caminho Novo

Dois fatores importantes fizeram com que a Coroa Portuguesa mudasse a principal rota do ouro: o primeiro foi a sua longa extensão; o segundo problema era os portos de Angra dos Reis e Paraty, alvos fáceis para o ataque de piratas e corsários.

Em 1698, a Coroa Portuguesa tomou a decisão de abrir um novo caminho que ligasse o Rio de Janeiro às Minas Gerais. Esse caminho ficou conhecido como Caminho Novo. Nesse mesmo ano, o desbravador Garcia Rodrigues Paes, filho do famoso bandeirante Fernão Dias Paes, o “caçador de esmeraldas”, foi encarregado da empreitada e levou a cabo a incumbência de abrir o Caminho Novo. Os trabalhos de abertura do caminho tiveram início na fazenda Garcia, localizada nas margens do rio Paraíba do Sul, onde hoje se encontra a cidade do mesmo nome. Logo, ainda em 1698, a nova ligação

entre o Rio de Janeiro e as Minas Gerais já era praticável, embora somente tenha sido concluída por volta de 1704.

O Caminho Novo, assim denominado para diferenciar-se da antiga rota, iniciava-se na foz do rio Iguaçu, na baía de Guanabara; a seguir, passava-se por Xerém, subindo a Serra do Couto e indo às roças do capitão Marcos da Costa e do Alferes (atual Paty do Alferes); a seguir a fazenda Pau Grande (hoje Avelar), e ao Paraibuna (Monte Serrat); passava pela Rocinha da Negra (atual Simão Pereira) Matias Barbosa, fazenda Juiz de Fora (hoje cidade de Juiz de Fora), Chapéu d' Uvas (hoje Antônio Moreira), fazenda da Mantiqueira, Borda do Campo (atual Barbacena), Registro Velho e Encruzilhada do Campo. Neste ponto havia uma bifurcação; um caminho que levava a Vila Rica, atual Ouro Preto, e outro que ia até São João D'El Rei. Este último ficou conhecido como "Caminho do Ouro", uma vez que por aí passavam os carregamentos de ouro destinados à Coroa.

Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, essa estrada passou também a ser conhecida como **Estrada Real** ou, ainda, **Estrada da Corte**.

• **Outras variantes do Caminho Novo**

Durante todo o século XVIII, inúmeras vias alternativas ao Caminho Novo vão sendo abertas, todas, inicialmente, com a finalidade de encurtar distâncias.

Em 1723, Aires Saldanha, então governador da Capitania do Rio de Janeiro, incumbiu Garcia Rodrigues de criar um caminho alternativo que evitasse a Serra do Couto, mas este não aceitou a incumbência alegando estar cansado e doente.

O mesmo encargo foi então proposto a Bernardo Soares de Proença, rico fazendeiro, que morava em Suruí e conhecia toda a região, sendo-lhe oferecida, em troca, a doação de uma sesmaria desde o Alto da Serra até o Itamarati. Bernardo recebeu a sesmaria em 11 de setembro de 1721 e teve sua confirmação através de Carta Régia datada de 30 de julho de 1723.

O Caminho, que antes exigia 30 dias para ser percorrido, foi reduzido a apenas quatro ou cinco dias de viagem. Esse atalho ficou conhecido como **Caminho de Inhomirim, Caminho de Estrela** ou **Caminho Proença**, mas seu nome oficial era **Atalho do Caminho Novo**.

Pouco depois da abertura da variante do Proença. Foi construída a **Estrada Normal de Estrela**, que aproveitava grande parte da Estrada do Proença. Essa variante iniciava-se no Porto de Estrela, passava pela fazenda da Mandioca, que pertenceu a Langsdorff, por fazendas do Córrego Seco (atual Petrópolis), Padre Corrêa, Pampulha, Vila de Sebolos, e se encontrava,

afinal, com o “Caminho Novo” em Santo Antônio da Encruzilhada. Mais tarde, parte desta estrada seria aproveitada pela **Estrada União e Indústria**, atual RJ-107, entre Petrópolis e Posse.

Além dessa variante, duas outras vias originaram-se do Rio de Janeiro, ainda no século XVIII. Uma delas é o **Caminho para São Paulo**, ou **Estrada Real de Santa Cruz**, ligava o Rio de Janeiro a São Paulo de Piratininga, e foi aberta por volta de 1728/1733, com objetivo de transportar o ouro vindo das minas de Cuiabá, no Mato Grosso, para os portos do Rio de Janeiro. O caminho passava por Santa Cruz, Itaguaí e São João Marcos; a seguir, prosseguia entrando na Província de São Paulo por Bananal e, posteriormente, a Areias, conectando-se com o antigo caminho velho em Cachoeira Paulista. A outra estrada denominada do **Rodeio, Caminho de Terra Firme** ou, ainda, **Caminho Novo do Tinguá**, foi aberta por volta de 1750. Iniciava-se no Rio de Janeiro, prosseguindo em direção ao Engenho de Pedro Dias – onde o guarda-mor Pedro Dias Paes construiu a capela dedicada a N. S. de Belém e menino Deus, atual Japeri – e subia a serra do Tinguá, fazendo ligação com o cominho de Garcia Rodrigues, na fazenda Pau Grande. À margem desse caminho seria construída uma capela que daria origem à freguesia de Sacra Família do Caminho Novo do Tinguá.

Desses caminhos aparecem derivações ainda no século XVIII, como aquele que saindo de Belém (hoje Japeri), na direção de Terra Firme, rumava para a capela de Sant’ Ana, nas margens do rio Piraí, atual cidade de Piraí e, em seguida, para Barra Mansa e Campo Alegre da Paraíba Nova, atual cidade de Resende.

Outra estrada também construída no fim de século XVIII, menor, mas não menos importante que suas contemporâneas e muito movimentadas estradas do ouro, foi o **Caminho do Menezes**, aberto em 1782 por ordem do governador das Gerais, D. Rodrigo de Menezes. Embora sua construção tenha sido tardia para seu propósito, que era dificultar o contrabando de ouro, então muito grande na região do “Sertão do Rio Preto”, que hoje compreende todos os municípios de Valença, Rio das Flores, Belmiro Braga, Rio Preto e Santa Rita de Jacutinga, essa estrada muito contribuiu para o desbravamento do Vale do Rio Preto, um dos principais subafluentes do rio Paraíba do Sul.

A construção e o patrulhamento desse caminho ficaram a cargo do alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, na época residente na fazenda da Rocinha da Negra em Simão Pereira.

As fontes primárias, referente à construção da mencionada estrada assim como o mapa faz parte do valioso acervo da antiga fazenda da Rocinha da Negra, hoje, denominada Cabuí, cujo acervo encontra-se em mãos de particular.

Caminhos do Café - antigas e novas estradas

No início do século XIX, com o esgotamento das minas de ouro nas Gerais, os caminhos abertos para o carregamento desse metal permitiram que uma nova riqueza, o café, povoasse as terras praticamente virgens do Vale do Paraíba do Sul. Com o apoio da coroa, novas estradas logo surgiram e as antigas foram melhoradas ou ampliadas com o objetivo de facilitar o escoamento da importante carga, que inicialmente era transportada em lombo de mulas.

As primeiras a serem construídas, no século XIX, ligando os portos do litoral ao Vale do Paraíba do Sul, derivam das variantes e ramais dos antigos “Caminhos Velho e Novo”.

No “Caminho Velho”, o primitivo porto de Paraty foi substituído pelos de Jurumirim, Ariró, Itanema, Frade, Mambucaba, Bracuhy e Sítio Forte, todos na baía de Angra dos Reis. Esses é que recebiam quase toda a produção do sul e sudoeste fluminense, do chamado norte paulista, da zona meridional de Minas e ainda de Goiás. Até 1864, a antiga povoação de Santos Reis Magos, atual cidade de Angra dos Reis, foi, depois do Rio de Janeiro, o porto mais movimentado do Sul do Brasil. Havia também os portos de Itaguay e Mangaratiba.

Era também através desses portos que se fazia o desembarque de africanos no litoral sul do Rio de Janeiro. Depois da Lei de 1850, que proibiu o tráfico de escravos, um importante acontecimento, que ficou conhecido na época como “Caso de Bracuhy”, verificou-se em 1852, envolvendo os nomes de ricos fazendeiros com a atividade recém-proibida. Aí encontram-se os nomes de Manoel de Aguiar Vallim, o maior produtor de café na região de Bananal, e do Comendador Joaquim José de Souza Breves, o chamado Rei do Café. Todos os envolvidos foram indiciados, mas... inocentados.

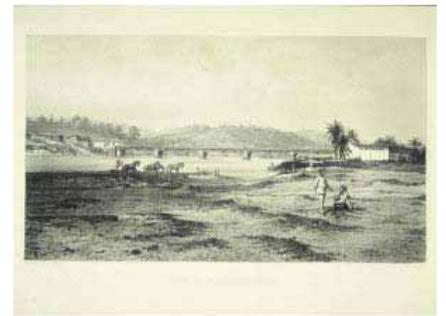
É nesses portos que se iniciam as novas estradas. Podem ser assim citadas a de Mambucaba, que margeava o rio do mesmo nome, seguindo até a Serra Geral e do Frade, onde bifurcava-se para Silveiras e para São José do Barreiro e Rezende; a estrada de São João Marcos, que ligava o porto de Mangaratiba à cidade do mesmo nome e subia em direção de Rio Claro até atingir Barra Mansa, onde dividia-se para Rezende e Quatis; e a do Caramujo, que ligava os portos de Angra dos Reis e Jurumirim a Rio Claro. É por essas estradas que, até a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro D. Pedro II, irá ser escoada toda a produção de café de Rezende, Barra Mansa, São João Marcos, Bananal e São José do Barreiro, região pioneira na produção dessa lavoura no Vale.

Dos portos da Baixada (Iguaçu e Estrela) que serviam ao antigo “Caminho Novo” e variantes, também surgem novas estradas: “Comércio” e “Polícia”.

• Estrada do Comércio

Tendo sido construída em 1819, pela Real Junta de Comércio, Agricultura, Fábrica e Navegação do Estado do Brasil e Domínios Ultramarinos, daí ganhou seu nome “Comércio”. Conrado Jacob Niemeyer foi encarregado da reconstrução do caminho que partindo da " Planície de Iguaçu, (hoje Iguaçu Velho), passava por Santa Ana das Palmeiras, ganhava a serra de Tinguá, e seguia pelo rio Santa Ana, águas acima, em direção a Ubá, internando-se pelas terras situadas entre o Paraíba. Media este caminho Dez léguas de extensão, da Vila de Iguaçu à margem do Paraíba. Seu desenvolvimento na serra do Tinguá era de 3.336 metros. Vencendo uma diferença de nível de 704 metros. No percurso da serra havia um trecho calçado a pedra, na extensão de 1.870 metros. e várias grandes muralhas de extensão. Contavam-se 25 pontes e 44 pontilhões.

A estrada partia da Vila de Iguaçu e alcançava a primeira légua antes da ponte sobre o rio Otum. Seguia mais ou menos, o curso do Otum, cortando os ribeirões Cachoeira de Baixo, Cachoeira Grande, Cachoeira Brava e outros, chegando com três léguas ao alto da serra do Tinguá; atravessava os ribeirões da Grotá, Posse, Galinhas, Bastos e cortava o rio São Pedro mais ou menos nas proximidades do rancho de Antônio Ferrador. Depois de atravessar o ribeirão do Quilombo, marcavam-se três léguas e meia antes de cortar a serra assinalada com a denominação de Santa Ana. Adiante da ponte sobre o ribeirão das Palmeiras (afluente do Santa Ana) contava-se quatro léguas. A cerca de dois quilômetros mais ou menos da ponte sobre o Santa Ana, assinalavam-se quatro e meia léguas. Pouco adiante indicavam-se à direita a "travessia para a estrada do Werneck" e, à esquerda, o **Caminho para Vassouras**. Adiante, assinalava-se o "alto da serra da Viúva ou serra Geral", além da qual contavam-se cinco léguas. Atravessava o ribeirão das Pedras Brancas. Em lugar de subir rumo a Paty do Alferes, tomava a direção mais para o sul, galgando a Serra do Mar, em trecho que foi chamado Serra da Estrada Nova — entre as serras do Tinguá e de Sant' Ana — passava por Massambará e atingia as margens do Rio Paraíba do Sul. Daí, dividia-se: um braço rumava rio abaixo, passava pela fazenda de Ubá, até encontrar o Caminho Novo e da Estrela; o outro braço cruzava o rio, cuja travessia era feita por meio de balsa. Nesse ponto foi instalado um registro de mercadoria, que vai dar origem à localidade de Comércio. Desse local, Comércio, a estrada segue para a Aldeia de N. Senhora da Glória de Valença, atual cidade



Clerget, Ponte sobre o rio Paraíba do Sul
Fonte: Litografia a partir de foto de Victor Frond



Jacottet, As margens do rio Paraíba do Sul
Litografia a partir de foto de Victor Frond



Thomas Ender, Estrada de época

de Valença, até atingir a Vila de Nosso Senhor dos Passos do Presídio de Rio Preto, na província de Minas Gerais.

Ao longo do século XIX, surgiram várias derivações dessa estrada, a maioria delas sendo construídas dentro do município de Valença e Vassouras. Observe-se que grande parte dessa estrada ainda existe e que aí ainda se trafega. É também importante ressaltar que a construção dessa estrada beneficiou sobretudo as principais fazendas do barão de Ubá, constituídas, à época, de um complexo de 14 sesmarias, capitaneadas pelas propriedades de Ubá e Casal. O barão de Ubá foi um dos mais importantes membros da Junta de Comércio e também o articulador da construção da estrada.

O naturalista August Saint-Hillaire, que descreve maravilhosamente o Brasil nos relatos de suas viagens por muitos desses caminhos, percorreu, em 1822, a Estrada do Comércio, que ele também denominava de Estrada Nova.

• Estrada da Polícia

Tinha como objetivo ligar a capital do reino do Brasil, Rio de Janeiro, ao sul da província de Minas Gerais, passando pelo Vale do Paraíba. Foi aberta em 1820, pelo intendente de Polícia do Rio de Janeiro, Paulo Fernandes Vianna, uma das mais proeminentes figuras da corte de D. João VI. Como a Estrada do Comércio, a da Polícia começava na Vila de Iguaçu, subia a Serra do Mar, entre as estradas do Comércio e de Terra Firme, cruzando-se com esta última próximo de Sacra Família. De Sacra Família seguia em direção à fazenda de José Rodrigues Alves, onde mais tarde foi fundada a cidade de Vassouras. Daí, prosseguia até as margens do rio Paraíba, onde foi construída uma ponte de madeira. Às margens desse rio encontra-se a grandiosa fazenda Santa Mônica, dos marqueses de Baependy, cuja propriedade foi muito beneficiada com a construção da estrada. Da Santa Mônica a estrada tomava a direção da Aldeia de Valença e, dessa, passava pelas terras de Vianna, para pouco mais adiante atingir a Vila do Presídio de Rio Preto. De rio Preto a estrada seguia para rio do Peixe. De grande importância para as fazendas de Vassouras e Valença, assim referiu-se Joaquim José Teixeira Leite, o futuro barão de Vassouras, à Estrada da “Polícia”: “única fonte de vida e prosperidade”. São também suas as palavras: “se vocês desviarem essas estradas da cidade, a cidade terá que se mudar também”. Dessa estrada ainda existem trechos do traçado original, sendo a maioria no município de Vassouras.

Em 1829, o pastor Robert Walsh percorre a Estrada da Polícia, referindo-se à Vila de Valença, no seu *Notice of Brazil*, enquanto Sir Charles Banbury, em 1835, viajando, com toda certeza, pela mesma estrada, já encontrava a Vila de Vassouras construída.



Thomas Ender, Fazenda da Mandioca, 1817

- **Estrada Presidente Pedreira**

Foi idealizada em 1840, mas só tornou-se praticável por volta de 1850. Antes denominada “Estrada da Bocaina dos Mendes”, seu traçado foi estudado pela primeira vez por engenheiros da província do Rio de Janeiro sob as ordens do presidente da província, José Clemente Pereira, proprietário da extensa fazenda das Cruzes, nas proximidades de Ypiranga, município de Vassouras, cuja estrada cortou a mencionada fazenda. A estrada iniciava-se em Pavuna, passava por Belém (hoje, Japeri), Macacos (hoje Paracambi) e subia a serra margeando o rio dos Macacos, até atingir Rodeio (hoje, Paulo de Frontin). Desse ponto a estrada tomava a direção de Santa Cruz dos Mendes (hoje Mendes) e daí seguia até as margens do rio Paraíba do Sul, em Ypiranga. Atravessando o rio a estrada tomava a direção de Ipiabas, passando pelas terras do Barão do Rio Bonito, até atingir Santo Antônio do Rio Bonito (hoje Conservatória), e prosseguia rumo à província de Minas, passando antes por Santa Isabel do Rio Preto.

A respeito das vantagens da estrada, assim oficiou o presidente da Câmara de Vassouras, ao presidente da Província, em 16 de setembro de 1853, segundo STEIN na página 137.

“... não era apenas especialmente vantajosa, mas ainda absolutamente necessária para a cidade de Vassouras e a maior parte do município, que até a esta não tinha uma única estrada de carroça para viajar a Corte e para transportar certas cargas volumosas”.

O nome Presidente Pedreira foi uma homenagem ao então presidente da Província do Rio de Janeiro, Luís Pedreira do Couto Ferraz, o Visconde de Bom Retiro, por ter sido responsável pelo término da obra.

As estradas supracitadas comunicam-se entre si através de outras menos importantes, como, por exemplo, as estradas de Werneck (que cortava a do Comércio, próximo a Paty do Alferes) e do Picú, uma derivação da estrada de São Paulo, que, saindo de Itaguay, subia a serra em direção de Pirahy, passando depois por Barra Mansa, Rezende, até encontrar a Serra do Picú na província de Minas. Essa estrada (do Picú) foi construída entre 1843 e 1846. Todas estas informações encontram-se descritas no relatório do presidente da província do Rio de Janeiro, o senador Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, na abertura da Assembléia Legislativa Provincial do dia 10 de março de 1846.

- **Estrada União Indústria**

Deixando-se de lado os caminhos dos tropeiros, de carroças que ligavam cidades e vilas brasileiras desde o século XVI, foi apenas com a inauguração da Estrada União e Indústria, em 1861, idealizada e executada

pelo genial e empreendedor Mariano Procópio Ferreira Lage, que a história das estradas pavimentadas começou a ser escrita.

A princípio a idéia parecia absurda, pois o projeto, além de inovador, era caro. Mas sonhado por muitos fazendeiros do Vale que viviam atormentados pela demora do transporte do café até a Corte, tudo se fez para concretizá-lo. A moderna técnica construtiva da estrada acabava, em parte, com enormes atoleiros causados pelas caravanas de mulas que levavam o café do Vale aos portos da Baixada. Porém, não era exatamente esse o sonho de Mariano Procópio, que não desejava favorecer um sistema que ia de encontro aos seus ideais de modernidade, sendo seu objetivo levar a indústria a Minas Gerais.

A maior obra de Engenharia na América Latina em seu tempo, começou a tornar-se realidade a 7 de agosto de 1852, quando Mariano Procópio obteve, graças ao decreto do Governo Imperial n. 1.301, a autorização para a referida construção. As obras foram iniciadas em 12 de abril de 1856, com a presença e o incentivo de D. Pedro II e sua comitiva. Os trabalhos exigiam, no entanto, uma grande determinação dos engenheiros e operários, uma vez que implicavam construções de pontes e os trajetos eram entrecortados pelas escarpas graníticas da serra do Taquaral. Mariano Procópio encarregou o engenheiro alemão Koeler para assumir a responsabilidade do trecho que ia da cidade de Três Rios até Juiz de Fora (à época, Paraibuna), e o brasileiro Antônio Maria Bulhões, do percurso entre as cidades de Petrópolis e Três Rios.

A técnica de construção da estrada era das mais modernas do mundo, utilizando-se o macadame, idéia que Mariano trouxera dos Estados Unidos. O macadame surgiu na Escócia, com John Mac Adam, que inventou um sistema de construção de estradas e ruas que consiste em abrir nelas uma cavidade abaulada, igualmente alta em toda a sua largura (caixa de estrada), que deve ser preenchida com uma camada de pedra britada; esta, por sua vez, é recoberta com uma camada de saibro e calcada com o rolo ou cilindro, formando um corpo sólido e compacto.

Ao longo da estrada foram construídas sólidas pontes de pedra e ferro, que, além de se constituírem em verdadeiras relíquias da engenharia, algumas resistindo bravamente ao tempo, como a “das Garças”, em Três Rios, são também belas obras de arte. Nas margens da estrada, além de se constituírem muretas de pedra, plantaram-se Mulungus Vermelhos, árvores da família das leguminosas, que, dada a trama bem feita de suas raízes, conferem grande resistência aos terrenos dos acostamentos. Em época de florada, essas árvores proporcionavam um aspecto agradável à estrada, que ficava toda salpicada de flores vermelhas. Nas 12 estações de mudas

edificadas, nenhuma arquitetura foi repetida, embora todas respeitassem o estilo suíço.

Dividida em duas etapas, a estrada, que foi concluída em 23 de julho de 1861, estendia-se por 144 km no eixo principal, ou seja, Petrópolis/Juiz de Fora, localizando-se 96 km no Estado do Rio de Janeiro e 48 km no Estado de Minas Gerais. Contava ainda com três ramais, a saber: o primeiro partia de Paraibuna, seguia pela margem direita do rio Preto até Porto das Flores (hoje Manoel Duarte) passando por Três Ilhas e Santa Rosa; o segundo começava na estação da Posse e ia até Aparecida, passando por Rio Preto (hoje São José do Rio Preto); o terceiro ramal ia de Sapucaia a Bemposta, entroncando na estrada União e Indústria no ponto onde se achava a estação de Luiz Gomes.

A magnitude e importância que essa estrada trouxe pode ser ainda avaliada pela descrição que dela é feita, em palavras e fotografias, no primeiro guia de viagens do Brasil, Doze horas em Diligência – *Guia do Viajante de Petrópolis a Juiz de Fora*, escrito pelo fotógrafo do Imperador, o francês Revert Henrique Klumb, e editado em 1872.

Sem dúvida nenhuma o ramal de Paraibuna foi o mais importante dos três, como afirmado pelo próprio Mariano Procópio, em carta escrita ao vice-presidente da província do Rio de Janeiro, datada de 1865:

“Finalmente está bem demonstrada a utilidade que o ramal da estação da Paraibuna a Porto das Flores presta à lavoura, dizendo-se que o Exmo. Barão do Rio Preto, possuidor de extensas propriedades de Porto das Flores para cima, e mais avizinado de Valença que da estação de Paraibuna, e todavia o melhor freguês desta, abraçou calorosamente a idéia de se levar avante o melhoramento projetado, concorrendo com 10:000\$000”, de acordo com BASTOS.”



construção da estrada União Indústria

Os caminhos de ferro

A implantação das ferrovias no Vale do Paraíba muito se deveu à intensa produção cafeeira ocorrida na segunda metade do século XIX. De acordo com MORAIS, 2002, *apud* Odilon Nogueira de Matos (1990, p. 10/11), “a estrada de ferro nasceu intimamente ligada ao café, pois seus promotores, quer no Rio de Janeiro, quer em São Paulo e mesmo em outras regiões foram fazendeiros, e toda a rede ferroviária, com raras exceções, foi construída em função da cultura cafeeira”.

A Estrada de Ferro D. Pedro II inaugurou o primeiro trecho (da Corte à Belém, atual Japeri) em 1858, sendo a 3ª ferrovia a ser construída no país. Essa iniciativa se deveu ao denominado "Movimento de Vassouras", que tinha à frente a família Teixeira Leite, o qual pleiteava a construção de uma linha férrea que atendesse aquela região uma vez que abrigava as maiores fazendas de café do Império. Antes mesmo de estar concluída a primeira seção da estrada foi iniciada a implantação de um pequeno ramal, com 6 quilômetros de extensão, que ligava Belém ao pé da serra - o Ramal dos Macacos, que era destinado a absorver o café que era escoado pela Estrada do Comércio até a Vila de Iguaçu. Esse ramal foi inaugurado em 1860.

“A segunda seção, correspondente ao trecho de Belém a Barra do Pirai, com 44,549 quilômetros, foi concluída em etapas, sendo os trechos entregues ao tráfego gradativamente. Assim, em setembro de 1860, foram concluídas e entregues ao tráfego cerca de 3,126 quilômetros, conjuntamente com o Ramal de Macacos. Em seguida, para o trecho entre as Estações de Bifurcação e Rodeio, com 20,321 quilômetros, foram necessários 2 túneis para vencer o trecho de serra, construídos pela firma Roberts, Harvey & C. Este trecho foi entregue ao tráfego em 12 de julho de 1863 e sua inauguração contou com a presença do Imperador D. Pedro II e toda a família Imperial.”³ Em 1864 alcançou Barra do Pirai.

Na segunda metade do século XIX outras estradas foram construídas. A mais importante delas foi empreendida pela E.F. Norte, ou E. F. São Paulo-Rio, que saindo de São Paulo encontrou a E.F. D. Pedro II, em Cachoeira Paulista (SP), em 1877.

Com a queda do Império, em 1889, a E.F.D.Pedro II passou a se chamar E.F.Central do Brasil, que, em 1890, incorporou a E.F. do Norte, com o propósito de alargar a bitola e unificá-las – trabalho concluído em 1908. A nova empresa passou a denominar a antiga estrada D. Pedro II como linha do Centro e o trecho São Paulo-Rio de Janeiro como Ramal de S. Paulo. Em 1957 a Central do Brasil foi incorporada pela Rede Ferroviária Federal S.A. - REFFSA. Por essa estrada passaram trens de passageiros com destino a São

³MORAIS, 2002 (p. 14)

Paulo, até 1998, e para Belo Horizonte, até 1980, através do entroncamento da estação de Barra do Pirai

Outra iniciativa importante foi a abertura, em 1871, do Ramal de Jacutinga pela Companhia E. F. União Valenciana, que ligava Valença a Desengano (Juparanã). Em 1880, este ramal foi prolongado até Rio Preto. Somente em 1910, com a criação da Rede Viação Fluminense, da Linha Auxiliar encampada pela EFCB, foi que se abriu um ramal unindo Governador Portella a Barão de Vassouras e daí se fez a bitola mista, pela linha do Centro, até Desengano, unindo-se Governador Portella a Rio Preto, ao mesmo tempo em que se prolongava a linha até Santa Rita do Jacutinga, na Rede Sul-Mineira, onde a ela se ligou em 1918. Por volta de 1965, o trecho entre Governador Portella e Barão de Vassouras foi entregue à E. F. Leopoldina, enquanto o trecho restante continuou com a Central do Brasil. No período de 1971 a 1973 os dois trechos foram extintos e os trilhos retirados.

A E. F. Rio das Flores foi aberta em 1882 ligando a estação de Comercio (Sebastião de Lacerda), na linha do Centro da E. F. Dom Pedro II (Central do Brasil), com a região de Santa Teresa (Rio das Flores), então um distrito de Valença. A linha terminava em Três Ilhas. A partir daí, uma outra linha com tração animal levava à estação de Paraibuna, na linha do Centro da EFCB. Em 1910, a ferrovia foi encampada pela EFCB que, juntamente com a Linha Auxiliar e o Ramal de Jacutinga, constituiu a Rede Viação Fluminense. Em 1922, a saída do agora chamado Ramal de Afonso Arinos passou a ser Valença e não mais Comercio. O trecho entre esta última e Taboas, de onde se fez a ligação com Valença, foi transformado em estrada de rodagem. A tração a vapor foi prolongada até Afonso Arinos, na linha do Centro da EFCB, abandonando-se a tração animal que existia. Em 1965, o ramal (Valença-Afonso Arinos) foi desativado e seus trilhos retirados.

A chamada Linha Auxiliar foi construída pela E. F. Melhoramentos a partir de 1892 e em 1898 foi entregue o trecho entre Mangueira (onde essa linha e a do Centro se separam) e Entre Rios (Três Rios). O traçado da serra, construído em livre aderência e com poucos túneis, foi projetado por Paulo de Frontin, um dos incorporadores da estrada.

A fase expansionista da companhia EFCB acarretou um déficit econômico financeiro na empresa não só pela incorporação de várias companhias (estradas de ferro Melhoramentos do Brasil - 1903, Valenciana - 1910, Rio das Flores - 1910, Vassourense - 1910, entre outras); como pela realização de novos investimentos na rede sem o necessário equilíbrio econômico-financeiro. Essa crise se prolongou até a segunda metade do século XX, quando todo o sistema implantado herdado pela Rede Ferroviária Federal S.A. – REFFSA entra em processo de decadência determinado pela política nacional de transportes, que passou a priorizar o transporte rodoviário.

Em nossa região de estudo, o Vale do Paraíba Fluminense, a REFFSA, em 1996, concedeu as linhas que ligam o Rio de Janeiro a São Paulo e a Belo Horizonte para a exploração do transporte ferroviário de cargas a MRS Logística S.A. - operadora da chamada Malha Sudeste da Rede Ferroviária Federal S. A.

Merece, ainda, registro uma outra linha férrea não incorporada pela EFCB - o trecho compreendido entre Santa Rita do Jacutinga (MG) e Passa-Três (RJ) - construído entre 1879 e 1883 pela E. F. Pirahyense, sendo depois absorvida pela ferrovia mineira - Rede Sul-Mineira (1910-1931) e Rede Mineira de Viação (1931-1961). Os trens de passageiros circularam até 1942 entre Barra do Piraí e Passa-Três, terminal da linha no Estado do Rio; e até 1961, entre Santa Rita do Jacutinga e Barra do Piraí. Os trilhos de toda a linha já foram retirados.



Escravos trabalhando na construção da estrada de ferro, meados do século XIX

Mapa dos Caminhos de Penetração

Mapas dos Antigos Caminhos

A ARQUITETURA RURAL

Para se entender a arquitetura rural do Vale do Paraíba fluminense é preciso destacar que as atuais casa-grande, moradia dos antigos barões do café, eram o núcleo de unidades produtivas e muitas vezes de beneficiamento do café e de outros produtos. Ainda que reste pouca coisa de vestígios de um conjunto completo de época, não se poderia perder a oportunidade de registrar alguns aspectos importantes que condicionaram o programa de implantação, a localização e a tipologia arquitetônica das antigas sedes de fazenda.

No período inicial de ocupação do Vale no século XIX, até a década de '40, as casas eram mais simples, pois os recursos eram todos eles aplicados na aquisição de escravos e no processo produtivo. A partir dos anos 50, com a riqueza obtida na atividade, os proprietários passaram a investir em benfeitorias, ampliando a área construída e requintado a arquitetura da edificação, externa e internamente, ao gosto neoclássico. Também foi identificada uma terceira fase de edificação rural - o estilo eclético que corresponde ao final do período cafeeiro.⁴

Os proprietários rurais acolhiam viajantes e ilustres visitantes, tendo recepcionado pesquisadores e artistas estrangeiros e membros da Corte, inclusive o imperador D. Pedro II e sua comitiva. Muitas dessas sedes ficaram conhecidas por promover jantares, reuniões culturais e saraus com músicos europeus. Abaixo, imagens de litografias de artistas franceses feitas a partir das fotografias tiradas por Victor Frond entre 1857 e 1862.

Em fins do século XIX a maioria das fazendas do Vale do Paraíba encontrava-se arruinada. Seus proprietários não conseguindo sustentar a decadência do café, tiveram suas propriedades arrecadadas pelos bancos credores. No início do século XX, terras e benfeitorias foram a leilão, iniciando uma nova etapa produtiva com a atividade agropecuária, já nas mãos de novos donos. No final do século surgiu uma nova vocação - a do turismo cultural, que tem motivado proprietários a se associarem entre si e abrirem as portas para hospedagem ou simples visitação pública, muitas vezes acompanhadas de culinária, música e danças de época.

A implanta o no sítio, o programa arquitetônico e tipologias construtivas

Buscando a proximidade dos mananciais de água – fator primordial para mover a maquinaria da produ o, lavar o café e prover as atividades



Fazenda Secretário
Fonte: Jacottet, litografia.  lbum Victor Frond



Fazenda Ubá
Fonte: Clerget, litografia.  lbum Victor Frond

⁴ FIGUEIREDO, 1999 (p. 79)

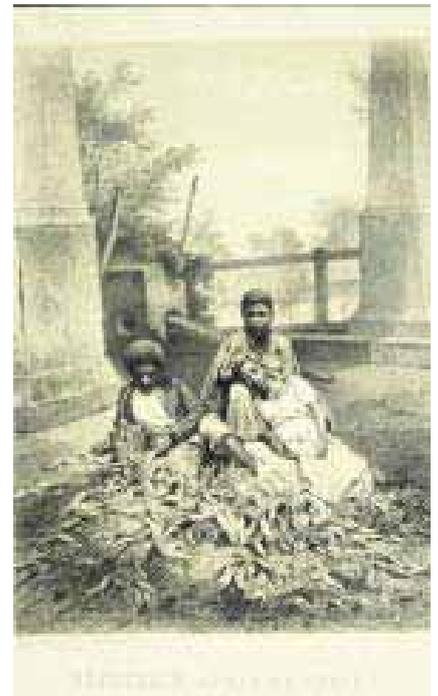
humanas, a casa-grande era implantada sempre em posição superior às demais edificações que compunham o conjunto.

Quanto ao arranjo funcional das demais edificações, “As construções formam um quadrilátero funcional, onde estão a casa grande, a senzala, os engenhos, as tulhas, o paiol, os armazéns, as estrebarias e os chiqueiros. Este quadrilátero poderá em alguns casos definir o terreiro de café (Fazenda do Pocinho, Vassouras; Fazenda de Sant'Ana, Barra do Pirai, no que pese elas não terem sido concluídas; e Fazenda da Prosperidade, Barra do Pirai). Na maioria dos casos ele não será perceptível de imediato, pois as construções se encontram mais dispersas (Fazenda da Taquara, Barra do Pirai; Fazenda do Aterrado, Barra do Pirai; Fazenda Feliz Remanso, Barra do Pirai; Fazenda do Secretário, Vassouras, etc...). Nos casos de fazendas de menor porte todas essas construções poderão estar anexadas à casa grande formando um só edifício.”⁵

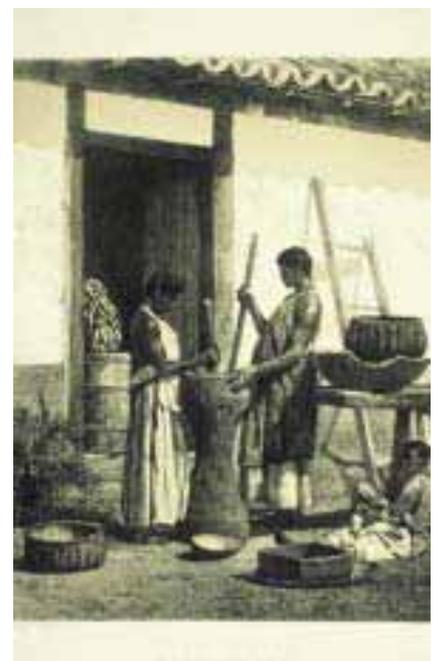
O modo de produção “limitou a extensão da fazenda, mas não o número delas em relação ao proprietário, chegando alguns a possuir 20 fazendas aproximadamente, com cerca de 6.000 escravos. A plantação exigia cuidados permanentes. (...) Além da terra cultivada, a unidade agro-industrial cafeeira compunha-se de:

1. Casa grande - habitação do senhor e de sua família, normalmente composta de compartimentos próprios a uma residência, incluída a capela ou oratório.
2. Casa do administrador - nas unidades de maior porte ou nas fazendas “filiais” havia ainda a residência do administrador.
3. Senzala - habitação dos escravos, composta apenas de quartos de dormir
4. Engenho - para beneficiamento do café, com o maquinário movido por sistema hidráulico, Além disso beneficiava a cana-de-açúcar, mandioca e o milho.
5. Tulha - parte do complexo do engenho era o local para armazenagem dos produtos agrícolas.
6. Terreiro de café - onde se lavava e secava o café.
7. Enfermaria - numa região sujeita a constantes epidemias provocadas, entre outras cousas, pelas péssimas condições de vida dos escravos, é comum se ter 'notícias de enfermarias.’⁶

Quase todas elas contavam ainda com pomares, açudes e aquedutos. Muitas dispunham de linha férrea particular ligando a sede à estrada de ferro próxima – é comum se encontrar em mapas de época denominações de antigas paradas com o mesmo nome da fazenda.



Champagne, Negro após o trabalho



Laurentes, Pilando o café

⁵ ROCHA, 1985 (p. 58)

⁶ idem, (p.56)

Comumente, a entrada da fazenda era marcada por um renque de palmeiras imperiais, similar ao do Jardim Botânico do Rio de Janeiro – símbolo de nobreza e identificação com a Corte, mantidos até os dias de hoje.

- **As soluções arquitetônicas**

Trata-se de uma arquitetura singular introduzida pelos colonizadores da região, oriundos de Minas Gerais, que trouxeram a experiência urbana de habitar - “Em diferentes situações topográficas, climáticas e programáticas esses homens deram uma nova interpretação espacial às soluções arquitetônicas mineiras até então praticadas e absorvidas. Este comportamento trouxe, no seu bojo, muito da experiência da morada paulista. A varanda fronteira ladeada por dois cômodos é uma constante em nossas fazendas”.⁷

“Na maioria absoluta das vezes são de pau-a-pique, sobre baldrame de madeira ou pedra, dando à construção um ritmo bem marcado pelos pilares que fazem as vezes de cunhais nas construções mais elaboradas. A madeira, quando aparente, seja nos pilares seja no enquadramento das esquadrias, ou nelas próprias, é pintada de cores fortes contrapostas às paredes, salvo raras exceções brancas. Os telhados com suas grandes tesouras, assentam-se majestosamente sobre as paredes formando acentuados beirais. As platibandas são raríssimas”.⁸

Além da influência regional, a produção arquitetônica incorporou as regras e o gosto ditado pela Academia Imperial de Belas Artes, adotando elementos do gosto neoclássico que se traduziam na preocupação com a simetria e a modulação, no uso de colunatas e de escadarias centrais que marcavam o acesso principal.

Devido à umidade, casa-grande era construída sobre um primeiro piso, elevado do terreno natural. O pavimento térreo contava com espaços destinados às atividades de serviço, inclusive para a acomodação dos escravos domésticos – que era denominada como senzala de dentro; e no segundo a residência propriamente dita - tal como as casas comerciais urbanas. O acesso à moradia podia se dar por vestibulo situado no primeiro piso ou por escada externa independente.

A parte social, a mais imponente da casa, era sempre voltada para o acesso principal. Em diversas situações, a sala de jantar funcionava como um espaço de passagem interligando as alas íntima, dos hóspedes e de serviços domésticos.



Charpentier, Negra na roça



Debret, visita a uma fazenda



Rugendas, Batuque

⁷ idem, (p. 61)

⁸ ROCHA, 1985 (p. 64)

Quanto à solução em planta, a grande maioria adotou a solução em forma de “L”, térreas ou assobradadas, de influência urbana; ou retangular com um pátio interno, favorecendo a aeração e a iluminação dos cômodos. Há, ainda, a planta em forma de “U”, adotada em edificações mais imponentes e sofisticadas. As tipologias de fachada já estudadas seguem apresentadas na página seguinte.

- **Os vestígios remanescentes**

O quantitativo alcançado com a realização deste trabalho de inventário não pretendeu reunir o universo dos exemplares remanescentes do período áureo da produção cafeeira. Trata-se da identificação e registro dos imóveis que se mantém com integridade arquitetônica e com um mínimo de conhecimento sedimentado sobre sua história.

Do total de 82 imóveis cadastrados, cerca de 25% (23) deles encontram-se abertos à visitação. Esta indicação encontra-se assinalada nos verbetes de apresentação das fazendas, ao final do relatório.



Ruggendas, Família de fazendeiro

MUNICÍPIO	SEDES DE FAZENDAS HISTÓRICAS	
	FICHAS / REGISTROS	FOTOS
Barra do Piraí	15	56
Eng. Paulo de Frontin	1	1
Mendes	1	0
Miguel Pereira	2	4
Paraíba do sul	1	3
Paty do Alferes	3	19
Piraí	6	16
Rio Claro	1	2
Rio das Flores	16	87
Valença	23	59
Vassouras	12	50
Volta Redonda	1	4
TOTAL	82	321

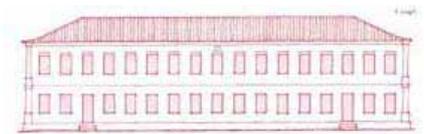
Abaixo, uma análise arquitetônica das casas de fazendas feita por Joaquim Cardoso, em 1943, que define as quatro primeiras categorias; e de Alcides da Rocha Miranda e Jorge Czajkowski, em 1986, que acrescenta uma quinta categoria às definidas anteriormente.



1. Tipo de construção herdada dos engenhos de açúcar do século XVIII, possui alpendre, capelas e anexos.



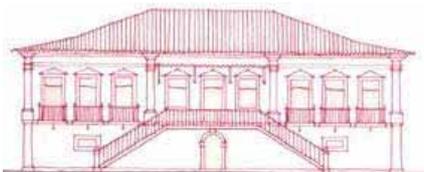
2. Esse tipo possui apenas um exemplar, a Fazenda Pau d'Alho, pioneira no cultivo do café, mostrando um volume compacto coberto por telhado de quatro águas e alpendre de ponta a ponta.



3. Esse é o "casarão", sobrado de muitas portas e janelas;



4. Casas de um pavimento com sobrado no centro da fachada ocupando área menor que a do andar térreo.



5. Casarão de um pavimento, às vezes sobre porão alto, tem como característica uma escadaria de dois lances na fachada.

ARQUITETURA URBANA

Os primeiros povoamentos do Vale do Paraíba surgiram no século XVIII ao longo dos “caminhos do ouro”. Nasceram de ranchos e roças de mantimentos de apoio às tropas de mulas dos carregadores de ouro que por lá transitavam. As roças plantavam milho, mandioca e feijão. Infelizmente, os testemunhos arquitetônicos desta fase ligados a uma economia de subsistência, desapareceram. Próximos a eles se instalaram os primeiros engenhos de açúcar com suas destilarias, que tiveram muita importância na época, como Pau Grande e Ubá – fazendas que eram referência de pouso para viajantes, testemunhado por Saint-Hilaire.

Como núcleos urbanos pioneiros tem-se Resende e São João Marcos, no Caminho de São Paulo; e Paty do Alferes e Sacra Família do Tinguá, respectivamente nos caminhos novos de Garcia Paes e de Tinguá. A constante ameaça indígena aos fazendeiros das freguesias de Sacra Família do Tinguá, Conceição do Paty do Alferes e Conceição da Paraíba Velha precisa ser solucionada. Em 1789, por ordem do Vice Rei Luiz Vasconcelos e Souza, foi determinado o aldeamento dos índios Xumetos, Pitas, Araris e outros, que vivam às margens do Rio Paraíba e Preto, denominados por “Coroados”. Foram encarregados da tarefa os fazendeiros donos do engenho de Pau Grande e da Fazenda Ubá, junto com o capitão Ignácio de Souza Werneck, que conseguiram reuni-los à margem esquerda do Rio Paraíba, região ainda desabitada que viria a se tornar a vila de Valença. Em 1825, esse aldeamento foi transferido para outro local que passou a ser conhecido como Conservatória ou Aldeia de Santo Antônio do Rio Bonito.

Com o café, a colonização foi intensificada com a doação de sesmarias e estimulada a abertura de novos caminhos que facilitariam o desenvolvimento de lugarejos embrionários como Vassouras, Valença, Barra do Pirai e mais tarde Rio das Flores (Santa Tereza). A configuração urbana inicial contava como um casario desenvolvendo-se ao redor do largo da capela – que inicialmente era uma construção simples. As casas urbanas térreas ou assobradadas, em sua maioria, eram dispostas em ruas estreitas, com poucas janelas e portas, voltadas para a rua. O telhado de duas águas em telhas de capa e canal, suportada por paus roliços, acompanhava os lotes longitudinais e profundos que terminavam em quintais com pomares.

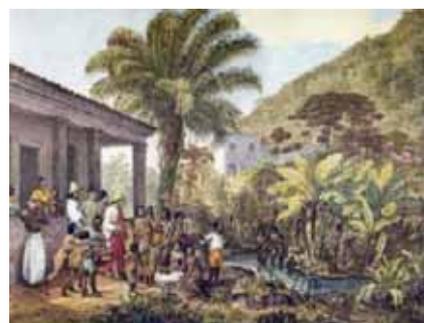
A riqueza que se difundiu na região permitiu que os proprietários rurais assumissem a liderança política local e junto ao governo Imperial - “Em meados do século XIX, as fazendas do Vale do Paraíba produziram grande quantidade de café, possibilitando uma época de prosperidade não só para a região, como também para o Império. A maneira como essas fazendas viveram, produziram e comercializaram seus produtos, bem como a



Rugendas, Encontro de índios com viajantes europeus



Rugendas, Descanso de uma caravana



Rugendas, Índios numa fazenda



Rugendas, Índios na sua cabana

dominação exercida pelos fazendeiros sobre os dependentes livres e escravos e sua relação com o poder político, foi objeto de numerosos estudos...⁹



Debret, Transporte de café e vendedoras de pó de café

A vitalidade econômica e financeira rural se rebateu de alguma sorte no meio urbano, onde os fazendeiros participavam com a doação de terras para a construção de igrejas, hospitais e asilos; e comumente estavam à frente de obras assistenciais reunindo fundos para reforma e manutenção dessas instalações. Enfim, pode-se afirmar que as principais edificações urbanas foram construídas sob os auspícios dessa nova elite. A inauguração dos grandes feitos contava com a presença do Imperador D. Pedro II.

Ao final do século XIX, com o apogeu da produção cafeeira, o advento da estrada de ferro, o início da industrialização e o desenvolvimento da urbanização, o casario urbano e as igrejas passaram por um processo de embelezamento. Tendo surgido uma nova tendência de estilo arquitetônico - o neoclássico, as fachadas das casas urbanas escondem os beirais telhados atrás de platibandas enfeitadas com arremates. Surgem novas expressões arquitetônicas a partir de projetos e mão de obra estrangeira e a importação de novos materiais construtivos. Começa então a predominar o estilo eclético, oscilando entre os gostos de italianos, portugueses, franceses e ingleses.

É notório que o esplendor da arquitetura urbana não é o mesmo em todas as cidades que viveram a época áurea do café. Tais manifestações estão intimamente ligadas aos interesses, disputas ou mesmo união dos antigos fazendeiros em fomentar e participar da vida urbana.

A nova dinâmica econômica de acessibilidade e tecnológica do século XIX, produziram alterações profundas na polarização regional inicial, que de alguma forma se rebateram na vida urbana. Algumas cidades como São João Marcos, que ficou à margem dos novos caminhos do café, estagnou e acabou sucumbindo sobre as águas da represa de Lajes, em 1940; Paty do Alferes e Sacra Família, que perderam a primazia pela falta de interesse político local na disputa com Vassouras; e Barra do Piraí, que passou a polarizar economicamente a região a partir da construção da linha férrea, em 1864, por



Rugendas, Família de fazendeiro indo para a igreja



Barra do Piraí em 1864

⁹ MUNIZ, Célia, 1979 (p.131)

empenho de suas lideranças rurais. Cidades que no século XX tiveram uma inserção mais ativa no processo industrial, como Barra do Piraí, passaram por processo de reedificação e adensamento que vieram a descaracterizar o conjunto de bens de valor histórico e cultural.

- **Os vestígios remanescentes**

Para o inventário dos centros históricos e seus imóveis, a equipe contou com o apoio das principais municipalidades. Em função dos prazos, nem todos puderam ser objeto de pesquisa de campo, como é o caso de Eng. Paulo de Frontin, Mendes, Miguel Pereira, Paty do Alferes e Rio das Flores. Também deixaram de ser contempladas as cidades de Santa Isabel do Rio Preto, em Valença, Sebastião de Lacerda, em Vassouras, e Arrozal, em Piraí – que dispõem de acervo de interesse para um levantamento mais detalhado.

O quadro abaixo apresenta o resumo quantitativo de fichas e fotos, segundo município.



Vassouras, 1854

MUNICÍPIO	CENTROS E IMÓVEIS HISTÓRICOS - URBANOS	
	FICHAS/REGISTROS	FOTOS
Barra do Piraí	15	55
Eng. Paulo de Frontin	1	9
Mendes	1	13
Miguel Pereira	1	5
Paraíba do sul	0	0
Paty do Alferes	1	6
Piraí	10	25
Rio Claro	0	0
Rio das Flores	6	27
Valença ¹⁰	32	83
Vassouras	16	65
Volta Redonda	0	0
TOTAL	83	288

¹⁰ Nestes totais não foram incluídas as 20 fichas de imóveis urbanos e respectivas fotos enviadas pela Prefeitura.

Nota: As fotos têm diversas origens, além daquelas tiradas quando do trabalho de campo. O banco de imagens está organizado por bem imóvel e por fonte.

A ARQUITETURA DOS CAMINHOS DE FERRO

As estações ferroviárias tiveram um papel preponderante não somente nessa região, como em todo o Estado. No século XIX, foram responsáveis pela dinamização das cidades, ou mesmo pela fundação de núcleos urbanos, vindo a se tornar referências locais importantes.

A crise do sistema ferroviário na primeira metade do século XX, deixou algumas localidades no abandono, principalmente aquelas que dependiam quase que exclusivamente da vitalidade econômica promovida pela linha férrea. Comumente, o livro de Monteiro Lobato – Cidades Mortas, de 1919, é lembrado para descrevê-las: local “onde tudo foi e nada é: Não se conjugam verbos no presente. Tudo é pretérito”.

Enquanto as antigas linhas e ramais se mantiveram em operação, as edificações foram, bem ou mal, conservadas. Diante desse universo, hoje saltam aos olhos as poucas que foram restauradas para acolher novas atividades como centro cultural ou educacional, ou postos de serviços públicos.

De qualquer modo, considera-se importante trazer para o âmbito deste projeto um breve panorama sobre o que foi estudado, em termos da arquitetura ferroviária das estações da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil – EFCB, por Sérgio Santos Morais em sua dissertação de mestrado.

A arquitetura ferroviária encontraria na 2ª metade do século XIX um ambiente onde predominava o gosto neoclássico. No entanto, sua arquitetura pouco se beneficiaria dele - adotou uma linguagem eclética que se caracteriza pelo emprego de diversos estilos arquitetônicos ou, até mesmo, a fusão de diversos estilos em uma mesma obra.

Classificação tipológica das estações ferroviárias

Os aspectos funcionais da estação que atendem à operação de um trem, são elementos que definem o seu programa básico. Os programas “variavam de acordo com a dimensão da estação, determinada pela importância econômica do local onde era implantada:

- plataforma para embarque e desembarque de passageiros e mercadorias, localizada junto à via férrea, elevada com relação ao nível do terreno e de acordo com gabarito que permitisse o perfeito embarque nos trens;
- cobertura para abrigo de passageiros e mercadorias contra as intempéries, ao embarcarem;

- compartimentos para os trabalhos de administração e de licenciamento dos trens e local para venda de bilhetes;
- local de espera para os passageiros (em alguns casos a espera se dava na própria plataforma); e
- armazém de cargas e mercadorias.

Considerando as locomotivas a vapor utilizadas no século XIX, eram necessários, ainda alguns equipamentos fundamentais à manutenção das locomotivas, geralmente localizados fora do corpo da estação, destacando-se:

- a caixa d' água suspensa para abastecimento da caldeira; e
- o depósito de carvão que era utilizado como combustível, dentre outros.”¹¹

“Do ponto de vista do trajeto, as estações ferroviárias podiam ser englobadas em três grupos: as estações de passagem ou intermediárias, que eram as que se situavam entre o início e o final do percurso; as estações terminais, onde os trens chegavam após cumprir integralmente o seu percurso e partiam para reiniciá-lo e as estações de transferência ou de entroncamento que eram as que permitiam ao usuário a troca de percurso. Estas conformações irão influir, portanto, na definição da tipologia das estações porque, para cada situação, se estabeleceram relações diversas entre elas e a via férrea. (...)

As estações diferiam umas das outras, basicamente, pelos serviços que ofereciam, estando aí implícita a importância de cada uma, com relação à ferrovia a que pertenciam. Dentro deste prisma podemos, então, proceder a uma outra classificação: as estações de pequeno, médio e grande porte.

Tínhamos, ainda, como exemplo mais simples, a estação rural ou parada, que seria a forma mais rudimentar de uma estação. Consistia de uma plataforma elevada, para facilitar o embarque e desembarque de passageiros e mercadorias e de uma cobertura para proteção contra intempéries. Nesta versão, nenhum outro tipo de operação era feita no local, a não ser a de simples parada do trem.”¹²

Também é observado que “a qualidade do prédio ou seja, suas proporções acabamentos e soluções arquitetônicas mais ou menos rebuscadas, variavam de acordo com o interesse econômico da companhia no local. Esta observação permite entender a razão pela qual algumas estações, com certo porte e acabamento, hoje chamam atenção pelas dimensões e suntuosidade, levando-se em conta o local onde se situam. Pelas suas

11 MORAIS, 2002 (p.67)

12 MORAIS, 2002 (p.68-69)

características torna-se possível definir o grau de importância que o local possuía na época de sua implantação.”¹³

O autor (p. 62) conclui que:

A arquitetura do ferro pouco se manifestou nas estações da Central do Brasil, onde este material aparecia, na maioria dos casos, nas mãos-francesas das plataformas, acopladas aos edifícios de alvenaria ou em estruturas independentes formadas por colunas de trilhos curvados, sustentando a estrutura de madeira das coberturas, sem nenhuma sofisticação. Colunas de sustentação, em ferro fundido, com certa elaboração, apareceram em poucos exemplares e foram fabricadas nas próprias oficinas da companhia. (...)

A arquitetura pré-fabricada em madeira, geralmente importada, teve maior expressão nas construções iniciais, devido à facilidade e rapidez com que eram montadas, mas em sua maior parte foram substituídos por construções mais sólidas em alvenaria.

Dos materiais utilizados, (...) podemos citar como exemplo o tijolo autoportante nas paredes, as estruturas de madeira nas coberturas, as telhas de barro do tipo francesa nos telhados, a madeira nas esquadrias e a cantaria de pedra nos embasamentos e cercaduras. Os acabamentos não apresentavam muita sofisticação, tendo sido utilizado, nos pisos, o ladrilho hidráulico, a pedra, o cimentado e a madeira; nas paredes, a caiação e nas esquadrias de madeira, a pintura a óleo ou o verniz.

Os partidos arquitetônicos adotados não apresentavam grandes variações, levando-se em conta a disposição dos diversos compartimentos em relação ao porte das estações. As inovações ficavam por conta das que apresentavam maiores proporções, devido à sua importância para a companhia, onde se faziam necessários outros serviços e de espaços em maiores dimensões.

• **As estações ferroviárias do Vale do Paraíba**

Com base no conhecimento do antigo sistema ferroviário e nas características tipológicas apresentadas anteriormente, foi possível realizar uma leitura do significado e da importância de época de cada uma das principais estações remanescentes do antigo sistema ferroviário.

Funcionaram como estações de transferência ou entroncamento: Japeri (Belém); Santana da Barra ou Santanésia (Santana), em Barra do Piraí; Barra do Piraí (Barra); Governador Portela, em Eng. Paulo de Frontin; Barão de Vassouras (Rio das Mortes), em Vassouras; Juparanã ou Barão de Juparanã (Desengano), em Valença; Sebastião Lacerda (Comércio), em Vassouras; e Valença. E como estações de passagem, situadas em sedes



Estação de Japeri, antiga Belém, em 1990
Foto: www.estacoesferroviarias.com.br

¹³ idem, (p. 69), apud Sueli de Bem (1998, p.328)

municipais: Eng. Paulo de Frontin (Rodeio); Mendes; Vassouras; Rio das Flores; Miguel Pereira; e Paty do Alferes. Dentre elas, destacam-se as estações de Japeri (Belém), Engenheiro Paulo de Frontin (Rodeio) e Barão de Juparanã (Desengano).

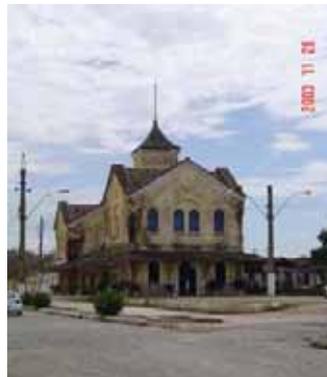
Essa arquitetura é merecedora de levantamentos específicos, detalhados, buscando-se o acervo de plantas e documentos de época junto a Rede Ferroviária Federal; de locomotivas e demais equipamentos remanescentes; e a identificação de movimentos conservacionistas e propostas locais de revitalização de imóveis e de antigas linhas desativadas.

Ao final desse relatório são apresentados 4 mapas-fotos segundo linha ou ramal ferroviário com indicação das principais estações.



Estação Eng. Paulo de Frontin, em 2002

Foto: www.estacoesferroviarias.com.br



Estação de Juparanã, antiga Desengano – desenho de 1908 e foto atual
Foto: www.estacoesferroviarias.com.br

CAMINHOS DO CAFÉ

ROTEIROS E VESTÍGIOS

Como descrito no roteiro metodológico, o inventário dos bens culturais imóveis enfatizou a coleta e a organização das informações secundárias disponíveis sobre os centros históricos e suas edificações, bem como sobre as antigas sedes de fazendas cafeeiras dos municípios abrangidos pelo projeto. O trabalho de campo foi basicamente dedicado ao reconhecimento dos centros históricos¹⁴ e seus imóveis de interesse.

A coleta de informações secundárias foi dirigida para a obtenção de informações sobre o valor e reconhecimento arquitetônico dos imóveis, dados históricos sobre as cidades e suas edificações de importância cultural, referências históricas sobre as antigas sedes de fazenda, localização dos imóveis urbanos e rurais em croquis e em base cartográfica adequada e iconografia da paisagem urbana e dos bens imóveis fichados.

Ao final do trabalho foram organizadas 165 fichas de inventário, sendo 83 referentes a centros históricos e seus imóveis e 82 sedes de fazendas históricas. Do total de fichas referentes à área urbana, foram cadastrados 16 centros históricos, sendo 9 sedes municipais, 7 sedes de distritos e 67 imóveis a eles relacionados. Buscou-se também uma documentação fotográfica sobre tudo aquilo que foi objeto de fichamento. Além das fotos tiradas em campo, foram obtidas imagens com particulares, que se prontificaram a apoiar o trabalho de documentação, e em endereços eletrônicos. Esta tarefa reuniu cerca de 600 ilustrações.

Para sintetizar a apresentação dos resultados, foram realizados resumos das informações de cada uma das fichas do inventário que foram organizados sob a forma de coletânea de verbetes ilustrados, por município, abrangendo os centros históricos e seus imóveis mais significativos; e as antigas sedes de fazenda. Esses resumos totalizaram 28 documentos. Estas informações foram depois reorganizadas segundo 3 roteiros, não mais por município mas seguindo as principais estradas de acesso à região.

A apresentação dos roteiros consta de: 1 mapa síntese onde foram iluminadas as estradas que os compõem e assinaladas informações dos sítios e bens culturais inventariados; 3 conjuntos de mapas e textos descritivos de cada roteiro; finalizando com mapas comentados das linhas, ramais e estações ferroviárias remanescentes dos séculos XIX e início do XX.

¹⁴ Devido ao prazo não foi possível visitar as sedes municipais de Eng. Paulo de Frontin, Mendes, Miguel Pereira, Paty do Alferes e Rio das Flores e deixaram de ser contempladas as cidades de Santa Isabel do Rio Preto, em Valença, e Sebastião de Lacerda, em Vassouras.

QUADRO SINÓPTICO DOS BENS INVENTARIADOS

CAMINHOS DO CAFÉ

Município/ Código ficha de inventário	Denominação do Bem Imóvel	Fotos atuais	Fotos antigas	Desenhos e plantas	Mapas
1. Centro Histórico					
Barra do Pirai					
BPR-CF-U01-00	Barra do Pirai	1			
BPR-CF-U01-01	Igreja de Santana	11			
BPR-CF-U01-02	Palácio Episcopal	1			
BPR-CF-U01-03	Casa n.º 180	1			
BPR-CF-U01-04	Chafariz da Carioca	2			
BPR-CF-U01-05	Casario da Rua Angélica	6			
BPR-CF-U01-06	Ponte Getúlio Vargas	5			
BPR-CF-U01-07	Estação Ferroviária D. Pedro II	10			
BPR-CF-U01-08	Rotunda	1			
BPR-CF-U01-09	Santa Casa de Misericórdia	1			
BPR-CF-U01-10	Chaminé	1			
BPR-CF-U01-11	Associação Rural	1			
BPR-CF-U02-00	Dorândia. Igreja de N. Sra. das Dores	1			
BPR-CF-U03-00	S. José do Turvo. Igreja de São José	2			
BPR-CF-U04-00	Ipiabas. Igreja de N. Sra. da Piedade, Estação Ferroviária, Remonta e Casario	11			
Eng. Paulo de Frontin					
EPF-CF-U01-00	Eng. Paulo de Frontin	9			
Mendes					
MEN-CF-U01-00	Mendes	13			
Miguel Pereira					
MPR-CF-U01-00	Miguel Pereira	5			
Paty dos Alferes					
PAL-CF-U01-00	Paty do Alferes	6			
Pirai					
PIR-CF-U01-00	Pirai				
PIR-CF-U01-01	Igreja Sant'Ana do Pirai	15			
PIR-CF-U01-02	Prefeitura Municipal	1			
PIR-CF-U01-03	Capela de São Benedito	1			
PIR-CF-U01-04	Delegacia de Polícia	1			
PIR-CF-U01-05	Hospital Flávio Leal	3			
PIR-CF-U01-06	Cemitério do SS. Sacramento	2			
PIR-CF-U02-00	Arrozal	1			
PIR-CF-U02-01	Casarão	1			
PIR-CF-U02-02	Igreja de São João Batista				
Rio das Flores					
RFL-CF-U01-00	Rio das Flores	10			
RFL-CF-U01-01	Usina de beneficiamento	3			
RFL-CF-U01-02	Câmara Municipal	0			
RFL-CF-U01-03	Capela Santana	8			
RFL-CF-U01-04	Estação Ferroviária	4			
RFL-CF-U01-05	Fórum	2			
Valença					
VAL-CF-U01-00	Valença	25			
VAL-CF-U01-01	Estação Ferroviária	5			
VAL-CF-U01-02	Oficina da Estação	2			
VAL-CF-U01-03	Praça Paulo de Frontin	3			
VAL-CF-U01-04	Hotel Valenciano	3			
VAL-CF-U01-05	Anexo Inst. de Educação	1			
VAL-CF-U01-06	Chalé Tabit	1			
VAL-CF-U01-07	Solar dos Nogueira	1			
VAL-CF-U01-08	Igreja N S da Glória	1			
VAL-CF-U01-09	Imóvel n. 72	2			
VAL-CF-U02-00	Barão de Juparanã				
VAL-CF-U02-01	Igreja N S do Patrocínio	5			
VAL-CF-U02-02	Estação Ferroviária	2			
VAL-CF-U02-03	Escola B de Juparanã	2			
VAL-CF-U02-04	Casarão	2			
VAL-CF-U02-05	Praça Duque de Caxias	4			
VAL-CF-U03-00	Conservatória	2			
VAL-CF-U03-01	Igreja de Santo Antônio	3			
VAL-CF-U03-02	Casa de Cultura	1			
VAL-CF-U03-03	Casa - R Pedro Gomes n. 16 e 26	3			
VAL-CF-U03-04	Hotel Vila Real	1			

Município/ Código ficha de inventário	Denominação do Bem Imóvel	Fotos atuais	Fotos antigas	Desenhos e plantas	Mapas
VAL-CF-U03-05	Casario R Oswaldo Fonseca	1			
VAL-CF-U03-06	Casa - R Oswaldo Fonseca n. 31	1			
VAL-CF-U03-07	Casario R Luiz A Pinto	1			
VAL-CF-U03-08	Casa Desencontro	1			
VAL-CF-U03-09	Casa Praça n. 459	1			
VAL-CF-U03-10	Casa Praça n. 469	1			
VAL-CF-U03-11	Casa R Luiz A Pinto n. 41	1			
VAL-CF-U03-12	Praça Getúlio Vargas	3			
VAL-CF-U03-13	Túnel que chora	2			
VAL-CF-U03-14	Estação Ferroviária	1			
VAL-CF-U03-15	Ponte dos Arcos	1			
Vassouras					
VAS-CF-U01-00	Vassouras	4			
VAS-CF-U01-01	Igreja N S da Conceição	4			
VAS-CF-U01-02	Praça Barão de Campo Belo	1			
VAS-CF-U01-03	Sta. Casa da Misericórdia	7			
VAS-CF-U01-04	Prefeitura e Câmara Municipal	8			
VAS-CF-U01-05	Casa da Hera	4			
VAS-CF-U01-06	Casa de Cultura	2			
VAS-CF-U01-07	Estação Ferroviária	13			
VAS-CF-U01-08	Palacete Barão de Itambé	3			
VAS-CF-U01-09	Praça Sebastião de Lacerda	7			
VAS-CF-U01-10	Palacete Barão do Amparo	2			
VAS-CF-U01-11	Solar Barão do Ribeirão	1			
VAS-CF-U01-12	Solar Barão de Vassouras	1			
VAS-CF-U01-13	Solar Barão de Massambará	2			
VAS-CF-U02-00	Barão de Vassouras	5			
VAS-CF-U02-01	Igreja S Sebastião	1			
2. Fazendas					
Barra do Pirai					
BPR-CF-R01	Santa Maria	4			
BPR-CF-R02	Ponte Alta	3			
BPR-CF-R03	Taquara	4			
BPR-CF-R04	Alliança	7			
BPR-CF-R05	Ipiabas	2			
BPR-CF-R06	São João Da Prosperidade	5			
BPR-CF-R07	Ribeirão Frio	6			
BPR-CF-R08	São Sebastião	1			
BPR-CF-R09	Monte Alto	3			
BPR-CF-R10	Monte Alegre	1			
BPR-CF-R11	Jurea	1			
BPR-CF-R12	Feliz Remanso	10			
BPR-CF-R13	Aterrado	2			
BPR-CF-R14	Sant'ana	5			
BPR-CF-R15	São Luiz	2			
Eng. Paulo de Frontin					
EPF-CF-R01	Palmas	1			
Mendes					
MEN-CF-R01	Santa Cruz	13			
Miguel Pereira					
MPR-CF-R01	Barão De Javari				
MPR-CF-R02	Piedade	4			
Paraíba do Sul					
PBS-CF-R01	São Fidélis	3			
Paty dos Alferes					
PAL-CF-R01	Monte Alegre	3			
PAL-CF-R02	Arcozelo	4			
PAL-CF-R03	Pau Grande	12			
Pirai					
PIR-CF-R01	Santa Rosa	1			
PIR-CF-R02	Santa Maria Aymores	4			
PIR-CF-R03	Bela Aliança	4			
PIR-CF-R04	Três Saltos	5			
PIR-CF-R05	Confiança	1			
PIR-CF-R06	Botafogo	1			
Rio Claro					
RCL-CF-R01	Gramma	2			
Rio das Flores					
RFL-CF-R01	Saudade	4			
RFL-CF-R02	São Polycarpo	5			
RFL-CF-R03	Cachoeira	4			
RFL-CF-R04	Campos Eliseos	5			

Município/ Código ficha de inventário	Denominação do Bem Imóvel	Fotos atuais	Fotos antigas	Desenhos e plantas	Mapas
RFL-CF-R05	Guarita	3			
RFL-CF-R06	Forquilha	8			
RFL-CF-R07	Santo Antônio	3			
RFL-CF-R08	Bananal	4			
RFL-CF-R09	Bonsucesso	7			
RFL-CF-R10	Paraíso	22			
RFL-CF-R11	Santa Luíza	5			
RFL-CF-R12	Independência				
RFL-CF-R13	Santa Genoveva	6			
RFL-CF-R14	Recreio De Santa Justa	4			
RFL-CF-R15	Santa Justa	6			
RFL-CF-R16	União	1			
Valença					
VAL-CF-R01	Santa Barbara				
VAL-CF-R02	São Lourenço	1			
VAL-CF-R03	São Paulo	5			
VAL-CF-R04	São Fernando	4			
VAL-CF-R05	Florença	4			
VAL-CF-R06	Boa Vista				
VAL-CF-R07	Veneza	3			
VAL-CF-R08	São José	3			
VAL-CF-R09	Sant'ana	6			
VAL-CF-R10	Vista Alegre	8			
VAL-CF-R11	Uricana	2			
VAL-CF-R12	Campo Alegre	6			
VAL-CF-R13	Chacrinha	6			
VAL-CF-R14	Harmonia	1			
VAL-CF-R15	Vargas	4			
VAL-CF-R16	Destino	1			
VAL-CF-R17	Santa Rosa Do Alambique	4			
VAL-CF-R18	Pau D'alho	4			
VAL-CF-R19	Santo Antônio Do Paiol	1			
VAL-CF-R20	Monte Scylene	5			
VAL-CF-R21	Santa Mônica	1			
VAL-CF-R22	Oriente	4			
VAL-CF-R23	Santa Rita	10			
Vassouras					
VAS-CF-R01	Pocinho	10			
VAS-CF-R02	São Roque				
VAS-CF-R03	Cachoeira Grande	3			
VAS-CF-R04	São Fernando	8			
VAS-CF-R05	Santa Rita	3			
VAS-CF-R06	Mulungu Vermelho	1			
VAS-CF-R07	São Luiz Da Boa Sorte	5			
VAS-CF-R08	Ubá	6			
VAS-CF-R09	Santa Eufrásia				
VAS-CF-R10	Triunfo	1			
VAS-CF-R11	Secretario	8			
VAS-CF-R12	Cachoeira Do Mato Dentro	2			
Volta Redonda					
VRD-CF-R01	Três Poços	4			
TOTAL	165	623			

Mapa dos Caminhos Atuais – localização dos núcleos urbanos e sedes de fazendas históricas.

MAPA ROTEIRO 1

ROTEIRO 1

O CENTRO HISTÓRICO DE PIRAÍ

Piraí está situada às margens do rio Piraí junto à Rodovia Presidente Dutra (BR 116).

A entrada da antiga vila de Sant'Anna do Piraí é o principal portal de acesso ao Vale do Paraíba fluminense, através da rodovia RJ 145. Apesar da confluência viária, a cidade está protegida do intenso tráfego de veículos de passagem. Piraí, que significa “rio dos peixes” é um dos principais afluentes do rio Paraíba do Sul.

O centro histórico da cidade é formado pela praça Getúlio Vargas e seu entorno, que se estende até às imediações do sopé da colina onde está implantada a Igreja de Sant'Anna. Sua ambiência é marcada pela ocupação que se espalha entre as rodovias e a beira rio, que foi urbanizada recentemente.

Entre os bens identificados destacam-se, além da Igreja de Sant'Anna do Piraí: o prédio da Prefeitura Municipal, a Capela de Santa Cruz e São Benedito, a Delegacia de Polícia, o Hospital Flávio Leal e o Cemitério da Irmandade do SS. Sacramento. (PIR-CF-U01-00)



Vista da cidade e do rio Piraí. Ao fundo, a paisagem típica da região.

Foto: Sec. Municipal de Educação



Praça Getúlio Vargas

Foto: Fernanda Monho



Foto: www.sindconrr.com.br

IGREJA DE SANT'ANA DO PIRAÍ

A Igreja de Sant'Ana está implantada no ponto mais elevado do sítio original. Foi construída em terras do Comendador Antônio Estevão de Magalhães Pusso, que doou o terreno para patrimônio de Santana.

A construção se iniciou por volta de 1830, vindo a ser concluída no início dos anos '40. A iniciativa muito se deve ao padre Joaquim Gonçalves de Moraes, que custeou parte das obras com seus próprios recursos, sendo complementada com doações feitas pelo Barão do Piraí e por outros fazendeiros abastados da região. (PIR-CF-U01-01)



Foto: Sec. Municipal de Educ. e Cultura

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRAIÁ

O prédio da Prefeitura está localizado no centro da praça Getúlio Vargas. Foi construído em terras doadas pelo Comendador Estevão de Magalhães Pusso em 1838 e as obras custeadas por ilustres fazendeiros. Primeiro serviu como cadeia, depois como Júri e Câmara Municipal, passando a ser sede da Prefeitura somente em 1922.

O paisagismo original da praça foi alterado, sem, no entanto prejudicar a ambiência da edificação e do casario vizinho. (PIR-CF-U01-02)



Foto: Fernanda Monho

CAPELA DE SANTA CRUZ E SÃO BENEDITO

A capela foi construída para louvar a Santa Cruz, em terras de Santana por volta de 1815 e 1816. Como a Irmandade de São Benedito não tinha local para louvar seu orago, ali se instalou com seu padroeiro ficando a capela conhecida por Capela de Santa Cruz e São Benedito. (PIR-CF-U01-03)



Foto: Secretaria Municipal de Educação e Cultura

DELEGACIA DE POLÍCIA

O prédio da rua Comendador Sá foi construído por Bento Gomes Franco que ganhou a concorrência pública em 1917. Foi inaugurado em 1918, pelo governador Raul Veiga e o presidente da Câmara, Domingos Mariano Barcellos de Almeida. (PIR-CF-U01-04)



Foto: Sec. Municipal de Educ. e Cultura

HOSPITAL FLÁVIO LEAL

A idealização da construção do hospital data de 1871. Sua realização só foi possível em 1901, tendo sido inaugurado em 1903.

Foi implantado na antiga chácara do Dr. José Luiz Figueira, que, mais tarde, foi adquirida pela Irmandade do Santíssimo Sacramento com recursos doados por Rufina Gonçalves Barbosa e pelo Capitão Joaquim Ferreira Ribeiro. (PIR-CF-U01-05)



Foto: Sec. Municipal de Educ. e Cultura

CEMITÉRIO DA IRMANDADE DO SS. SACRAMENTO

A edificação caracteriza-se por conter 48 catacumbas para adultos e 24 para anjos. É formado por 13 arcadas simbolizando os 12 Apóstolos e Jesus Cristo. Compõe o conjunto a capela de Nossa Senhora de Piedade.

Foi bento pelo cônego José Theodosio de Souza em 28 de julho de 1851, que veio a falecer um dia depois, sendo inumado na catacumba de nº 01 no dia 30 de julho de 1851. (PIR-CF-U01-06)



Foto: Sec. Municipal de Educ. e Cultura

As Sedes de fazenda no caminho entre Pirai e Barra do Pirai – RJ 145

FAZENDA SANTA MARIA

A fazenda mantém ainda as características de uma autêntica fazenda do período cafeeiro do Vale do Paraíba Fluminense, cujas edificações foram adaptadas às necessidades de uso hoteleiro.

Abrange uma área de 1200 hectares, cujo acesso se dá pela rodovia RJ 145, entre as cidades de Pirai e Barra do Pirai. A sede da fazenda está assentada sobre declive natural do terreno. A casa grande conta com 25 cômodos.

O primeiro pavimento, que não dispõe de comunicação com o piso superior, destina-se a tulhas e depósitos, havendo vestígios de uma antiga senzala. O segundo piso, destinado à habitação propriamente dita, divide-se em três áreas distintas: área comercial, área social e área íntima, tendo ao centro um átrio. (BPR-CF-R01)



Foto: Leila Alegrio



Fonte: www.hotelarvoredo.com.br



Fonte: www.hotelarvoredo.com.br

FAZENDA PONTE ALTA

O acesso à fazenda Ponte Alta se dá pela rodovia RJ 145, entre as cidades de Pirai e Barra do Pirai, próxima à antiga estação de trem de Santana de Barra.

O conjunto edificado está situado num vale tendo ao fundo encostas arborizadas. Um renque de palmeiras imperiais compõe a paisagem. A ambiência externa e interna transpira a memória do século XIX, seja pela presença de vestígios materiais daquela época, como o Sarau Histórico - onde é contada a história da fazenda, teatralmente, como parte do contexto geral da história do Vale e do Brasil.

A sede foi parcialmente reconstruída em 1936. Dos elementos originais restaram a senzala, o engenho, as rodas d'água, a capela e o terreiro de café. Os cômodos originais da senzala apresentam portas de conexão entre eles, permitindo que os escravos transitassem pelos mesmos. (BPR-CF-R02)



Antigo Engenho

Foto: Arthur Vianna



Antiga Senzala



Interior da Capela

O CENTRO HISTÓRICO DE BARRA DO PIRAI

A cidade de Barra do Pirai está situada num vale localizado junto ao encontro das águas dos rios Pirai e Paraíba do Sul. Sua paisagem é marcada pela urbanização que se espalha junto às terras situadas no entorno desses rios. Por ser um centro de atividade comercial dinâmica, caracteriza-se pela intensa circulação de pedestres e veículos através das pontes que ligam a área central aos vários bairros.

Devido ao processo de renovação do centro histórico, as edificações remanescentes do século XIX não formam um conjunto contínuo. Os exemplares mais significativos desse período são encontrados em ambas as margens do Rio Paraíba do Sul, a partir de dois povoadamentos distintos – São Benedito e Sant'Anna, que deram origem à cidade. Em 1864, o povoado de São Benedito recebeu um grande incentivo para seu desenvolvimento com a chegada da Estrada de Ferro D. Pedro II, construída para levar a produção cafeeira do Vale do Paraíba para o Rio de Janeiro. Com a ferrovia, o povoado de São Benedito cresceu e tornou-se centro do comércio do café do Vale do Paraíba. Estabelecimentos comerciais foram criados, armazéns de café recebiam o produto de várias cidades e daqui o enviavam para o Rio de Janeiro. (BPR-CF-U01-00)



Vista de uma das margens do rio Paraíba do Sul.

Foto: Fernanda Monho



Barra do Pirai, em 1864.

Foto: Pedro Simões



Relógio da Est. Ferroviária.

Fonte: Pedro Simões

IGREJA DE SANT'ANA

A Igreja de Sant'Ana localiza-se Rua Barão do Rio Bonito, s/n. ° - Bairro de Santana. A calçada ainda guarda o piso original em pedra costaneira. Foi construída, em 1881, pelo fundador do município, o 3º Barão do Rio Bonito - José Pereira do Faro. A pedra fundamental foi lançada na presença do Imperador D. Pedro II, quando visitou a antiga Vila Sant'Ana, a convite do próprio Barão.

O exterior apresenta janelas e portas em formato de arco, com relógio circular localizado no frontão e torre sineira em forma piramidal com desenhos em alto relevo.

Toda a igreja foi pintada à mão por importantes artistas do Império. No teto, há reprodução da imagem da Imaculada Conceição; e na sacristia um quadro a óleo de Vitor Meireles, retratando o 3.º Barão do Rio Bonito. (BPR-CF-U01-01)



Foto: Pedro Simões

PALÁCIO EPISCOPAL

O Palácio Episcopal está localizado na rua Barão do Rio Bonito, na quadra vizinha a Igreja de Santana, em um lote de esquina com afastamentos frontal e lateral.

Apresenta uma linguagem neoclássica, com adoção de platibanda decorada e presença de estátuas na mesma. O muro é formado até meia altura por estrutura de alvenaria com revestimento e o restante recebe fechamento em gradil de ferro decorado. (BPR-CF-U01-02)



Foto: Fernanda Monho

CASA Nº 180

A casa de nº 180 da rua Barão do Rio Bonito, datada de 1884, juntamente com a Igreja de Sant'Ana, o Palácio Episcopal e o Chafariz da Carioca, formam um pequeno conjunto remanescente do século XIX. A entrada do chalé é lateral, resguardando-o do movimento da rua principal.

O trabalho de adorno em alto relevo, emoldurando as janelas e o frontão, é decorado com guirlandas e um medalhão central com uma figura feminina.

Nesta casa, em 1876, foram escritos por Ovídio dos Santos Mello os principais documentos da autonomia de Barra do Piraí. (BPR-CF-U01-03)



Foto: Fernanda Monho

CHAFARIZ DA CARIOCA

O Chafariz, localizado a rua Dr. José Maria Coelho, s/n. °, é uma obra de arte simétrica, onde sua área central assemelha-se a fachada principal da Igreja de Sant'Ana. Acima do frontão, ainda na parte central da obra, existe uma estátua, sem a cabeça, última remanescente das originais que ornamentavam os nichos do chafariz. Abaixo se lê a inscrição "Carioca" em alto relevo. Mede aproximadamente 8m de altura e 6m de largura.

Construído em 1884, por iniciativa do 3º Barão do Rio Bonito - José Pereira do Faro, o Chafariz da Carioca foi o primeiro equipamento implantado para o abastecimento de água de Barra do Piraí. (BPR-CF-U01-04)



Foto: Fernanda Monho

CASARIO DA RUA ANGÉLICA

O casario da rua Angélica é composto por edificações assobradadas de uso misto, com térreo voltado para o comércio e o 1º pavimento de uso residencial.

As edificações apresentam coroamento composto por platibanda, cornija, frisos e arquitrave; corpo composto por balcões retos, com guarda-corpo de gradil de ferro fundido e consolo em sua base e alguns ornatos em argamassa.

(BPR-CF-U01-05)



Foto: Fernanda Monho

PONTE GETÚLIO VARGAS

É um dos principais marcos da cidade remanescente do século XIX. Sua estrutura é formada por 5 arcos treliçados de cada lado.

A construção da ponte sobre o rio Paraíba do Sul data de 1881, quando foi criada a Estrada de Ferro Santa Izabel do Rio Preto, depois chamada de Estrada de Ferro Sapucaý, Rede Sul Mineira e finalmente, Rede Mineira de Viação, para passagem dos trens e depois de pedestres. Atualmente, continua a servir de passagem para veículos e pedestres.

(BPR-CF-U01-06)



Foto: Pedro Simões

ASSOCIAÇÃO RURAL

Conhecido anteriormente como Sítio Barra do Pirai, pertenceu a Antônio Gonçalves de Moraes, também proprietário da fazenda São João da Prosperidade, em Ibiapas. Seu nome deu origem à denominação da cidade.

A antiga casa era muito maior e possuía tulhas, engenho de café, enfermaria de escravos e olaria com máquina a vapor. Bastante modificada, desde 1846 passou a abrigar a sede da Associação Rural.

(BPR-CF-U01-11)



As sedes de fazenda no caminho entre Barra do Piraí e Valença – RJ 145

FAZENDA TAQUARA

O acesso à Fazenda Taquara se dá pela rodovia BR 393, próximo a entrada da cidade de Barra do Piraí. A sede foi implantada sobre um terreno com pequeno desnível, cujo embasamento de pedra permitiu a formação de um porão habitável. Guarda, até nossos dias, as linhas simples e despojadas da arquitetura colonial rural. Apresenta, ainda, um centro de produção de café como no século passado. A sede da Fazenda Taquara foi construída pelo comendador João Pereira da Silva, afilhado do Barão do Rio Bonito – José Pereira de Faro. A denominação Taquara lhe foi dada mais tarde pelos escravos, em substituição ao nome “Nova Prosperidade”, em alusão a grande quantidade de bambus finos existentes em suas terras.

A propriedade recebe visitantes mediante reserva prévia, oferecendo um delicioso café. Em ocasiões, organiza ainda festas que são realizadas no porão e na antiga senzala. A construção em forma de um quadrilátero com um jardim interno encontra-se ainda preservada. (BPR-CF-R03).



Foto: Leila Alegrio



Foto: Leila Alegrio

(Aberta à visita)

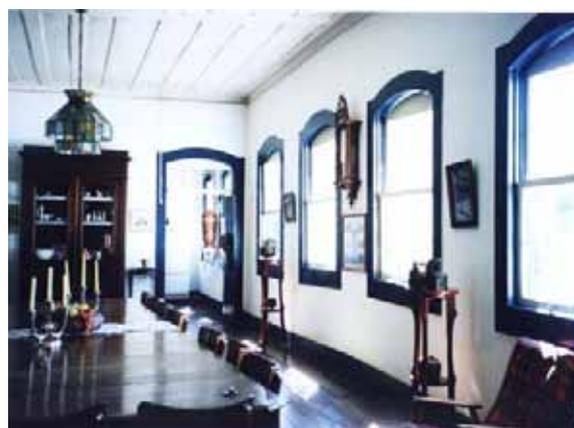


Foto: Leila Alegrio

FAZENDA ALLIANÇA

A sede da fazenda insere-se harmoniosamente na paisagem, apresentando vestígios de que outrora abrigou grande lavoura de café. O acesso à fazenda Alliança se dá pela rodovia RJ 145, entre as cidades de Piraí e Barra do Piraí. A implantação do conjunto foi executada de modo a não permitir a sua visualização de nenhum ponto da área no seu entorno.

O volume construído distribui-se em três alas distintas, sendo duas delas de serviço. No corpo principal, a fazenda apresenta uma tipologia de imóvel urbano, com jardins internos.

Sob a sede da fazenda existe interessante sistema de drenagem, com cerca de dois mil metros de canais subterrâneos feitos de pedra, com 1,50m de largura por 2,00m de altura. (BPR-CF-R04)



Foto: Leila Alegrio



Foto: Arthur Vianna



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA SANTO ANTÔNIO DO PAIOL

O casarão, em estilo neoclássico, é uma construção de dois pavimentos sendo o primeiro um porão alto por onde tem acesso a casa. Possui planta em “U”, com pátio interno, para o qual convergem todos os espaços da casa. Dispõe de onze quartos, três banheiros, salas, copa e cozinha. Apresenta mobiliário luxuoso e muito bem conservado.

A fazenda se destacou na segunda metade do século, quando foram proprietários o casal Francisca Martins Pimentel e Manoel Antônio Esteves - homem de grande visão comercial. Incrementou o plantio de café e cuidou da comercialização da produção, através de sua firma exportadora Esteves & Filhos, que operava nos portos do Rio de Janeiro e de Santos. Seus interesses comerciais também foram direcionados para a construção da Estrada de Ferro União Valenciana, da qual foi o primeiro presidente. Atualmente, pertence à Congregação da Pequena Obra da Divina Providência (Don Orione). (VAL-CF-R19)
(Aberta à visita)



Foto: Leila Alegrio



Foto: Leila Alegrio

Detalhe do desenho do piso



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA CAMPO ALEGRE

Chega-se à fazenda pela RJ 145. A sede apresenta uma linda paisagem de fundo revegetado com espécies de Mata Atlântica. Palmeiras imperiais marcam a sua entrada.

É uma das mais antigas fazendas da região. Foi implantada na 1ª metade do século XIX por Manuel Pereira de Souza Barros, pai do Barão de Vista Alegre. Com a sua morte, a fazenda passou a ser gerida pelo filho, que aprimorou seus equipamentos para a produção cafeeira, introduzindo maquinárias de moer café de Lidgerwood - as mais avançadas da época, tanques e encanamentos para água potável, conectando a fazenda à estação de Souza Barros por linha de 7 Km de bondes e implantando uma linha de telefone. Conta ainda com paiol e terreiro em macadame. (VAL-CF-R12)



Foto: Arthur Vianna



Foto: Arthur Vianna



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA CHACRINHA

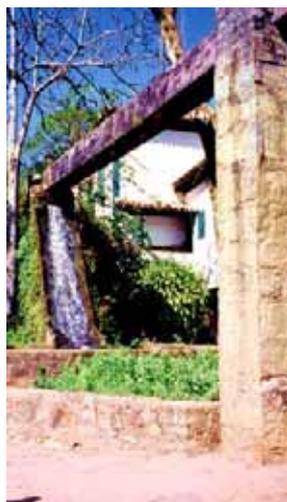
A sede, de gosto neoclássico, foi implantada num belíssimo recanto. Chacrinha - diminutivo de chácara, deriva do complexo da fazenda vizinha, a Campo Alegre.

A construção é bastante refinada para o padrão de época e se assemelha aos palacetes coloniais urbanos. Data da 2ª metade do século XIX, de iniciativa de Manuel Pereira de Souza Barros – o Barão de Vista Alegre. Combina vãos de verga reta com vãos de verga em arco pleno – novidade também na cidade – sobrevergas trabalhadas em massa, janelas em guilhotina com vidro por fora e folhas de madeira abrindo para dentro e bandeiras fixas em madeira desenhada.

As ilustrações abaixo, mostram a roda d'água e trecho de canalização a céu aberto, bem como chafariz existente nos jardins. (VAL-CF-R13)



Fotos: Lélia Alegrio



Fotos: Lélia Alegrio



Foto: Arthur Vianna

FAZENDA HARMONIA

Antiga sede, de expressão arquitetônica singela. Tem acesso pela rodovia RJ 145. (VAL-CF-R14)



Foto: Lélia Alegrio

FAZENDA VARGAS

A antiga casa-grande está assentada sobre platô, de onde se tem uma visão ampla da propriedade.

A implantação da fazenda é atribuída ao D. Emílio Guadagni, cidadão de origem italiana, que além de se dedicar à lavoura de café, clinicava em Valença, tornando-se um conceituado médico na cidade. Esta fazenda permaneceu com a família por muitos anos. (VAL-CF-R16)



Foto: Lélia Alegrio



Foto: Lélia Alegrio

FAZENDA DESTINO

Antiga sede de fazenda cafeeira.

A edificação apresenta-se em bom estado de conservação, mas não é valorizada pela paisagem do entorno, que encontra-se bastante degradada, provavelmente, em consequência da debilitação do solo pelo plantio intensivo de cafezais.

(VAL-CF-R16)



Foto: Leila Alegrio

O CENTRO HISTÓRICO DE VALENÇA

Valença encontra-se situada num vale à cerca de 600 metros de altitude. O clima é seco e ameno, muito em função da intensa arborização existente nos fundos dos lotes e nas diversas praças que compõem a sua área central: XV de Novembro, Dr. Paulo de Frontin e Visconde do Rio Preto. O núcleo histórico contempla exemplares da arquitetura do século XIX e do início do século XX. Vários deles encontram-se restaurados seja para uso público como privado.

Valença, nome dado em honra a D. José de Portugal, nasceu do aldeamento indígena erguido no final do século XVIII em torno da capela de N. S. da Glória, vindo a se tornar freguesia em 1803. No início do século XIX, com a influência do capelão da aldeia, a sesmaria dos índios foi concedida a seus herdeiros, apesar de vários requerimentos a favor dos indígenas. No início do século XIX, a aldeia foi transferida para Conservatória ou Aldeia de Santo Antônio do Rio Bonito.

Com o desenvolvimento da cultura do café, a Vila de Valença se transformou num centro econômico importante, onde grandes cafeicultores se tornaram expoentes da aristocracia rural. A par da decadência da produção, no final do século XIX, chegaram os imigrantes, principalmente, italianos da região da Campania, sul da Itália, que impulsionaram outros setores da economia da região. (VAL-CF-U01-00)



Foto: Sec. Municipal de Cultura

Coreto de 1916, Praça Visconde de Rio Preto



Foto: Sec. Municipal de Cultura

Vista de rua lateral à Praça XV de Novembro



Foto: Sec. Municipal de Cultura



Foto: Sec. Municipal de Cultura

Monumentos da Praça Visconde do Rio Preto

CADEIA PÚBLICA

O prédio da Cadeia encontra-se situado na esquina das ruas Dom André Arcoverde e Domingos Mariano. Originalmente, a edificação destinava o pavimento térreo para as celas de prisões e o segundo pavimento para delegacia e dormitório dos praças.

Hoje, o pavimento térreo teve a sala do carcereiro transformada em sala de atendimento ao público e a sala onde se guardavam os arreios, transformada em sala do carcereiro. O pavimento superior se mantém como parte administrativa com sala para o Delegado, salas para depoimentos e sala para guarda de objetos apreendidos.

A construção original, de um pavimento, data de 1854, sendo essa reformada e ampliada em estilo neoclássico, em 1921.

(Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura.

CASA CARMINHA PENTAGNA

Situada junto a Praça XV de Novembro foi, provavelmente, edificada na segunda metade do século XIX.

Em 1877 a casa foi de propriedade de D. Joaquina Del Soto Garcia de La Vega, viúva do arquiteto espanhol Joaquim Garcia de La Veja, autor do chafariz monumental da praça Barão de Campo Belo, em Vassouras.

Por volta de 1930, foi adquirida pelo advogado Dr. Saverio Vito Pentagna, que se destacou no foro e no meio político da cidade.

(Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura.

CASA CLÁUDIO MONTEIRO

Construída em meados do século XIX, por Miguel Martiniano de Noronha.

Está implantada em posição privilegiada, em frente a Praça XV de Novembro.

De 1870 a 1879 foi residência do médico e farmacêutico renomado, Dr. Augusto Calmon de Siqueira.

(Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura.

CASA DOS FARINAS

Localizada em frente a Praça XV de Novembro, essa casa foi edificada, em 1883, por Domingos Ferreira Ariosa, importante construtor na cidade.

Nesse terreno existia, anteriormente, um sobrado de dois pavimentos construído na década de 1840, por Estevão Ribeiro de Souza Resende - Conde de Valença e mais tarde Marques do mesmo título.

Em 1847, o Conde hospedou em sua casa o Imperador D. Pedro II e sua comitiva, que nesta época estavam em peregrinação pelo interior da Província. A visita foi, sem dúvida, um acontecimento jamais visto pelos valencianos de então. (Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura.

CASA LEA PENTAGNA

Em 1848, a chácara da rua Boa Vista, primeiro nome da rua Vito Pentagna, era de propriedade do açoriano Manuel Machado Barcellos. Desde então a chácara permaneceria em poder dessa família até o final do século XIX, quando foi adquirida pelos Irmãos Caetano e Vito Pentagna.

A casa passou por reformas, sendo a primeira realizada na segunda metade do século XIX, que lhe deu a configuração interna de época; e a segunda, em 1927, quando suas fachadas adquiriram aspectos ecléticos, projeto de autoria do arquiteto italiano Luigi Merulla.

Em meados do século XX, Lea Pentagna, dedicada ao estímulo de atividades ligadas às artes, herdou a propriedade. Ao morrer, em 1983, deixou a casa em testamento para ser transformada na Fundação Cultural e Filantrópica Léa Pentagna. Hoje, recuperada, está aberta à visitação e oferece uma programação cultural diversificada. (Inventário SMC-VAL)



Foto: Fernanda Monho



Foto: Fernanda Monho



Foto: Sec. Municipal de Cultura

CASA MÁRCIO GOULART

Esta pequena chácara, localizada na rua Domingos Mariano, foi construída pelo fazendeiro João Machado Bastos em meados do século XIX. Em 1865, foi vendida ao capitão Domingos José da Silva Nogueira – conhecido como Capitão Nogueira, proprietário da fazenda Bem-posta, em Pentagna. Atualmente a casa ainda se encontra em posse dos descendentes do Capitão Nogueira. (Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura

CASARÃO ANTAR FONTOURA

O prédio, situado na Av. Nilo Peçanha é a antiga Chácara Barcelos. A casa, em formato de “L”, possuía um acesso lateral de serviço com portão, além da entrada principal. A outra lateral da fachada constitui-se num muro fechado e rematado como os demais em fiada de talha de barro no estilo colonial. O acesso lateral, fechado pela edificação de uma loja, hoje alugada para o comércio, conduzia direto à chácara.

A Chácara Barcelos possuía jardins nas laterais da casa e um grande pomar. Também uma horta cercada voltada para a cozinha servia à residência dos Barcelos.

A divisão dos cômodos mostra a solução comum do programa arquitetônico da época, com saleta de entrada ladeada por um grande salão à direita e um amplo escritório à esquerda, tendo ao centro um corredor que conduz à ala íntima da casa. (Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura

CATEDRAL DE N.SRA. DA GLÓRIA

Localizada em posição de dominância, no alto da ladeira da Praça da Bandeira, a Catedral possui ainda parte da imaginária original - algumas nos altares e outras em seu museu de arte sacra. A imagem de São Miguel Arcaño está no primeiro retábulo à esquerda de quem entra.

Sua planta segue o esquema das igrejas do século XVIII, com nave central e dois corredores laterais. Sua construção (1820-1917) se deu em substituição à antiga capela dos índios, em princípios do século XIX. A obra se iniciou pela construção, em pedra e cal, da capela-mor da Igreja Matriz. Em 1871 são construídas duas torres, que foram demolidas anos mais tarde por problemas de infiltração. Somente em 1917 as torres foram reconstruídas.

A reforma de 1919 transformou a fachada maneirista em eclética e no lugar do pátio frontal, até então existente, foi construída uma escadaria. (VAL-CF-U01-08)



Foto: Sec. Municipal de Cultura

CEMITÉRIO DO RIACHUELO

O cemitério do Riachuelo, nome dado em homenagem à vitória brasileira na Guerra do Paraguai, está situado entre as ruas Cel. João Rufino e Cel. Cardoso.

É cercado por muros de pedras, fechados nas laterais e com colunas de pedras coroadas em forma piramidal, adornados com grades de ferro de desenho simples na fachada principal. Dois belos portões de ferro são sustentados por quatro dessas colunas de pedras que formam as portadas. Possui alguns túmulos em estilo gótico, sendo os maiores e mais importantes os mausoléus do Visconde de Ipiabas e o do Visconde do Rio Preto. Há, ainda, o túmulo da família Pentagna que veio da Itália. Apresenta um rico trabalho de alto relevo com cenas do trabalho na lavoura de café, época da chegada dessa família de imigrantes, e, do outro lado, uma cena de trabalhadores da indústria, no início do Século XX, em Valença. (Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura

PRAÇA XV DE NOVEMBRO , JARDIM DE BAIXO

É um grande jardim em estilo romântico, muito em voga na Europa no séc. XIX, com cerca de 16.000 m², localizado entre a Igreja Catedral de Valença e a Câmara Municipal. O projeto é de autoria do paisagista e botânico Auguste François Marie Glaziou – responsável pelos projetos do Campo de Santana e do Passeio Público, no Rio de Janeiro.

Antes de sua inauguração, em 1884, a área já contava com um imponente chafariz de pedra, de 1850, que era destinado ao abastecimento de água da cidade – construído em homenagem a D. Pedro II, por ocasião de sua visita à cidade.

O terreno, antes descampado, ganhou ondulações em sua topografia, alamedas sinuosas, lago e uma exuberante vegetação. Hoje existem árvores centenárias de várias espécies que abrigam sabiás, bem-te-vis e o bicho preguiça (*Bradypus Variegatus*), completando o quadro bucólico. Espalhados pelo parque há várias obras de arte, entre elas o Busto do Comendador Antônio Jannuzzi, construído em 1915 e o Divã de Cantaria, de 1851. (Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura



Foto: Sec. Municipal de Cultura



Foto: Sec. Municipal de Cultura

PRAÇA VISCONDE DO RIO PRETO, JARDIM DE CIMA

Situa-se no centro da cidade, em frente ao antigo Palacete Visconde do Rio Preto, hoje Colégio Estadual Theodorico Fonseca. Conhecido anteriormente como “Largo da Câmara”, só foi ajardinado em 1884, a partir de projeto elaborado pelo paisagista Auguste François Marie Glaziou. Na década de 1950, passou por uma grande reforma que descaracterizou o seu traçado original, passando do “gosto” inglês para o francês.

No jardim encontram-se obras de arte que merecem destaque, tais como o coreto art-nouveau, construído em 1916, esculturas de D. André Arcoverde (primeiro Bispo de Valença), Balbina Fonseca, Dr. Humberto Pentagna e o Monumento à Inteligência de autoria do escultor Mandarino, construído pela Academia Valenciana de Letras em comemoração ao seu Jubileu, em 1974. Em torno da praça encontram-se alguns prédios de interesse histórico para preservação como patrimônio cultural de Valença. (Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura



Foto: Sec. Municipal de Cultura



Foto: Sec. Municipal de Cultura

JOREI CENTER

O prédio tem sua implantação em terreno em declive e a fachada lateral voltada para o trecho em ladeira da Rua dos Mineiros e a principal, voltada para a Praça Visconde do Rio Preto. É um exemplar típico da arquitetura do século XVIII, alterado pela introdução de cimalthas que esconderam os antigos beirais dos telhados, originalmente, de massa em beira-seveira.

Destaca-se pela presença de uma mansarda, característica de período do Brasil Colonial, e por uma seqüência de vãos, provavelmente portas que se abriam para rua, hoje só restando uma, tendo sido as outras transformadas em janelas.

Pouco se conhece sobre essa construção, sabe-se que pertenceu ao relojoeiro francês João Batista Amideé Berger, que chegou no Brasil em 1828, e se estabeleceu em Valença, por volta de 1840, onde trabalhou como negociante de toda espécie, comprava e re-vendia imóveis. (Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura

LA MESON

Foi construída, provavelmente, entre os anos 1855 e 1860, por Jacinto Martins Pimentel, que pouco tempo depois vendeu a seu irmão Joaquim Gomes Pimentel, mais tarde Visconde de Pimentel. Anos depois foi vendida a João Damasceno Ferreira - Major da Guarda Nacional, comendador da Ordem da Rosa e Cavaleiro da Ordem de Cristo e proprietário, por herança de sua mulher, da fazenda Pau d'Alho. Após a morte do Comendador Damasceno em 1894, a casa ficou dividida entre os herdeiros. Hoje é a casa paroquial. (Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura

PAÇO MUNICIPAL

É um dos mais expressivos exemplares da arquitetura neoclássica da cidade, típica do programa urbano para prédios públicos do século XIX. A construção desse sobrado, projeto de engenharia do Capitão Antônio Pinto de Figueiredo Mendes Antas, foi iniciada em 1854, sendo concluída em 1861. Em 1874, foi mobiliado em estilo francês e adornado com lustres de metal dourado com mangas de cristal e cortinas de veludo na cor vinho. Nesse mesmo ano foi instalado no salão esquerdo do andar térreo a Biblioteca Municipal D. Pedro II, com variado e rico acervo.

Atualmente o prédio encontra-se ocupado pela Câmara. Parte de seu antigo mobiliário encontra-se no Museu da Santa Casa da Misericórdia da Prefeitura Municipal.

(Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura



Foto: Sec. Municipal de Cultura



Foto: Sec. Municipal de Cultura



Foto: Sec. Municipal de Cultura

PADARIA PENTAGNA

O prédio tem sua implantação em terreno em declive com a fachada lateral voltada para o trecho da rua dos Mineiros e a principal voltada para a Praça Visconde do Rio Preto.

Foi construída em meados do século XIX por Antonio Graciano de Carvalho, com função residencial e comercial como açougue. Sua arquitetura possui características dos sobrados do século XVIII e acabamento do século XIX. No último quartel do séc. XIX foi de propriedade do Coronel da Guarda Nacional João Rufino Furtado de Mendonça, que empreendeu reformas na edificação, fechando várias portas que davam para a Praça Visconde do Rio Preto.

Em 1912, Mário de Castro Pentagna inaugurou uma padaria, reabrindo as antigas portas da frente. Na década de 1980, a casa passou por outra reforma que retirou a antiga cimalha de madeira, substituindo-a por um beiral encachorrado.

(Inventário SMC-VAL)



Foto: Fernanda Monho

COLÉGIO ESTADUAL THEODORICO FONSECA

O imponente palacete foi residência do Visconde do Rio Preto. A influência neoclássica é notada em vários elementos da arquitetura da edificação: no frontão triangular, com o brasão em bronze, na simetria das janelas, no pátio interno central, nas portadas laterais e no telhado escondido por platibanda em balaustrada, cujas águas são escoadas através de buzinetes com formato de jacarés.

Foi inaugurado, em 1858, pelo Barão do Rio Preto, um dos maiores cafeicultores da região, proprietário da fazenda Flores do Paraíso. Em 1908, foi vendido ao Comendador Antonio Jannuzzi, que promoveu a primeira grande reforma. Após passar por vários proprietários, o palacete foi comprado pela "Associação Protetora da Criança", que realizou grandes obras internas no casarão, descaracterizando-o completamente. Posteriormente passou a abrigar o atual colégio estadual. (Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura

PALÁCIO EPISCOPAL

O Palácio Episcopal - Casa Dr. Oliveira Figueiredo, está situado em frente à Praça Visconde do Rio Preto. Começou a ser edificado em 1868, para o Visconde do Rio Preto, sendo poucos anos depois adquirido pelo advogado da família, o Dr Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo - figura de grande projeção, nomeado coletor geral e provincial do município de Valença.

Em 1922, a Santa Sé criou as dioceses de Valença e Barra do Pirai e Valença e ganhou a sede do bispado. Em 1925, a casa foi reformada alterando a predominância de suas linhas neoclássicas mas mantendo, no entanto, a sua estrutura interna. Seu primeiro morador como bispo foi D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. Em 1950, a construção foi novamente reformada e as fachadas completamente modificadas. (Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura

RESTAURANTE COLONIAL

A edificação, hoje dividida em três, data de meados do século XIX. Foi construída, provavelmente, por iniciativa de Antonio Carlos Ferreira - major da Guarda Nacional, vereador por várias legislaturas, Juiz de Paz, presidente da “*Companhia Regeneradora*”, que mantinha o Teatro Glória e provedor da Santa Casa. No final do século XIX, a casa era considerada uma das mais luxuosas de Valença.

O curioso é que, em meados do século XIX, ao lado do portão da casa, passava uma rua que se ligava a rua da Glória, hoje D. André Arcoverde, e que chamava travessa do Comércio, provavelmente fechada em meados da década de 1860. No início do século XX, parte da casa foi alugada ao “*Club Recreativo de Valença*”, que funcionou até a meados da década de 1920. (Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA

Esse prédio, situado à Praça Balbina Fonseca, foi edificado em meados do século XIX por iniciativa do provedor José da Silveira Vargas. É um dos mais belos exemplares da arquitetura neoclássica de todo o vale do Paraíba. Originalmente, era composto por duas grandes alas laterais separadas por uma capela, tendo esta como padroeira Santa Isabel da Visitação. Em 1886, ao seu lado, foi construído um chalé, que serviu durante anos a “*Pharmácia Santa Isabel*”. Em fins do século XIX, o hospital entrou em decadência, sendo, em 1912, transformado em um dos mais modernos hospitais do interior do estado do Rio de Janeiro.

Em 1964, com a inauguração de um novo hospital, o prédio antigo serviu, a partir de 1968 e durante anos, à Faculdade de Medicina de Valença. Desde 1997, edificação abriga um Museu, cujo acervo é composto, na sua maior parte, pela antiga pinacoteca dos provedores e benfeitores da Instituição. (Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura

CAPELA DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Arquitetura de linhas neoclássicas, apresentando telhado escondido por platibanda fechada e arrematada por quatro jarros simetricamente espaçados na fachada principal voltada para a Praça XV de Novembro. Foi edificado pelo advogado Pedro Moreno de Alagão, de origem uruguaia, em meados da década de 1860. Em 1878, Moreno de Alagão recebeu a visita do Conde D’Eu e amigos.

No final da década de 1920, o Solar, juntamente com as casas ao lado, foi adquirido pela Congregação. Nessa ocasião, a construção foi ampliada, adquirindo forma retangular, e parte dos compartimentos transformados em alojamentos. Anteriormente, havia na fachada duas entradas laterais, por portões de alvenaria idênticos, dando acesso a alpendre social e outro de serviço. O acesso social ainda se encontra no local de origem, mas o de serviço foi fechado. (Inventário SMC-VAL)



Foto: Sec. Municipal de Cultura

CONJUNTO ARQUITETÔNICO DA PRAÇA PAULO DE FRONTIN

A Praça Paulo de Frontin (foto 3), localizada próxima à entrada da cidade, apresenta um conjunto edificado do início do século XIX.

As principais edificações são: Estação Ferroviária (foto 1) e o prédio das Oficinas da Estação (foto 2) e o Hotel Valenciano (foto 4).

A estação, inaugurada em 1914, e suas oficinas, foram construídas pelo italiano Antonio Jannuzzi. Foi fechada em 1973, quando todo o trecho do ramal ferroviário foi desativado. Em 1974, foi transformada em estação rodoviária, com o nome de Princesa da Serra. No segundo pavimento do prédio funciona, desde 2001, o Museu Ferroviário de Valença.

O Hotel Valenciano, construção eclética de gosto norte-europeu , com dois pavimentos, foi edificado em 1917, sofrendo reformas em 1986. Como elementos internos de época, o hotel manteve uma choperia original com bancada em mármore, tendo aos fundos armários em madeira trabalhada e uma barbearia com bancada em mármore de carrara, com dois espelhos emoldurados também em mármore. (VAL-CF-U01-01; 02; 03 E 04)



Foto: Fernanda Monho

1



Foto: Fernanda Monho

2



Foto: Fernanda Monho

3



Foto: Fernanda Monho

4

As Sedes de fazenda no caminho entre Valença e Rio das Flores – RJ 145

FAZENDA SANTA ROSA

A sede conserva as características arquitetônicas de época. Trata-se de uma edificação tipicamente colonial com janelas em vergas retas e beirais encachorrados. Viveu sua fase áurea nas mãos da família do Comendador Manoel Antônio Rodrigues Guião.

Foi construída em forma de “C”, com escadas em lances opostos e cobertos por alpendre. Na entrada, uma ante-sala, tem-se uma porta à esquerda, onde se situa a sala de visitas. À direita, uma pequena capela singular que possui uma curiosa janela interna que se abre para a sala de jantar e um corredor que leva aos demais cômodos da moradia.

Conta com engenho movido por uma roda d'água de oito metros de altura, depósito (ex-tulhas), oficinas e possui, ainda em funcionamento, alambique de 1871. (VAL-CF-R17)

Aberta à visita



Foto: Lelia Alegrio



Foto: Lelia Alegrio



Foto: Lelia Alegrio

FAZENDA PAU D'ALHO

A fazenda pertence à família Pentagna há três gerações, que vem conservando o mobiliário e outros objetos do século XIX e XX.

A sede é bela, guardando como característica a simplicidade de sua arquitetura, marcada pelo ritmo das esquadrias em guilhotina e vergas retas. Internamente, conta com grandes salões sociais na parte central e outros menores no porão.

A estrutura da edificação apresenta pilares e vigas em toras de madeira toscas e aparentes nas paredes e tetos, que sustentam o piso do pavimento superior. (VAL-CF-R18)

Aberta à visita.



Foto: www.valenca.rj.gov.br

FAZENDA SAUDADE

Sede de antiga fazenda, com acesso pela RJ 145. Nela se destaca o altar e a pia batismal da capela doméstica. (RFL-CF-R01)



Foto: Lelia Alegrio

FAZENDA SÃO POLICARPO

Está localizada em terreno plano, onde a escada semicircular em pedra dá acesso à varanda de balaustrada em madeira. A casa sede, edificada no melhor padrão da arquitetura neoclássica da época, se desenvolve em planta em “L”, possuindo dois pavimentos onde o 2º é menor e centrado em relação ao 1º.

A atual sede foi construída pelo Barão do Rio Preto e só ficou pronta em 1872. Os atuais proprietários realizaram um trabalho de reforma na sede da fazenda que perdurou por 12 anos. Baseado em plantas encontradas, procurou manter toda a originalidade da fazenda, inclusive as cores originais de pintura da época em todo o casarão, embora tenha eliminado 9 dos 56 cômodos originais. (RFL-CF-R02)



Foto: Arthur Vianna



Foto: Letia Alegria

FAZENDA CACHOEIRA DA ALEGRIA

A sede da fazenda Cachoeira da Alegria se diferencia de outras da região pela presença, na sua fachada principal, de um corpo envidraçado, como um alpendre, de extrema beleza, vedado por um contínuo de janelas guilhotinas com bandeiras em arco pleno, que permitem uma visão ampla do pomar. A entrada da casa é feita por uma escada com degraus em pedra lavrada em forma de leque. Das janelas dos demais aposentos vê-se o terreiro de café e a antiga senzala. (RFL-CF--R03)

O acesso a fazenda dá-se pela rodovia RJ 145.



Foto: Letia Alegria



FAZENDA CAMPOS ELISEOS

Integrou o conjunto de fazendas de propriedade do Visconde de Ipiabas, Peregrino José de América Pinheiro. Posteriormente, a doou ao Barão de Aliança – Manoel Vieira da Cunha, quando se deu o casamento com sua filha. (RFL-CF-R04)
O acesso à fazenda pode ser feito pela RJ 145.
Abaixo, antiga dependência de serviço da fazenda e detalhe da escada de acesso.

Aberta à visita.



Foto: www.camposeliseos.com.br



Foto: Leticia Alegrio

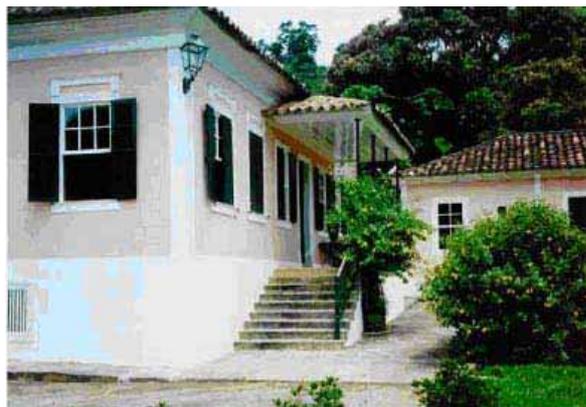


Foto: www.camposeliseos.com.br

FAZENDA GUARITÁ

Possui uma entrada principal alpendrada, consignando a data da fundação (1875).
No primeiro plano vê-se um grande jardim, onde antes existia um terreiro de café.
Aos fundos observa-se algumas copas das oito mil mangueiras existentes no local.
Na época do café, a fazenda pertenceu ao segundo Barão de Ipiabas, Francisco Pinheiro de Sousa Werneck.
Suas terras foram desmembradas da vizinha fazenda São João, cuja sede foi destruída por um incêndio.
Guaritá foi uma das últimas fazendas a surgirem, bem antes da decadência da cultura cafeeira.

(RFL-CF-R05)



Foto: Arthur Vianna



Foto: Leticia Alegrio

Vista da antiga senzala

O CENTRO HISTÓRICO DE RIO DAS FLORES

Como outros municípios do Vale do Paraíba, Rio das Flores também teve sua origem no desbravamento dos caminhos que seguiam em direção a Minas Gerais.

No século XIX, a notícia da fertilidade do solo da localidade propagou-se com rapidez, atraindo a atenção dos governantes.

Em 1851, o governo provincial conferiu-lhe a dignidade de possuir uma capela curada, sob a invocação de Santa Tereza, subordinada à freguesia de Nossa Senhora da Glória da Vila de Valença, depois município de Valença.

A elevação da Vila de Santa Tereza, à categoria de cidade, ocorreu em 1929, porém a denominação Rio das Flores foi atribuída por decreto de 1946.

Atualmente, o café e sua história induzem o desenvolvimento da atividade turística do município.



Foto: Assoc. de Turismo - Rio das Flores

Vista da cidade em meados do século XX.



A antiga estação ferroviária, início do século XX.



Foto: Assoc. de Turismo - Rio das Flores

Paisagens urbanas, meados do século XX.



Foto: Assoc. de Turismo - Rio das Flores

Vista parcial da cidade, em 2003.

IGREJA MATRIZ



Foto: Assoc. de Turismo - Rio das Flores

USINA DE BENFICAMENTO DE CAFÉ

Antigo prédio do Departamento Nacional do Café onde se processava a produção daqueles que não possuíam seus próprios engenhos. (RFL-CF-U01-01)



Foto: Anibal Magalhães

PRÉDIO DA MUNICIPALIDADE

Desde a sua inauguração, o prédio abriga a Prefeitura e a Câmara Municipal.

O primeiro presidente da Câmara foi o Barão de Aliança - Manuel Machado da Cunha, sobrinho do Barão de Rio das Flores.

A partir de 2003 sua utilização passou a ser exclusivamente da Câmara Municipal.

(RFL-CF-U01-02)



Foto: Assoc. de Turismo - Rio das Flores

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Em 1874 o Governo da Província deu a concessão para construção de uma linha de carris por tração animal, de Comércio a Santa Teresa (hoje Rio das Flores).

A construção da estrada de ferro teve início em setembro de 1876 com a estação inicial em Comércio.

Em 1884 foi organizada uma sociedade anônima denominada Estrada de Ferro Rio das Flores, que adquiriu a antiga estrada.

Assim funcionou até 1910, quando foi adquirida pela Estrada de Ferro Central do Brasil.

Em 1965, o ramal foi erradicado e seu leito utilizado pelas rodovias RJ-145 e 151.

(RFL-CF-U01-04)



© Jurjo A. Ferreira Jr. - 09/2002

Rio das Flores, RJ

FORUM

Na rua principal do centro histórico de Rio das Flores destacam-se os prédios do Fórum e da Prefeitura Municipal pela qualidade de suas arquiteturas.

Imponentes e de extrema beleza plástica, traduzem a influência do gosto neoclássico que marcou o ecletismo do interior fluminense no final do século XIX, bem como a pujança e a riqueza que circulou na região com a economia cafeeira.

A fachada principal do Forum tem seu eixo central marcado pelo coroamento de um frontão de cartela, interrompido por ornato decorado.

Foi construída pelo prefeito Dr. Carolino de Leoni Ramos, em 1896.

(RFL-CF-U01-04)

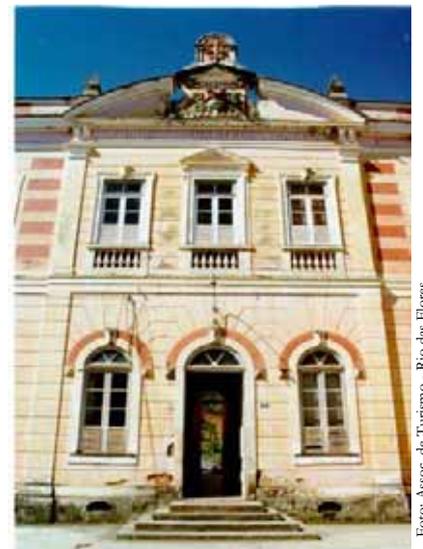


Foto: Assoc. de Turismo - Rio das Flores

As Sedes de fazenda no caminho entre Rio das Flores e Juiz de Fora – RJ 145 e RJ 151

FAZENDA BANANAL

A fazenda possui uma extensão de 120 hectares de mata totalmente preservada, cortada por uma estrada de 4 Km

Está situada próxima à rodovia RJ 145. Destaca-se a capela e seu altar. (RFL-CF-R08)

Aberta à visita.



Foto: Leila Alegrino

FAZENDA UNIÃO

Em meados do século XIX foi adquirida pelo Visconde do Rio Preto, que a transformou em uma das mais prósperas fazendas da recém criada freguesia de Santa Tereza de Valença. Situada ao longo do caminho para as Minas Gerais, a fazenda tornou-se passagem e pouso obrigatório para viajantes. Recebeu um elaborado tratamento paisagístico, onde se procurou preservar as árvores centenárias e as preferências botânicas de então. Ao mobiliário foram acrescentadas preciosas peças de época, recuperadas e adquiridas em leilões e antiquários. Sua arquitetura retrata a opulência desse período histórico.

Recentemente, em 2002, foi reformada para utilização como hospedagem rural, devolvendo-lhe o encanto e a ambientação original. (RFL-CF-R16)

Aberta à visita



Foto: www.preservale.com.br

FAZENDA BONSUCESSO

Sua sede constitui-se num raro exemplar com três pavimentos, uma vez que o porão é habitável. A fachada principal, no trecho correspondente ao terceiro pavimento é marcada por três sacadas com base em granito e gradis de ferro.

A edificação expressa grande equilíbrio e harmonia, destacando-se ainda o emprego de granito lavrado no emolduramento dos vãos, os detalhes dos ornatos decorativos nos frisos e a escadaria de pedra com dois lances opostos. (RFL-CF-R09)

Abaixo, detalhes da edificação e da antiga roda d'água.



Foto: Pedro O.Cruz - Soares da região

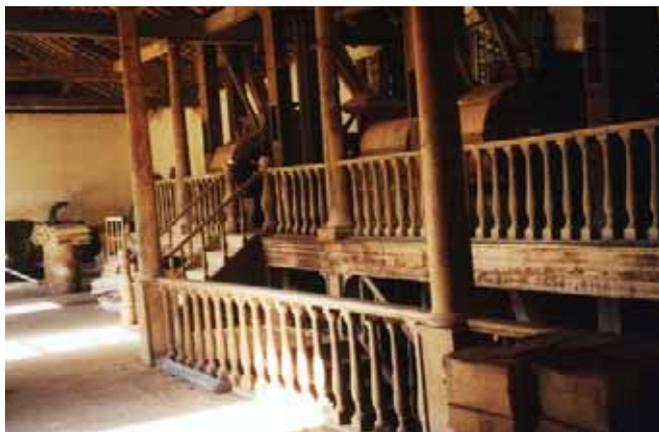


FAZENDA PARAÍSO

Conhecida, anteriormente, como Flores do Paraíso, a fazenda era considerada a “Jóia de Valença”. Foi de propriedade do Barão e do Visconde do Rio Preto e palco de festas suntuosas com presença da Princesa Isabel e do Conde D’Eu. Desde 1854, utilizava iluminação a gás gerada por equipamentos importados pelo Visconde. Chega-se à sua sede através de uma alameda de palmeiras imperiais, pela rodovia RJ 145. O conjunto de edificações que compõem a fazenda é cercado por bosques de eucaliptos.

Ao gosto neoclássico, a edificação apresenta planta em “U” e dois pavimentos. Difer-se da disposição mais comum de fazendas, onde o 1º pavimento é ocupado por porão. Na ala esquerda encontra-se uma imponente capela. Abaixo, área de beneficiamento de café e detalhes do jardim e do altar. (RFL-CF-R10)

(Aberta à visita)



Fotos: Leila Alegrio



FAZENDA SANTA LUÍZA

Esta sede, construída em 1891, lembra a arquitetura dos chalés petropolitanos, com seus beirais decorados com lambrequins em madeira recortada. Uma generosa varanda entalada com guarda-corpo vazado funciona como uma extensão da casa e é por onde se tem acesso, através de uma escada frontal, ao interior do 2º piso. É dividida em três alas distintas: serviço, social e íntima.

Encontra-se protegida por vegetação alta que a circunda e chega-se a ela pela RJ 151 (RFL-CF-R11)

O gladiador



Fotos: Leila Alegrio



FAZENDA INDEPENDÊNCIA

A casa grande situa-se em platô mais elevado em relação ao resto do terreno, na margem direita do Rio Preto. É do tipo assobradada, com seus vãos de janela em verga reta, associados a folhas externas em guilhotina com vidro e internas em madeira. A cobertura é em quatro águas, em telha colonial.

Foi construída por Nicolau Nogueira da Gama, o Visconde Nogueira da Gama, que em 1848 era vereador da Imperatriz. O estado de semi-abandono deixou goteiras e infiltrações que comprometem o madeiramento da cobertura e as alvenarias de pau a pique. (RFL-CF-R12)

Não se obteve fotos da sede da fazenda.

FAZENDA SANTA GENOVEVA

Está entre as raras sedes de fazendas construídas em fins do século XIX. Sua arquitetura assemelha-se à do Palácio Rio Negro, edificado em Petrópolis pelo Barão do Rio Negro, e a do Solar do 2º Barão do Amparo, em Vassouras.

Apresenta todas as características das grandes residências de arquitetura erudita no Rio de Janeiro, da mesma época. A capela, que apresenta dimensões de igreja, foi erguida próximo ao palacete de dois pavimentos.

Integrava o grupo das fazendas Paraíso, Loanda, Santa Rosa e Santa Luíza, pertencentes à família do Visconde do Rio Preto. A fazenda foi restaurada recentemente, quando se acrescentou um anexo a casa sede, onde funciona o setor de serviços. (RFL-CF-R13)



Fotos: Letia Alegrio



FAZENDA RECREIO DE SANTA JUSTA

A sua arquitetura é um retrato do “gosto” no final do século XIX, na qual o proprietário rural influenciado pela linguagem oficial - o neoclássico, ainda carregava consigo a herança cultural dos sobrados portugueses. De aspecto sóbrio, a edificação consta de dois pavimentos, sendo que somente no trecho correspondente a fachada superior, recebe um tratamento mais apurado. Destacam-se esquadrias arrematadas em arco batido, bandeiras com vidros coloridos e constituídas por venezianas do lado externo e vidros do lado interno.

Foi construída por Francisco Alves Barbosa - 2º Barão de Santa Justa para receber e alojar seus convidados, por isso, dista uma légua da casa de Santa Justa onde era a residência oficial do Barão e sede da propriedade. (RFL-CF-R14)



Fotos: Letia Alegrio

FAZENDA SANTA JUSTA

Localiza-se na margem fluminense do Rio Preto. A entrada principal da casa é ladeada por imponente renque de palmeiras imperiais. Esculturas decorativas encimam as colonatas que marcam o portão de entrada.

Guardando semelhanças ao partido adotado na fazenda São Policarpo, o casarão é marcado por um corpo vertical centralizado, criando um segundo pavimento que ocupa apenas o trecho central da construção, precedido de um alpendre fechado que avança no primeiro pavimento da sua fachada frontal. Ambos provocam um intenso jogo de volumes e movimentação dos telhados, quebrando a horizontalidade daquela arquitetura. Uma escadaria em pedra, de lances opostos, leva ao primeiro piso alcançado através de um patamar junto a esse alpendre. Delicados lambrequins ornamentam os beirais desse alpendre.

Pertenceu aos Três Barões de Santa Justa. (RFL-CF-R15)



Fotos: Leila Alegrito



portão de entrada

FAZENDA SÃO FIDÉLIS

A recepção é feita por uma alameda de palmeiras. O portão de entrada e os muros baixos, providos de grades, marcam o limite fronteiro da propriedade. Encontra-se em estado de abandono, invadida por matagal.

O neoclássico se reflete de maneira discreta, presente na preocupação da composição simétrica da fachada principal. Na fachada oeste, um sino tem gravado o brasão do império, palmetas e louros ornamentais.

Foi construída pelo Barão de Santa Justa, que a equipou com móveis fabricados na própria fazenda e outros importados da França. A capela apresenta decoração em ouro. (PBS-CF-R01)



Foto: Pedro Oswaldo Cruz, livro Fazendas

OBSERVAÇÃO:

Seguindo em direção ao noroeste fluminense há outras fazendas que não foram contempladas por este trabalho

As sedes de fazenda no caminho entre Pirai e Dorândia – RJ 141

FAZENDA SANTA ROSA

Vista da antiga casa-grande que se mantém conservada.

(PIR-CF-R01)



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA AIMORÉS

Conhecida anteriormente como Santa Maria dos Aymorés, a sede da fazenda encontra-se em estado de abandono. Ao lado, detalhes da edificação. (PIR-CF-R02)



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA BELA ALIANÇA

Foi de propriedade do Barão de Pirai. A fazenda ficou conhecida na década de 80 do século XIX, quando Mauricio Haritoff, natural da Rússia, casado com a filha do Comendador Silvino José da Costa, adquiriu parte das terras e a casa da fazenda Bella Aliança, aonde passa a promover grandes recepções com requintes da nobreza européia. Em 1887, o casal recebeu a visita do Grão-Duque Alexandre, da Rússia, entre outros ilustres hóspedes.

A varanda da casa grande, certamente, em virtude da influência de Haritoff, apresenta alterações arquitetônicas que a afastam do usual da província. A entrada da casa faz-se pela lateral, através de uma escadaria em pedra lavrada acompanhada por graciosos gradis, que dá acesso ao vestíbulo no primeiro piso. (PIR-CF-R03)



Foto: Leila Alegrio



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA TRÊS SALTOS

Foi a primeira fazenda da família do Barão de Pirai, José Gonçalves de Moraes, que em meados do século XIX era reconhecido como um dos maiores benfeitores da Freguesia de Santana de Pirai.

O nome da fazenda se deve à localização da sua sede, próxima a três quedas d'água de um riacho que atravessa a fazenda. Foi construída quando de seu casamento com a irmã do "Rei do Café", Cecília Pimenta de Almeida Breves.

O que a diferencia das demais fazendas é a ausência de uma escada frontal de acesso ao primeiro piso; e a total falta de simetria e de alinhamento entre os vãos de portas e janelas. Possui uma das mais belas capelas interiores. Também resiste ao tempo um cemitério da família, com túmulos de mármore e inscrições. (PIR-CF-R04)



Foto: Arthur Vianna



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA CONFIANÇA

Antiga sede de fazenda de menor porte, mas digna de registro fotográfico, inexistindo maiores informações.

(PIR-CF-R05)



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA BOTAFOGO

Grandiosa sede de fazenda, sobre a qual não se obteve maiores informações.

(PIR-CF-R06)



Foto: Leila Alegrio

O CENTRO HISTÓRICO DE DORÂNDIA

Dorândia, sede do 2º distrito de Barra do Piraí, está situada próxima à BR 393, no trecho que liga Volta Redonda à Barra do Piraí.

A freguesia de Nossa Senhora das Dores, hoje Dorândia, foi criada em 1844.

A igreja, ao lado, representa na cidade um dos marcos da história do século XIX.

(BRP-CF-U02-00)



Igreja N. Sra. das Dores

Foto: Pedro Simões

As Sedes de fazenda no caminho entre Dorândia e São José do Turvo-RJ 141

FAZENDA RIBEIRÃO FRIO

As primeiras referências à Fazenda Ribeirão Frio, datam do início do século XIX. No entanto, a sua implantação como fazenda cafeeira é atribuída ao Barão de Guapy - Joaquim José de Oliveira Ferraz, que a adquiriu de D. Izabel Jacyntha de Souza, em meados do século.

A prosperidade da fazenda alcançada nas décadas seguintes, durante o auge da produção de café, pode ser aferida pelas impressões deixadas pelo ilustre viajante português Augusto Emilio Zaluar, que se referiu a ela como ‘uma cidade em planta pequena’.

No início do século XX pertenceu a Adolpho de Carvalho Gomes e até hoje está com um de seus filhos: Coronel Bento David Gomes.

(BPR-CF-R07)



Foto: Letia Alegrio



Foto: Letia Alegrio

FAZENDA SÃO SEBASTIÃO

Registro fotográfico de sua antiga sede.

(BPR-CF-R08)



Foto: Leticia Alegrio

FAZENDA MONTE ALTO

O sítio onde foi implantada a sede da fazenda é particularmente pitoresco: um vale onde passa o ribeirão que a serve, rodeado de montanhas. O acesso à sede da fazenda se dá pela RJ-141.

A sede da fazenda possui uma configuração em planta, cujos elementos se distribuem em 3 corpos. Apresenta um partido que parece ter sido apreciado em finais do séc. XIX. A varanda entre os dois corpos fechados, voltados para a fachada principal - elementos usados na casa paulista dos séculos anteriores. Não foram obtidas informações recentes sobre esta fazenda.

(BPR-CF-R09)



Foto INEPAC, 1976

Foto: Inventário de Bens de Interesse Histórico e Artístico.

FAZENDA MONTE ALEGRE

Pertenceu ao 3º Barão do Rio Bonito.

(BPR-CF-R10)



Foto: Leticia Alegrio

FAZENDA JUREA

O conjunto apresenta a casa grande, tulha e terreiro preservado na sua integridade, situação raramente encontrada nos dias de hoje.

A Fazenda Jurea foi recebida pelo Visconde de Tocantins, irmão do Duque de Caxias, quando do seu casamento com uma filha do Barão de Pirai. Esta propriedade foi transferida, em vida, a seu filho Luiz César de Lima e Silva. Apenas duas famílias foram suas proprietárias: a Lima e Silva, no passado e a Fragoso Pires, no presente.

O nome Jurea em língua indígena significa “lugar alto”, origem do nome da fazenda em função do ponto de maior altitude na região se localizar no centro de suas terras. (BPR-CF-R11)



Foto: Leticia Alegrio



Foto: Arthur Vianna

Fazenda Juréa - foto da antiga tulha (depósito)

O CENTRO HISTÓRICO DE SÃO JOSÉ DO TURNO

S. José do Turvo, sede do 3º distrito de Barra do Pirai, encontra-se localizado à beira da estrada RJ 143.

A freguesia, antigamente chamada de Turvo, foi criada em 1855, em território do município de Barra Mansa, sendo transferida desse município para o de Pirai e, finalmente, para Barra do Pirai, em 1890.

A igreja de São José, localizada na praça Genésio Soares, data de 1867. Apresenta torre sineira com janelas e um crucifixo no topo. Nas paredes laterais, vitrais em forma de círculo. Seu interior ainda conserva o estilo do século XIX e possui altar todo decorado com desenhos em alto relevo, onde se encontra a antiga imagem de São José, em tamanho natural, esculpida em madeira.

Além desta, guarda ainda outras imagens do mesmo século.
(BRP-CF-U03-00)



Foto: Pedro Simões

Igreja São José do Turvo

Voltando a Barra do Pirai e seguindo em direção a Conservatória – RJ 137

FAZENDA IPIABAS

A sede da Ipiabas foi implantada em terreno sensivelmente acidentado. O acesso à fazenda se dá pela rodovia RJ 137, que liga a cidade de Barra do Pirai a de Ipiabas.

Construída por volta de 1819, pelo Comendador Pereira da Silva, apresenta características da arquitetura colonial mineira do século anterior, com os vãos das janelas e portas em arco abatido, beirais encachorrados, comuns a essa tipologia de construções.

Apresenta intervenções resultantes de reformas ocorridas ao longo do século XIX.

(BPR-CF-R05)



Foto: Laila Alegrio



Foto: Laila Alegrio

FAZENDA SÃO JOÃO DA PROSPERIDADE

A sede da fazenda está situada no km 10 da Estrada Santa Maria, cujo acesso se dá pela RJ 145, estrada que liga Barra do Pirai a Ipiabas e a Conservatória. O conjunto arquitetônico pode ser visto da estrada, de onde se observam as edificações remanescentes da propriedade – casa-grande e o antigo abrigo de muare.

A sede transpira o ambiente do século XIX pelo gosto e dedicação da proprietária em recepcionar os visitantes - vestida de Sinhá e acompanhada de suas mucamas, oferece um lanche preparado com receitas de época, após visitaçao aos ambientes da sede e passeio pelos arredores, inclusive ao alambique.

Sendo uma das fazendas de café pioneiras na região, a casa-grande constitui-se num dos principais remanescentes da arquitetura rural do Vale do Paraíba fluminense, que preservou suas características originais. Construída por Antonio Gonçalves de Moraes, o chamado “Capitão Mata Gente”, entre os anos de 1820 a 1830. (BPR-CF-R06)
Aberta à visita.



Foto: Laila Alegrio



Foto: www.preservale.com.br



Foto: Laila Alegrio

O CENTRO HISTÓRICO DE IPIABAS

Ipiabas, 4º distrito de Barra do Piraí, está localizado junto à RJ 137, rodovia que liga Barra do Piraí a Conservatória.

Os imóveis identificados como de interesse histórico-cultural, afóra a estação ferroviária, formam um pequeno conjunto que se encontra situado ao longo da rua que dá acesso à igreja Nossa Senhora da Piedade. Todos eles datam da 2ª metade do século XIX e apresentam uma linguagem neoclássica. Entre os bens, além da própria igreja, destaca-se aquele conhecido na região como “Remonta”, em função do seu porte, que por muito tempo esteve em ruínas.

A freguesia foi criada em 1852 com a denominação de Nossa Senhora da Piedade de Ipiabas. Até 1943 esse distrito pertenceu ao Município de Valença.



Foto: Fernanda Monho



Foto: Flávia Antunes

Antiga Estação Ferroviária abriga hoje uma agência dos Correios e o 10º Batalhão da Polícia Militar, além de um espaço multiuso



Foto: Fernanda Monho

Casario situado na rua de acesso à igreja



Foto: Pedro Simões

Remonta, construção de 1874, foi propriedade do Capitão Mata Gente



Foto: Pedro Simões

Igreja N. Sra. da Piedade, de 1871.

As sedes de fazenda entre Ipiabas e Conservatória

FAZENDA SANTA BÁRBARA

Situa-se bem próxima ao leito da antiga estrada de ferro que ligava Santa Rita do Jacutinga (MG) e PassaTrês (RJ), inaugurada em 1883 e desativada em 1961. O acesso rodoviário se dá pela RJ 137, que liga Barra do Pirai à Conservatória. Possui mais de 25 cômodos, que, na maior parte, comunicam-se entre si, através de um pátio interno. Na fachada destaca-se pequena escada na entrada principal e seqüência de janelas com vergas retilíneas.
(VAL-CF-R01)

FAZENDA SÃO LOURENÇO

A casa sede está localizada sobre uma elevação, ladeada por duas mangueiras centenárias, cujo acesso se dá pela RJ 137.

Aparentemente, suas características arquitetônicas originais ainda se mantêm intactas. Foram conservados o terreiro de café e o engenho de beneficiamento, que dispõe de maquinário em madeira em condições de funcionamento. Até pouco tempo atrás pertencia ao historiador Fernando Tasso F. Pires.
(VAL-CF-R02)

Não se conseguiu fotos da sede.



Foto: Arthur Vianna

O CENTRO HISTÓRICO DE CONSERVATÓRIA

O centro histórico de Conservatória - 6º Distrito de Valença, é oriundo da aldeia de Santo Antônio do Rio Bonito. No 1º quartel do século XIX houve a instalação de um curato e a concessão de sesmaria aos índios coroados, que tinham perdido suas terras do primeiro aldeamento, em Valença.

Após o declínio do café, Conservatória passou a ser procurada para tratamento de saúde, por possuir ótimo clima e, mais recentemente, tornou-se famosa pela tradição de se ouvir, cantar e respirar a música de Seresta em suas ruas.

O centro histórico de Conservatória – estruturado por duas ruas que partem da praça da estação ferroviária e se unem ao final na praça Getúlio Vargas, forma um conjunto arquitetônico homogêneo. A maioria das casas foi implantada sobre o alinhamento frontal e não mantém afastamentos laterais. É interessante observar os diferentes tratamentos dados aos caixilhos dos vãos de portas e janelas.

Hoje sua economia está baseada na agropecuária e no turismo. Várias das casas são identificadas por placas com o nome e autoria de uma música de seresta escolhida pelo próprio morador.
(VAL-CF-U03-00)



Casario próximo à praça Getúlio Vargas.

Foto: Flávia Antunes



Detalhes dos caixilhos

Foto: Flávia Antunes



Túnel que chora



Antiga locomotiva

Foto: Flávia Antunes

IGREJA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO

A Igreja Matriz foi construída próxima ao local da velha capela do curato e da paróquia que se incendiou em 1839. Foi fundada em 1850 e inaugurada em 1868. Posteriormente, foram realizadas novas benfeitorias, como a ampliação do coro, em 1882, e a contração do púlpito e ornamentação dos altares, em 1888. Em seu interior, destacam-se adornos em forma de abacaxi, que servem de suporte aos lustres no corpo da nave.

(VAL-CF-U03-01)



Foto: Flávia Antunes

CASA DE CULTURA

Está localizada defronte da fachada lateral da Igreja Matriz, à rua Monsenhor Paschoal Librelloto, 307.

Suas características construtivas e seu volume impõem a sua presença dentro da estrutura arquitetônica homogênea do restante da vila. Provavelmente construído na primeira metade do século XIX, foi reformada no terceiro quartel daquele século, quando adquiriu as feições atuais. A fachada, ainda que obedecendo a uma cadência na disposição dos vãos, numa composição bem estruturada, foge ao princípio de simetria das soluções neoclássicas. Encontra-se protegido pela Lei Municipal n.º 1471 de 1987 de Proteção Cultural de Conservatória e pelo Tombamento Estadual, proc.E -18/000.193/2000. Pertenceu a José Ribeiro de Carvalho - filho do Barão de Cajuru e a outros moradores ilustres, como o importante médico daquele distrito, Dr. Bento de Azevedo Maia Rubião.

(VAL-CF-U03-02)



Foto: Flávia Antunes

CASAS A RUA PEDRO GOMES N.º 16 E 26

Os imóveis destacam-se do casario adjacente devido ao gabarito de dois pavimentos, criando uma interessante e variada movimentação na silhueta do conjunto ambiental urbano local.

O acesso se dá por meio de portas de madeira de folha dupla com venezianas e postigos e por janelas de abrir de madeira com a mesma tipologia das portas. Apresentam balcão reto com gradil de ferro decorado e telhado de beiral aparente e alongado. O colorido das fachadas é destaque nestas duas construções, que tiraram partido do contraste entre cores primárias valorizando sua arquitetura.

(VAL-CF-U03-03).



Foto: Flávia Antunes

HOTEL VILA REAL

O Hotel Vila Real está localizado na rua Pedro Gomes, próximo a antiga Estação Ferroviária de Conservatória, em uma área onde ocorre o alargamento da caixa de rolamento, o que beneficia a ambiência da construção.

(VAL-CF-U03-04)



Foto: Flávia Antunes

CASARIO A RUA OSWALDO FONSECA

Este casario destaca-se na paisagem urbana do entorno da praça Getúlio Vargas, não só pela harmonia do conjunto construído como pelo tratamento dos caixilhos de vidro.

(VAL-CF-U03-05)



Foto: Flávia Antunes

CASARIO A RUA LUIZ A. PINTO

Este casario, com linguagem arquitetônica colonial se destaca pela extensão de sua fachada branca, marcada pela verticalidade dos vãos de portas e janelas.

(VAL-CF-U03-07).



Foto: Flávia Antunes

CASA DESENCONTRO

A Casa Desencontro está implantada em lote regular à rua Luis Almeida Pinto nº 173, encravado entre outros dois imóveis. Conserva ainda as características originais destacadas pela sua relação com as edificações vizinhas. Encontra-se em harmonia com o conjunto arquitetônico existente em seu entorno e integrado a paisagem ambiental urbana da cidade.

(VAL-CF-U03-08)



Foto: Flávia Antunes

CASA N.º 459

Imóvel de um pavimento, com frente para a praça Getúlio Vargas. Apresenta uma arquitetura tipicamente colonial marcada por sua cobertura em telha canal com beiral sacado apoiado em cachorros e cimalha de madeira. As paredes de vedação são de tabique argamassado e a fachada é revestida com reboco, tinta e presença de régua de madeira.

(VAL-CF-U03-09).



Foto: Flávia Antunes

CASA N.º 469

Casario térreo, situado à praça Getúlio Vargas, com características da arquitetura colonial portuguesa, com estrutura original de madeira e paredes de vedação em pau-a-pique. Apresenta telhado com beiral proeminente revestido com forro horizontal e cachorros de madeira. Seus vãos são destacados por janelas de madeira envidraçadas do tipo guilhotina.

Sofreu modificações em 1937, com desmembramento da casa inicial e troca das portas lisas por portas duplas, no pavimento térreo, e de algumas madeiras do telhado. O desmembramento deu origem a três casas, sendo uma destinada ao comércio para uso como farmácia.

(VAL-CF-U03-10).



Foto: Flávia Antunes

CASA N.º 41

Imóvel situado à rua Luiz de Almeida Pinto, 41, constituído de um pavimento de estrutura original de madeira e parede de vedação de pau-a-pique. A fachada é revestida com reboco e tinta. O telhado é de duas águas de telha canal e possui cimalha de madeira e beiral.

(VAL-CF-U03-11).



Foto: Flávia Antunes

PRAÇA GETÚLIO VARGAS

É a única praça da cidade, compondo o cenário paisagístico à frente da Igreja Matriz.

Apresenta distribuição das espécies vegetais de forma equilibrada e coerente, o que não dificulta a leitura de seu entorno. Preserva sua ambiência natural e remete a beleza da paisagem natural que circunda a cidade.

(VAL-CF-U03-12)



Foto: Flávia Antunes

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

O Prédio da Estação Rodoviária Dr. Jair Nóbrega, outrora estação ferroviária de Conservatória, está situado no centro de Conservatória, sendo inaugurada por D. Pedro II em 21 de novembro de 1883.

Com a extinção do trem em 1961, foi transformada em rodoviária, onde também funciona o Destacamento de Policiamento Ostensivo, o telefone público e o Museu de Conservatória.

(VAL-CF-U03-13)



Foto: Flávia Antunes

Saindo de Conservatória no caminho em direção a Santa Isabel do Rio Preto – RJ 137

FAZENDA SÃO PAULO

A sede caracteriza-se pela imponência e originalidade de suas janelas em estilo neogótico e de suas portas, voltadas para os imensos terreiros de café, um dos quais se encontra, hoje, ajardinado.

A área íntima da casa, no segundo pavimento, compreende vários quartos, salas, alcovas e uma capela, revelando a devoção de seus proprietários a São Paulo. Registra-se ainda um pequeno jardim interno em um pátio quadrado. (VAL-CF-R03)

Aberta à visita, tendo um dos acessos pela RJ 137.



Foto: Leila Alegrio



Fotos: Leila Alegrio

FAZENDA SÃO FERNANDO

Uma das opções de chegada à fazenda é pela RJ 137. A antiga sede, apoiada sobre um porão, se caracteriza pela extenso avarandado que circunda o corpo principal da casa – solução muito adotada na arquitetura colonial mineira.

O acesso principal é feito por uma escada colocada em uma das extremidades da varanda, que conta com guarda-corpo trabalhado em madeira pintada. Tal posicionamento favorecia a recepção aos visitantes à sala/nave da capela para assistirem às missas, sem que entrassem no seu interior. (VAL-CF-R04)



Foto: Leila Alegrio



Fotos: Leila Alegrio

Saindo de Conservatória no caminho em direção a Valença – RJ 143 (até a BR 393)

FAZENDA FLORENÇA

A sede apresenta características originais preservadas, onde se destaca o acesso principal marcado por um alpendre frontal sustentado por pilares de madeira trabalhada, apoiados em base de cantaria.

Este conjunto, no qual se destaca o frontão triangular, introduz um elemento neoclássico na arquitetura de linguagem colonial do restante da edificação.

Foi propriedade dos Leite, numerosa família de cafeicultores oriundos de Minas Gerais e depois, da família Castro, em cujas mãos ainda se encontra.

(VAL-CF-R05)

Aberta à visita.



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA SÃO LUIZ

A casa grande foi construída num vale, em terreno com pequena declividade, junto ao córrego que a abastece. Outrora, a composição do quadrilátero era formada pela casa grande num dos lados, onde as senzalas ocupavam os outros dois. No centro do quadrilátero existiam três terreiros para secagem do café.

A sede da fazenda é uma construção assobrada, seguindo planta em L. Possui escada de acesso externo ao 2º pavimento.

A sede da Fazenda São Luiz foi construída pelo comendador Luiz da Costa e Souza, em 1860. Não foram encontradas referências recentes sobre a fazenda.

(BPR-CF-R15)



Foto: Inventário de Bens de Interesse Histórico e Artístico

FAZENDA VENEZA

A sede da fazenda, com acesso pela RJ 143, é valorizada pela topografia e vegetação local e pelo tratamento paisagismo ressaltado pela presença das palmeiras imperiais.

Apresenta uma linguagem neoclássica dominante com alguns elementos do ecletismo. As linhas originais da sede foram mantidas e compõem um harmonioso conjunto com a edificação do antigo engenho, apesar de estilos distintos. O jardim de inverno, muito utilizado em substituição à varanda, conta com janelas de guilhotina e bandeiras de vidros multicoloridos.

A Fazenda Veneza foi construída nas terras de Manuel Gomes de Carvalho, o Barão do Amparo. Na 2ª metade do século XIX, seu proprietário mais ilustre foi o Barão de Guaraciaba, Francisco Paulo de Almeida – único titular do império que tinha tez negra.

(VAL-CF-R07)



Foto: Leila Alegrio



Foto: Leila Alegrio



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA SÃO JOSÉ

Imponente sede localizada próxima à RJ 143. (VAL-CF-R08)



Foto: Leila Alegrio

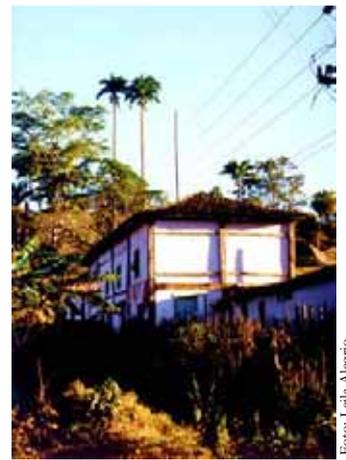


Foto: Leila Alegrio

FAZENDA SANTANA

Conta a tradição local que sua antiga sede foi destruída por um incêndio na 2ª metade do século XIX, sendo uma nova construída em outro local da fazenda. Tal suposição foi confirmada quando da realização de uma reforma, onde foi constatado o uso de material reaproveitado, inclusive de madeira queimada. Tem acesso pela RJ 143 e é aberta à visita. (VAL-CF-R09)

Abaixo, detalhes do jardim e do telhado.



Fotos: Leila Alegrio

FAZENDA VISTA ALEGRE

O antigo casarão, da segunda metade do século XIX, é uma imponente edificação assobradada em estilo neoclássico. O corpo da edificação apresenta planta em forma de "C", que envolve um jardim interno. A entrada principal conta com um pequeno alpendre com estrutura de ferro fundido. O antigo terreiro de café, situado em frente à sede, foi substituído por um enorme gramado com elementos decorativos e árvores frondosas.

Pertenceu ao Visconde de Pimentel, grande amante da música e das artes, que ficou conhecido pelos saraus que promovia em sua propriedade, trazendo artistas famosos, como o pianista Gotshalk, que se apresentou na fazenda em 1869.

Implantou na fazenda várias inovações, como maquinaria para o beneficiamento de café, compreendendo engenhos, moinhos, prensa, fornos, lavadores, batedores, ventiladores, despoldadores a seco, tirador de goma, cilindro para torrar farinha e gasômetro – fatos que motivaram a visita do Conde D'Eu a Valença em setembro de 1876.

(VAL-CF-R10)

Aberta à visita.



Foto: Leila Alegrio



Foto: Leila Alegrio

MAPA ROTEIRO 2

ROTEIRO 2

As Sedes de fazenda no caminho entre Volta Redonda e Barra do Piraí–BR 393

FAZENDA TRES POÇOS

A sede é composta por dois pavimentos, sendo o primeiro um porão habitável. A entrada principal se dá por uma escadaria sob forma de leque. A porta abre-se para um imenso salão onde se encontra a capela com um belo altar. A capela possuía uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, hoje instalada na Fazenda Feliz Remanso.

A fazenda se tornou uma grande produtora de café quando Lucas Antonio Monteiro de Barros a recebeu como dote ao se casar com Cecília Breves de Moraes, uma das filhas do Barão do Piraí. Foi também de sua propriedade a fazenda Feliz Remanso, pertencente à família Monteiro de Barros.

As antigas edificações compõem as instalações do Centro Universitário de Volta Redonda - Fundação Oswaldo Aranha. A sede foi destinada ao Laboratório de Engenharia Ambiental. Abaixo, imagens de outra edificação, onde funciona o curso de Engenharia; e dos antigos equipamentos de beneficiamento de café.

(VRD-CF-R01)



Foto: Lella Alegrio



Foto: Lella Alegrio

FAZENDA DO ATERRADO

A casa, edificada em forma de “L” invertido e com influência da arquitetura colonial mineira, apresenta o beiral do telhado arrematado em uma singela cimalha. A porta de entrada localiza-se sob um alpendre com pequena escada de pedra lavrada.

Na planta em “L” encontram-se distribuídas as salas de estar, visitas e jantar, assim como alguns quartos que se abrem ora para a sala de jantar, ora para de visitas. A cozinha e a área de serviço localizam-se na parte posterior da edificação. Ainda se pode observar alguns vestígios do que outrora fora o engenho, a tulha e as senzalas.

(BPR-CF-R13)



Foto: Lella Alegrio

FAZENDA FELIZ REMANSO

A sede da fazenda situa-se em sítio plano e arborizado, localizado próximo às margens do rio Paraíba do Sul .

É composta por dois edifícios principais, interligados por um terceiro prédio, formando um conjunto com planta em “L”, com alpendre voltado para leste. Destaca-se um pequeno campanário junto à casa do capataz.

No início do séc. XIX, a Fazenda Feliz Remanso pertencia ao capitão José Tomaz da Silva. Com sua morte, a propriedade passou, por venda, a pertencer ao Comendador Lucas Antônio Monteiro de Barros – Visconde de Congonhas do Campo.

(BPR-CF-R12)



Foto: Lella Alegrio

Seguindo o caminho de Barra do Pirai a Vassouras – BR 393

FAZENDA SANTANA

A sede da fazenda e as edificações anexas apresentam um desenho sob forma de “U”. Foram implantadas em platô delimitado por muro, cuja configuração assemelha-se a uma aldeia que procura se defender de supostos invasores.

Compõe a área construída: terreiro, depósito, antigas senzalas, jardins, oficinas e capela. Há um grande forno de cal e bons engenhos de café e açúcar, movidos por motores hidráulicos. O acesso aos terreiros de café, aos depósitos e às antigas oficinas da fazenda se faz por uma alameda lateral, na qual se destaca a aléia de palmeiras.

Apesar de ser um belo exemplar de arquitetura rural brasileira, a edificação sofreu diversas alterações. Sua sede foi construída pelo pai do 1º Barão do Rio Bonito - o Comendador Joaquim Pereira de Faro. (BPR-CF-R14)



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA POCINHO

Em 2003, após um período de abandono a sede foi demolida, restando apenas o engenho. A configuração original da construção, toda térrea, era em formato de "U", com pátio central. Compunham a edificação: senzala, tulhas, engenho e casa de empregados. A casa grande apresentava varanda externa contornando a edificação, que dava acesso a maior parte dos cômodos.

A fazenda pertenceu ao 1º Barão do Rio Bonito, tendo sido comprada, em 1891, por Francisco Paulo de Almeida - Barão de Guaraciaba, que buscou recuperá-la da situação de quase abandono em que se encontrava.

(VAS-CF-R01)



Foto: INEPAC

Tombamento Estadual de 1979. Processo N. E-03/38 239/78.

FAZENDA SÃO ROQUE

Está situada próxima à antiga Estação de Ipiranga, margeando a esquerda a linha férrea.

Segundo descrição (INEPAC, 1976), a construção é assobradada sendo o 2º pavimento a parte principal da residência. Apresenta varanda tipo corredor, em forma de “L”, com 16 janelas no trecho frontal da casa. As ruínas da antiga senzala estão situadas aos fundos da edificação.

O terreiro de café localiza-se em plano abaixo da edificação, cercado por muro de pedra, ao qual se acessa através de uma grande escada. (VAS-CF-R02)

Não se obteve fotos da sede da fazenda.

O CENTRO HISTÓRICO DE VASSOURAS

A cidade de Vassouras está situada no coração do vale fluminense do rio Paraíba do Sul. Dista 161 Km do Rio de Janeiro e 22 Km da sede de Barra do Piraí. O acesso principal se dá pela rodovia BR 393.

A Vila de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras foi instalada em 1833, em torno da capela de mesmo nome, vindo a se tornar município em 1857, ano em que foram plantadas as palmeiras da Praça da Matriz – atual Campo Belo. A região se tornou um grande centro cafeeicultor na segunda metade do século, época em que os espaços públicos receberam benfeitorias e as casas mais singelas foram substituídas por sobrados com características neoclássicas.

O centro histórico compreende o acervo paisagístico e urbanístico da cidade, que está protegido por tombamento federal desde 1958. A eficácia da proteção muito se deve ao trabalho do Escritório Técnico da 6ªSR/IPHAN, que também administra o Museu Casa da Hera – o primeiro imóvel tombado na região, em 1952.

(VAS-CF-U01-00)



Praça Campo Belo - vista da Igreja de N. Sra da Conceição.



Vassouras, 1858. Litografia de Victor Frond e Charles Ribeyrolles.



Chafariz D. Pedro II, localizado na Pça. Sebastião Lacerda

Foto: Fernanda Monho

IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição está situada na praça Barão de Campo Belo, em seu trecho mais elevado.

Teve a sua origem em pequena capela erguida à margem do antigo Caminho da Polícia. A forma atual data de meados do século XIX, cujas obras foram concluídas em 1853. É composta por nave única sem transepto e ampla capela-mor. A nave dispõe de quatro altares laterais, coro e batistério. A fachada principal apresenta três portas de entrada, encimadas por três janelas do coro. A frontaria é ladeada por duas torres sineiras com coberturas em abóbadas, sendo coroadas por frontão triangular com relógio ao centro.

As fachadas laterais contam com 10 janelas providas de sacadas com gradis em ferro, decorados com motivos religiosos e com soleira em pedra.

(VAS-CF-U01-01)



Foto: Fernanda Monho

Tombamento Federal de 1958. Processo n. ° 566-T.

PRAÇA BARÃO DE CAMPO BELO

A praça Barão de Campo Belo, de 1857, está situada na área central da cidade. Nela se concentram várias edificações que datam do século XIX, todas protegidas por tombamento federal.

Está implantada em uma encosta gramada, de alicive suave, que se estende como um tapete verde à frente da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Palmeiras imperiais ladeiam dois lados da praça, direcionando o olhar do observador para a igreja. No ponto central da praça se localiza o Chafariz Monumental, de 1845. A implantação do lago e o complemento da arborização datam do século XX.

As ruas a sua volta ainda guardam o calçamento original, inclusive com o interessante sistema de sarjetas inclinadas. (VAS-CF-U01-02)

Tombamento Federal de 1958. Processo n. ° 566-T.



Foto: Fernanda Monho

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA

A Santa Casa de Misericórdia – atual Asilo Barão do Amparo, é uma extensa construção térrea com porão habitável. O início das obras data de 1848, sendo inaugurada em 1853 para abrigar a Santa Casa de Misericórdia e o Hospital Nossa Senhora da Conceição.

Em seu terreno foi implantado o jardim Memorial Judaico, último projeto do arquiteto paisagista Roberto Burle Marx, realizado em 1991 – em homenagem à presença da colônia israelita em Vassouras, desde o século XIX. (VAS-CF-U01-03)

Tombamento Federal de 1958. Processo n. ° 566-T.



Foto: Fernanda Monho

PREFEITURA E CÂMARA MUNICIPAL

O prédio da Prefeitura e Câmara Municipal foi implantado em posição privilegiada dentro do conjunto histórico, com fachadas voltadas para a praça Barão de Campo Belo e para a praça Eufrásia Teixeira Leite.

Foi construído pela Direção de Obras Públicas da Província, a partir de 1849, para servir a Casa de Câmara e Cadeia, tendo sido concluído em 1874. Em 1934, a Coletoria, o Júri e a Cadeia foram transferidos para o prédio do Fórum, ficando o Paço Municipal para uso exclusivo da Prefeitura e Câmara Municipal. (VAS-CF-U01-04)

Tombamento Federal de 1958. Processo n. ° 566-T.



Foto: Fernanda Monho

MUSEU CASA DA HERA

Sua construção data da primeira metade do século XIX, tendo a parte externa das paredes de pau-a-pique recobertas de hera. Conta com vinte e um cômodos dispostos num plano em forma de retângulo vazado por um pátio, localizado no centro da edificação. O estilo colonial foi, ao longo dos anos, ganhando um toque refinado na decoração com a incorporação de elementos neoclássicos. As peças mais importantes encontram-se na sala de negócios e no escritório, sendo uma delas a mesa na qual Dom Pedro II assinou o tratado da estrada de ferro, hoje Central do Brasil.

O primeiro proprietário do imóvel foi Ezequiel Araújo (Padilha), cavaleiro da Ordem da Rosa. Em 1820 a casa passou a pertencer a Francisco José Teixeira Leite - Barão de Itambé e, em 1866, Joaquim José Teixeira Leite herdou a propriedade de seu pai. Quando faleceu, em 1872, deixou a propriedade para Da. Eufrásia Teixeira Leite. (VAS-CF-U01-05)

Tombamento Federal de 1952. Processo n. ° 459-T.



Foto: Flávia Antunes

CASA DA CULTURA

Encontra-se localizada na lateral da praça Barão de Campo Belo, com vista privilegiada para a paisagem formada pela praça e do entorno do casarão. A construção data de 1868, tendo pertencido ao Tenente Francisco José Teixeira de Souza e, posteriormente, ao Barão de Itambé.

Nesse local foi fundada a Biblioteca Municipal, em 1872, que passou a ser denominada como Biblioteca Maurício Lacerda, em 1959, em homenagem ao ex-prefeito da cidade.

Destacam-se em seu acervo as coleções dos Almanques e dos Anais da Câmara e do Senado do século XIX, além de livros e periódicos, perfazendo um total de 22.000 títulos. (VAS-CF-U01-06)

Tombamento Federal de 1958. Processo n. ° 566-T.



Foto: Fernanda Monho

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

A estação foi inaugurada em 1912 pelo então Presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca. Abandonada por muitos anos, após a extinção do ramal ferroviário, foi restaurada pela Fundação Severino Sombra. Atualmente, nela funciona a Universidade mantida pela Fundação.

A edificação compreende uma construção térrea em tijolo aparente, cujas fachadas, principal e posterior, apresentam uma seqüência de quatro janelas e porta central. Nas laterais, portas em folha dupla de madeira, ladeadas por duas pilastras, encimadas por frontão triangular, em cujo centro encontra-se um óculo. Acima destes vãos, cobertura em meia água sustentada por mãos francesas metálicas. Sobre o telhado da estação, no eixo de simetria, ergue-se uma torre com relógios nas quatro faces, encimada por corpo ornamentado por falsas seteiras e encimada por ameias. (VAS-CF-U01-08)



Foto: Fernanda Monho

PALACETE BARÃO DE ITAMBÉ

O Palacete, datado de 1849, está localizado no entorno da praça Barão de Campo Belo. Pertenceu inicialmente a José Joaquim Botelho, sendo depois adquirido pelo Barão de Itambé.

É uma nobre edificação assobradada que apresenta pórtico de entrada para a chácara com portão de ferro robusto e desenho elegante, encimado por frontão partido, tendo ao centro uma gárgula de louça. Na frontaria, destaca-se o corpo do sobrado com três janelas rasgadas e balcão em toda a extensão da fachada, coroado por cimalkhas e telhado em quatro águas. A sala de jantar é ornamentada por pinturas ilusionistas nas paredes, de autoria de José Mário Villaronga, autor de várias obras semelhantes em casas rurais e urbanas do Vale do Paraíba. (VAS-CF-U01-09)

Tombamento Federal de 1958. Processo n. ° 566-T.



Foto: Fernanda Monho

PRAÇA SEBASTIÃO DE LACERDA

Pequena praça, localizada aos fundos da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. De forma triangular, é circundada por ruas de paralelepípedo e calçamento de pé de moleque. Compõe a paisagem uma aléia de frondosas figueiras, na lateral da praça.

Na calçada oposta, encontra-se o Chafariz D. Pedro II, em cantaria lavrada, com tanque e duas torneiras localizadas em painel vertical. Foi inaugurado em 1848, no aniversário do Imperador D. Pedro II, que doou recursos financeiros para a sua realização. (VAS-CF-U01-10)

Tombamento Federal de 1958. Processo n. ° 566-T.



Foto: Fernanda Monho

PALACETE BARÃO DO AMPARO

Do palacete só restam ruínas, que pode ser vista de vários locais da cidade. Está localizado em uma colina próxima ao conjunto urbano tombado.

Foi construído por Joaquim Gomes Leite de Carvalho, o 2º Barão do Amparo, em 1886. A edificação tinha a forma de um quadrilátero, tendo em cada uma das quatro faces reproduções de fachadas de palacetes que o Barão viu e apreciou na Europa.

(VAS-CF-U01-11)



Foto: Fernanda Monho

SOLAR BARÃO DO RIBEIRÃO

Voltado para a praça Barão de Campo Belo, o palacete de estilo neoclássico é um típico exemplar da construção urbana do período áureo do café. A fachada principal apresenta no pavimento térreo uma seqüência de seis janelas e porta central, ladeada de pórtico em cantaria com portão de ferro. No pavimento, sete janelas rasgadas com balcões em guarda-corpos de ferro entremeadas por falsas colunas e encimadas por frontão triangular e platibanda com seis pequenas estátuas.

A edificação, antiga residência do Barão do Ribeirão, foi construída em 1860. Posteriormente, foi herdada por filho, o Visconde de Cananéia. Serviu de instalação ao Hotel Cananéia, em 1895, vindo ser depois cadeia do Município e o Fórum Vassouras. (VAS-CF-U01-12)

Tombamento Federal de 1958. Processo n.º 566-T.



Foto: Fernanda Monho

SOLAR BARÃO DE VASSOURAS

O palacete situa-se à frente da praça Eufrásia Teixeira Leite e das sedes da Prefeitura e Câmara Municipal.

Extensa edificação de um só pavimento, com porão alto não habitável, e planta em forma de "U". Para o pátio central, as salas íntimas da residência se abrem através de porta e janelas envidraçadas com verga em arco pleno. A fachada principal apresenta uma seqüência de portas e janelas com vãos de verga reta e folhas em guilhotina com bandeiras todas de vidro. É encimada por platibanda em balaustrada, assentada sobre robusta cimalha, que confere uma feição pesada ao prédio. Sua construção data do século XIX e pertenceu a Francisco José Teixeira Leite, Barão de Vassouras. (VAS-CF-U01-13)

Tombamento Federal de 1958. Processo n.º 566-T.



Foto: Fernanda Monho

SOLAR BARÃO DE MASSAMBARÁ

Edificação de dois pavimentos e porão habitável, de partido retangular, sem afastamento frontal. A fachada principal, para a rua Dr. Joaquim Teixeira Leite, é encimada por um entablamento simplificado e ladeada por cunhais, de cantaria no térreo, e de argamassa no pavimento superior. A mesma fachada apresenta, no térreo, sete janelas e uma porta; e oito janelas rasgadas no sobrado, com balcão em toda a sua extensão. Um portão de ferro, guarnecido por dois pilares coroados por lampiões, ao lado do edifício, dá acesso ao quintal.

Sabe-se que, até 1874, o solar foi moradia dos barões de Massambará, quando foi negociada a sua venda para o Estado com um gravame de uso exclusivamente educacional. A escola ganhou o nome de Tiago Costa, médico vassourense, e funcionou durante cerca de oitenta anos. Após esse período, ficou abandonado até 1968 quando foi cedido à Fundação Educacional Severino Sombra. Nele funciona a Faculdade de Medicina. (VAS-CF-U01-14)

Tombamento Estadual de 1985. Processo n. E-18/300 014/85.



Foto: Fernanda Monho

CEMITÉRIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Construído pela Irmandade da Conceição, sua obra foi iniciada em 1848, prolongando-se até a década de 1860-1870. A entrada é marcada por um portão de ferro, guarnecido por pilares em cantaria, e muros que se estendem nas laterais, terminando em curvas suaves. (VAS-CF-U01-15).

Tombamento Federal de 1958. Processo n.º 566-T.



Foto: Fernanda Monho

Vista do portão ao fundo

Seguindo de Vassouras no caminho de Barão de Juparanã – RJ 115

O CENTRO HISTÓRICO DE BARÃO DE VASSOURAS

Barão de Vassouras, 2º distrito do município de Vassouras, teve importância em meados do século XIX, quando sua estação atendia ao movimento da cidade de Vassouras.

Atualmente é um pequeno lugarejo que mantém poucas marcas do seu passado.



Igreja de São Sebastião.

A estação de Barão de Vassouras foi inaugurada em 1865 com o nome de Vassouras. Era a estação mais próxima do centro da cidade. Ali se encontravam a linha do Centro e o ramal de Vassouras, que se prolongava até a estação seguinte, Barão de Juparanã. Daquele ponto, o ramal seguia adiante como ramal de Jacutinga.

O acesso à estação se dá por estradas de terra, tanto vindo de Barra do Pirai quanto de Vassouras. Encontra-se em estado de abandono.

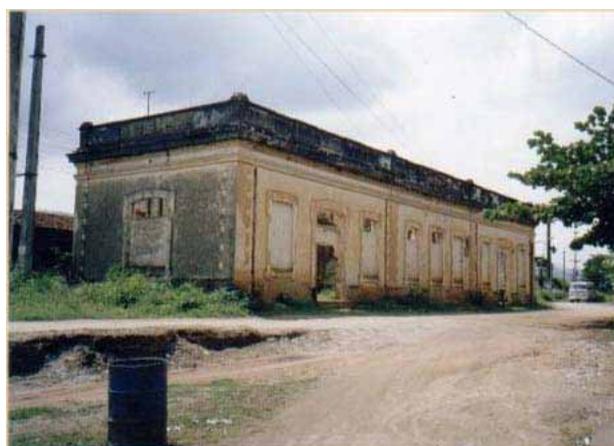


Foto: www.estacoesferroviarias.com.br

Antiga estação ferroviária de Barão de Vassouras

FAZENDA SANTA MÔNICA

Está situada próxima à entrada da cidade de Barão de Juparanã, na margem esquerda do rio Paraíba do Sul.

A sede da fazenda segue o padrão dos sobrados urbanos, ampliado em função do terreno plano e sem limites de vizinhanças. Apresenta planta em "U", com pátio interno, típica da arquitetura praticada no século XIX para a zona rural, separando e isolando as diversas áreas de distribuição de uso.

É uma das maiores casas de fazenda da região, com 3.048 m², dispondo de 65 compartimentos e cinco escadas internas. Em suas fachadas abrem-se 62 portas e 97 janelas, de onde seu proprietário, o Barão de Juparanã, avistava a monumental ponte da Estrada de Ferro D. Pedro II, construída sobre o rio Paraíba do Sul, com recursos por ele financiados. (VAL-CF-R21)

Tombamento federal - Processo N.º 881-T.



Foto: Lelia Alegrjo



FAZENDA MONTE SCYLLENE

Encontra-se implantada no alto de uma colina, em meio a bosque de sapotis, próxima à entrada da cidade de Barão de Juparanã.

O estilo neoclássico revela a imponência do solar do Monte Scyllene, que foi um dos mais sofisticados de sua época.

Em fins do século XIX, o casarão foi ocupado pela Associação da Infância Desamparada, instituição fundada pelo Conde D'Eu. Em 2000, a antiga sede foi reformada, abrigando, atualmente, uma clínica para tratamento de saúde.

(VAL-CF-R20)



Foto: Lelia Alegrjo

O CENTRO HISTÓRICO DE BARÃO DE JUPARANÃ

O centro histórico de Barão de Juparanã, 2º Distrito de Valença, formado pela Praça Getulio Vargas, a Estação Ferroviária Desengano, a Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio e o casario do entorno, constitui-se numa paisagem harmoniosa que surpreende o visitante.

A cidade teve o seu apogeu no século XIX, em função do movimento promovido pela linha férrea. Entre as edificações, destaca-se a antiga estação ferroviária de Desengano - importante ponto de entroncamento ferroviário.

(VAL-CF-U02-00)



Estação de Desengano ou Juparanã, em 1908.

www.estacoesferroviarias.com.br



Foto: Fernanda Monho

Estação de Barão de Juparanã, em 2003.

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA BARÃO DE JUPARANÁ

A estação de Desengano, inaugurada em 1865, pertencia à linha do Centro e era o ponto de entroncamento com ramal de Jacutinga.

Reúne características únicas, se comparadas com outras construídas na mesma época, pela EFCB. A construção, totalmente executada em tijolos maciços, originalmente apresentava o material aparente nas fachadas, que foram, mais tarde, revestidos com argamassa. Na solução inusitada da cobertura, destaca-se a torre central do edifício, localizada no eixo do telhado e não da fachada, como é usual. Conta, ainda, com torreões nas extremidades do prédio, cobertos com telhados em duas águas que se interceptam como uma abóbada de nervuras. Os torreões são arrematados com frontões triangulares nas quatro faces.

A estação de Desengano era classificada como estação de primeira classe pela Central do Brasil, em função da receita gerada. Fato que explica as dimensões monumentais da edificação, face ao porte do lugarejo onde foi implantada.

Atualmente desativada, abriga uma agência dos correios e posto policial. Há projetos para transformá-la em museu.

(VAL-CF-U02-02)

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO

A igreja está situada às margens da estrada de ferro e do Rio Paraíba do Sul, próximo à Estação Ferroviária Barão de Juparanã.

A edificação apresenta estilo neogótico, de delicadas linhas arquitetônicas. Sua planta compõe-se de nave central e duas salas laterais, onde funciona a sacristia. Pátio cercado por muro com gradil de ferro circunda a igreja. No seu acervo, a peça que mais se destaca é a imagem de Nossa Senhora do Patrocínio, esculpida em madeira e datada do início do século XIX.

A construção foi iniciada em 1874, sendo inaugurada em 14 de janeiro de 1881, com as presenças de D. Pedro II e Da. Tereza Cristina e altas personalidades da corte. Foi construída às expensas do Barão de Juparanã, com traçados e sob a direção do engenheiro Coronel José Joaquim de Lima e Silva. Grande parte das peças que compõem o templo, como altar, púlpito, lustres, candelabros, entre outros, foram importados da França.

(VAL-U02-01)

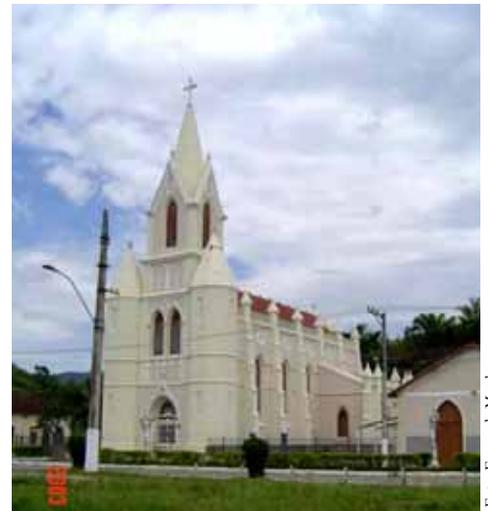


Foto: Fernanda Monho

ESCOLA BARÃO DE JUPARANÁ

Localiza-se no entorno da praça Duque de Caxias, tendo a fachada principal voltada para a linha ferroviária.

Arquitetura despojada e de extrema singeleza, a edificação térrea é marcada por cobertura em quatro águas em telhas de barro, com beiral em balanço encachorrado de madeira. Um jogo de cheios e vazios criado pelas inúmeras janelas com vãos em verga reta, movimentam o desenho da fachada.

(VAL-U02-03)



Foto: Fernanda Monho

CASARÃO

O casarão está implantado em lote regular de esquina, de frente para a rua e sem afastamentos frontal e lateral, localizado no entorno da praça Duque de Caxias.

Preserva ainda a antiga ambiência e harmonia com o entorno.

Casa térrea do período colonial, marcada por telhado de quatro águas com beiral e cachorros de madeira. É possível supor que o casarão foi desmembrado, pela inclusão de mais portas de acessos.

(VAL-CF-U02-04)



Foto: Fernanda Monho

PRAÇA DUQUE DE CAXIAS

A praça Duque de Caxias é ponto central no município e apresenta-se harmonicamente estruturada, com tratamento paisagístico adequado e correta implantação do mobiliário urbano.

A fotografia abaixo apresenta a área central da praça com a estação ferroviária de Barão de Juparanã, ao fundo.

(VAL-CF-U02-05)



Foto: Fernanda Monho



Foto: Fernanda Monho



Foto: Fernanda Monho

Seguindo o caminho em direção a Rio das Flores – RJ 115

FAZENDA URICANA

A sede da fazenda encontra-se implantada em sítio privilegiado, tendo ao fundo um bosque de eucalipto. O acesso se dá pela RJ 143.

A casa apresenta arquitetura singela, típica do período colonial. O corpo central é circundado por um avarandado com guarda-corpo em madeira.

Conta com imponente capela em edificação independente, cujo porte e características arquitetônicas contrastam com a casa-grande. (VAL-CF-R11)



Foto: Leila Alegrino

FAZENDA ORIENTE

Destaca-se à frente da casa e do prédio que serve de capela, um jardim que ainda preserva pequena murada com singelo gradil de ferro. Do lado oposto, um grande pomar com suas jaboticabeiras, goiabeiras e mangueiras.

A sede, de características neoclássicas, é construída sobre um porão alto habitável, o que lhe confere um aspecto assobradado. Apresenta forte influência do estilo colonial mineiro, com um pátio interno central que configura planta em forma de “O”, com os cômodos em torno deste espaço, concebidos para conferir à casa maior luminosidade e ventilação.

Na entrada principal, um belo alpendre com cobertura metálica imprime um ar majestoso e aristocrático. A porta principal apresenta vidros coloridos que, provavelmente, foram colocados após a construção da casa. A capela, situada ao lado direito do conjunto, exhibe em seu interior um dos mais interessantes exemplares de altar e imagens da “arte sacra cafeeira” do século XIX. (VAL-CF-R22)



Foto: Arthur Vianna



Foto: Leila Alegrino



Foto: Leila Alegrino

Voltando a Vassouras e seguindo o caminho em direção a Andrade Pinto – BR 393

FAZENDA SÃO FERNANDO

A fazenda está situada perto da cidade de Massambará. A casa grande está assentada no sopé de uma encosta, em posição mais elevada em relação ao terreiro de café e aos prédios destinados ao seu beneficiamento. Isto se deve à necessidade de controlar a produção e também às técnicas construtivas de então.

A planta da sede apresenta uma configuração muito utilizada em Minas Gerais, cuja base é um quadrado que se multiplica em módulos.

Pertenceu a Fernando Luis dos Santos Werneck – o Barão de Vassouras, que a fundou e deu seu nome à fazenda. Teve seu apogeu nos anos cinquenta do século XIX, não só em extensão de terras como na produção de café. Data dessa época a construção de novas edificações como: enfermaria, casa para mantimentos, olaria e engenho a vapor; além do embelezamento da casa grande e dos jardins. A partir de 1983 a edificação foi reformada e o seu acervo foi enriquecido.

(VAS-CF-R04)



Foto: Leila Alegrio



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA SANTA RITA DO PAU FERRO

Está situada próxima à rodovia BR 393. Apesar de ser uma construção de menor porte que as suas vizinhas, destaca-se pela tipologia da arquitetura rural mineira, com volumetria de base retangular e telhado de quatro águas, em cujas fachadas destaca-se o ritmo dos vãos de portas e janelas, todos em verga reta.

(VAS-CF-R05)



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA MULUNGU VERMELHO

Esta fazenda, localizada próxima à rodovia BR 393. Construção de um pavimento assentada em meia encosta, apresenta uma arquitetura colonial mineira com volumetria de base retangular e telhado de quatro águas, em cujas fachadas destaca-se o ritmo dos vãos de portas e janelas, todos em verga reta. Na fachada principal, pequeno alpendre com cobertura de telhas cerâmicas.

(VAS-CF-R06)



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA LUIZ DA BOA SORTE

Foi fundada pela prestigiosa família Avelar. A sede é assobradada, com porão habitável, implantada em platô elevado sobre o pátio frontal, no qual se encontram diversas aléias de palmeiras. O acesso ao platô se dá através de extensa escada bifurcada, localizada no eixo de simetria do conjunto, saliente do muro de contenção e executada em cantaria e com gradil de ferro.

O sobrado, de planta retangular com pátio central e telhado de quatro águas, tem volumetria equilibrada, mas de porte, reforçando a imponência do conjunto.

A fachada principal apresenta composição original, pouco comum nas demais fazendas da região, na qual se destacam: a escada externa bifurcada e coberta, em cantaria e com gradil de ferro; a varanda coberta do sobrado, aberta na parte central e fechada nas duas laterais, onde abrem cinco janelas, em cada lado, todas em vergas retas e guarnecidas por caixilhos de vidro em guilhotina. No porão habitável, uma portada central localiza-se sob a escada de acesso ao sobrado, ladeada por quatro portas de madeira em verga reta. (VAS-CF-R07)



Foto: Leila Alegrio



Foto: Leila Alegrio



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA UBÁ

Pioneira na serra Fluminense, a Fazenda Ubá foi fundada ainda no século XVIII, portanto, antes do período cafeeiro da região. Exibe como destaque a imensa varanda, o que lhe imprime feição arquitetônica própria de engenho de açúcar colonial, pouco adotada nas fazendas de café do período imperial. As largas tábuas empregadas no assoalho são materiais de acabamento típico da casa rural brasileira.

A imagem simples da entrada principal da casa é valorizada pela escada de pedra semicircular, bem lançada e de esmerada execução, ornamenta a varanda. Extensa varanda envolve o corpo principal, desenvolvendo-se da entrada para a capela, em um dos lados, à entrada da sala, no outro extremo. A varanda serve como circulação para os cômodos da casa, funcionando como elemento mediador entre as áreas social e íntima.

O Barão de Ubá, João Rodrigues Pereira de Almeida, foi seu proprietário de maior projeção durante o período cafeeiro do século XIX. (VAS-CF-R08)



Foto: Pedro Oswaldo Cruz, livro Fazendas.



Foto: Leila Alegrio

Seguindo o caminho em direção a Rio das Flores – RJ 135

FAZENDA SANTO ANTONIO

Edificação térrea, implantada sobre sítio plano e bem arborizado, apresenta volume assimétrico com dominância horizontal. As fachadas frontal e laterais são marcadas pelo ritmo e pela proporção dos vãos das janelas, todas com vergas retas e caixilhos de vidro em guilhotina.

O acesso à sede se faz através de alpendre descoberto, localizado no corpo lateral direito da edificação.

Pertenceu ao Visconde de Ipiabas, que em 1843 passou como dote de casamento ao Comendador Benjamin Salles Pinheiro pelo casamento com sua filha Cândida Peregrina. Mais tarde, o comendador vem a se tornar vereador, chefe do executivo do Município de Valença e um dos fundadores da Estrada de Ferro Rio das Flores.

Em 1865, a casa grande foi ampliada e dotada de todo o luxo e conforto, próprio da burguesia do oitocentos.

Abaixo, o chafariz e a entrada da fazenda. (RFL-CF-R07)



Foto: www.fazendacampoceliscos.com.br



FAZENDA FORQUILHA

A sede foi construída por Alexandre Ferreira Paiva e sua mulher, D. Maria José de Carvalho Paiva. Na época, era considerada uma das mais belas do Vale.

Sobrado eclético, de composição simétrica e equilibrada, assemelha-se aos “chalés urbanos românticos”, típicos da virada do século XIX para o XX. Nele se destacam: o corpo principal de dois pavimentos, coroado por frontão triangular com ornatos e relógio central e por telhado de duas águas, perpendicular à fachada com beirais em lambrequim; os corpos laterais, térreos, encimados por pequenos frontões triangulares, com óculos, e telhados de oito águas.

O proprietário modernizou o sistema de beneficiamento de café, ampliando as instalações e a extensão dos cafezais que atingiram, naquela época, cerca de 205.000 pés e implantou um gasômetro para iluminar todo o complexo. Ainda é possível encontrar parte desse equipamento nas paredes do engenho.

No livro *A Casa de meu Avô*, de 1977, Carlos Lacerda, ex-governador do antigo Estado da Guanabara narra suas aventuras na Forquilha em companhia dos primos. Atualmente não se encontra em bom estado de conservação. (RFL-CF-R06)



Foto: Arthur Vianna

MAPA ROTEIRO 3

ROTEIRO 3

Seguindo o caminho entre Vassouras e Engenheiro Paulo de Frontin – RJ 127

FAZENDA DA CACHOEIRA

Edificação térrea, datada da primeira metade do século XIX, com planta em formato em "T". O acesso à sede é marcado por um renque de palmeiras.

A Fazenda Cachoeira Grande pertenceu a Francisco José Teixeira Leite - Barão de Vassouras que a recebeu como dote de casamento com sua prima Maria Esméria Leite Ribeiro.

A fazenda possuía um engenho, do qual só restam as ruínas. A casa grande foi recuperada e hoje se encontra aberta à visitação.

(VAS-CF-R03)

Aberta à visita.



Foto: www.preserval.com.br

FAZENDA SANTA EUFRÁSIA

Situada em sítio de vegetação abundante com açude e árvores seculares, tem a sua frente amplo gramado, onde ficava o antigo terreiro de café.

O conjunto atual é formado pela casa principal, por edificação destinada a estábulo e garagem e casa para empregados. No interior, destaca-se o antigo mobiliário, ainda hoje conservado, com grandes mesas, cadeiras, marquesas e outros objetos do século XIX.

A sede foi construída, provavelmente, no século XVIII, abrigando antigo engenho de cana. Teve o seu apogeu no século XIX, quando foi propriedade do Comendador Ezequiel de Araújo Padilha, personalidade de vulto em Vassouras naquela época.

Aberta à visita.

(VAS-CF-R09).

Tombamento Federal de 1970. Processo N.º 789-T-67.

Não se conseguiu fotos da sede

FAZENDA TRINFO

Está situada na rodovia RJ 127. O local de implantação e o tratamento paisagístico, valorizam a edificação. Possui 300 ha de extensão de terras para criação de gado.

(VAS-CF-R10)



Foto: Artur Mário Vianna

O CENTRO HISTÓRICO DE MENDES

A cidade situa-se acima da escarpa da Serra do Mar, na borda do planalto fluminense.

As terras onde se localiza o município de Mendes foram desmembradas dos municípios de Vassouras, Pirai e Barra do Pirai. Mendes foi elevado à categoria de município em 1952.

Seus principais atrativos são: a Igreja Matriz de Santa Cruz dos Mendes, as ruínas do Hotel Santa Rita, a Estação Ferroviária Mendes Nova com o Túnel Grande e a Ladeira João Vieira.

(MEN-CF-U01-00)



Estação Ferroviária Mendes Nova.

www.estacoesferroviarias.com.br

O CENTRO HISTÓRICO DE ENGENHEIRO PAULO DE FRONTIN

A cidade de Engenheiro Paulo de Frontin, antiga Soledade de Rodeio, teve origem num arranchamento feito na Serra do Tinguá, por tropeiros que utilizavam o Caminho Novo na direção das Minas Gerais. O município foi criado em 1958.

Os imóveis identificados como de interesse histórico e cultural são: Castelo do Riacho, Estações Ferroviárias de Engenheiro Paulo de Frontin e Palmeiras, Túnel 12 e Fábrica Ferrine.

(EPF-CF-U01-00)



Seguindo o caminho em direção a Miguel Pereira – RJ 129 e RJ 121

FAZENDA PALMAS

Está localizada no fundo de um vale, cercada por árvores de grande porte e por imponentes palmeiras.

A sua frente, um lago ocupa o lugar do que provavelmente foi o terreiro de secagem de café.

(EPF-CF-R01)



Foto: Arthur Vianna.

O CENTRO HISTÓRICO DE MIGUEL PEREIRA

Miguel Pereira era conhecido como Barreiro, depois passando a se chamar Estiva do Miguel Pereira, até consagrar o seu nome atual. Tornou-se um município em 1955.

Em razão de sua altitude, 618 metros acima do nível do mar, e das colinas que o cercam, Miguel Pereira apresenta um clima ameno, equilibrado e com alto teor de oxigênio. Esses fatores, aliados a um índice razoável de chuvas tropicais, fizeram com que o Município fosse considerado como sendo o 3º melhor clima do mundo.

Seus atrativos são: as Estações Ferroviárias de Estiva e Governador Portela e o Viaduto Paulo de Frontin.



Foto: www.miguelpereira.com.br

Seguindo o caminho em direção a Vassouras – RJ 115

FAZENDA SECRETÁRIO

É um dos melhores exemplos de solar rural cafeeiro. Seu primeiro proprietário foi Laureano Corrêa e Castro, Barão de Campo Belo.

Em meados do século XIX, a sede da fazenda e seus jardins foram remodelados com enorme requinte do estilo neoclássico, que impressionaram o viajante francês Ribeyrolles, comparando-os às tulherias de seu país. No interior, o nobre solar abrigava mobília francesa, espelhos de cristal, cortinas adamascadas, serviço de porcelana inglesa e faqueiros de prata.

Edifício de notável qualidade arquitetônica, desenvolve-se em dois pavimentos. Apresenta planta em “U”, com uma das pernas mais alongada. Sua fachada é marcada pela seqüência de janelas simétricas nos dois pavimentos, todas com vergas retas e sobre-vergas, e por uma porta central almofadada, guarnecida por duas estátuas de escravos. O imponente volume é encimado por cimalkas e telhado em quatro águas, ladeado por frontões triangulares, com óculos. (VAS-CF-R11)

Aberta à visita.



Foto: Arur Mário Vianna



Foto: Leda Alegrio



Foto: Leda Alegrio

FAZENDA CACHOEIRA DO MATO DENTRO

Está situada próxima à rodovia RJ 115. Hoje, abrange uma extensão de 1000 ha de terras para criação de gado.

A sede, em estilo neoclássico, mantém características originais do séc. XIX. Edificação térrea, de composição simples, mas equilibrada, apresenta pequeno alpendre de acesso no eixo da fachada e telhado de quatro águas sobre singelas cimalkhas. Possui mobiliário, louças e acervo da época.

Teve como primeiro proprietário José de Avelar e Almeida – o Barão de Ribeirão.

(VAS-CF-R12)



Foto: Artur Mário Vianna



Foto: Leila Alegrio



Foto: Leila Alegrio

FAZENDA MONTE ALEGRE

A sede da fazenda é uma construção assobradada, assentada de forma natural sobre o declive do terreno. Neste tipo de casa rural, o 1º pavimento desenvolve-se menor que o superior.

A fachada apresenta no primeiro pavimento seis janelas e cinco portas e no pavimento superior onze janelas rasgadas, guarnecidas por cercaduras de pedra, e respectivos balcões de cantaria e guarda-corpos de ferro. Sua base é em paredões de cantaria de 65 cm de espessura. Foi uma das sete fazendas de Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, o 2º Barão de Paty do Alferes.



Foto: Pedro Oswaldo Cruz, livro Fazendas



Foto: Pedro Oswaldo Cruz, livro Fazendas



Foto: Pedro Oswaldo Cruz, livro Fazendas

O CENTRO HISTÓRICO DE PATI DO ALFERES

A cidade se desenvolveu em fundo de Vale, mantendo um clima ameno e agradável até os dias atuais.

Pati do Alferes tem seu surgimento na Sesmaria de Pau Grande, onde o Alferes Leonardo Cardoso da Silva assentou sua plantação, ainda no século XVIII - conhecida na época como Roça do Alferes.

A este povoamento foi concedido o predicamento de freguesia em 11 de janeiro de 1775, sob a denominação de Nossa Senhora da Conceição do Alferes, em homenagem a Igreja de mesmo nome.

(PAL-CF-U01-00)



Igreja Nossa Senhora da Conceição do Alferes.

Foto: www.patydoalferes.rj.gov.br



Foto: www.folhademocratica.com.br

Seguindo o caminho em direção a Petrópolis – RJ 117

FAZENDA PIEDADE

A antiga sede, de apenas um pavimento, se apresenta imponente no cenário rural de Miguel Pereira, por suas características neoclássicas simples, mas de boa qualidade. Um alpendre, sustentado por duas colunas e encimado por frontão triangular, protege a porta de entrada da casa. Destacam-se no volume da edificação, além dos marcantes telhados de quatro águas, a simplicidade das janelas, a bela cimalha e os capitéis dos cunhais.

É originária nas terras concedidas a Manoel de Azevedo Mattos, mais conhecidas como sesmaria do Padre Verneck, estabelecido inicialmente a margem direita do ribeirão de Sant'Anna, no final do século XVIII. (MPR-CR-R02)



Foto: Lella Alegrio



Foto: Lella Alegrio



Foto: Lella Alegrio

Seguindo o caminho em direção a Paraíba do Sul– RJ 125

FAZENDA ARCOZELO

Era a antiga Fazenda da Freguesia, uma das propriedades do Capitão-Mor Manoel Francisco Xavier, que durante muitos anos foi dos grandes produtores de Pati do Alferes e palco da mais importante fuga de escravos da região, liderada por Manoel Congo.

Dispõe de 57 mil m², sendo 10 mil m² de área construída, constituída por: casa sede, capela, restaurante, bar, apartamentos, albergues, teatro ao ar livre (Itália Fausta), teatro fechado (Renato Viana), salas de exposição e de música, biblioteca, galerias de arte, entre outros espaços para atividades artísticas. De características monumentais, o conjunto sofreu inúmeras modificações e acréscimos, restando de suas origens o volume da edificação principal e parte das estrebarias. (PAL-CF-R02)



Foto: www.patydoualferes.rj.gov.br

FAZENDA PAU GRANDE

Esta sede de fazenda, construída entre 1797 e 1810, tem sua capela inserida no corpo da casa, disposição arquitetônica muito rara no século XVIII. Dedicou-se, depois de 1810, à lavoura de café, quando se tornou uma das mais importantes produtoras da região.

O enorme casarão e seus anexos se desenvolveram com planta em "U", onde as duas alas são unidas pela capela. A feição grandiosa, com as três escadas de acesso ao nível da casa, e as dezesseis sacadas de ferro importadas que impressionaram o relato da visita de Saint-Hilaire, vem naturalmente do ciclo do café, quando foram seus donos o Barão de Capivari e depois seu filho, o Visconde de Ubá, ambos chamados Joaquim Ribeiro Avelar.

Antes da propriedade iniciar a produção cafeeira, seu engenho era considerado o segundo engenho do Brasil em produção. A edificação existe até hoje.

(PAL-CF-R03)



Foto: Arthur Vianna



Fotos: Pedro Oswaldo Cruz, livro Fazendas



MAPA – EFCB - Linha do Centro e Ramal de São Paulo

MAPA – EFCB - Linha Auxiliar: Japeri – Paraíba do Sul

MAPA – EFCB - Ramal Jacutinga e Ramal Afonso Arinos

MAPA – Rede Mineira de Viação - RMV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma das principais contribuições, acredita-se que este trabalho veio a resultar na consolidação da base de dados sobre o patrimônio cultural do Vale do Paraíba fluminense. A partir dela poderão ser desenvolvidos vários subprodutos de interesse para difusão, valorização e preservação do acervo. Na região encontram-se sob a proteção de instrumentos legais de preservação como o tombamento (federal, estadual ou municipal), um número insignificante de bens arquitetônicos imóveis diante da enormidade do universo existente e do valor histórico e cultural desse patrimônio.

Dentre os bens tombados, pelo Estado e União, encontram-se¹ :

- (E) trecho da estrada do Imperador (Caminhos de Minas) – Miguel Pereira
- (E) Fazenda do Pocinho - Vassouras
- (E) Solar do Barão de Massambará - Vassouras
- (E) casarão à rua Monsenhor Paschoal Librelloto, 307 – casa da cultura de Conservatória
- (F) Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e acervo - Paty do Alferes
- (F) Casa da Fazenda Santa Mônica - Valença
- (F) Casa e Chácara da Hera - Vassouras
- (F) Conjunto Paisagístico e Urbanístico da Cidade de Vassouras
- (F) Fazenda Santa Eufrásia com seus bosques e Parque Secular - Vassouras

Iniciativas locais de proteção ao patrimônio cultural vêm ocorrendo, apesar de incipientes, como por exemplo em Piraí e Barra do Piraí – seja no encaminhamento de lei de tombamento de autoria do executivo municipal ou na recuperação de prédios de interesse arquitetônico e, por outro, a demanda de proteção ao órgão estadual, como é o caso do município de Valença.

É crescente o número de sedes de fazendas abertas à visitação, demonstrando o interesse dos proprietários em se engajar no movimento de turismo cultural da região. As municipalidades, em conjunto com órgãos de governo como TURISRIO, o SEBRAE-RJ e o PRESERVALE – Instituto de Preservação e Desenvolvimento do Vale do Paraíba, vêm trabalhando para fortalecer o turismo cultural no Vale do Paraíba calcado na herança cultural do café, seja no meio urbano como rural. No entanto, o interessado não irá encontrar um roteiro nem um conjunto de informações básicas disponíveis para consulta.

Por fim, como principal recomendação se propõe a continuidade do inventário dos 'caminhos do café' para a região leste fluminense, seguindo a direção do caminho de Cantagalo.

¹ nota: estadual (E) e federal (F)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEGRIO, Leila Vilela; NOVAES, Adriano. *Históricos das fazendas do Vale do Paraíba*. Rio de Janeiro, 2003. mimeo.
- ATLAS fundiário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Assuntos Fundiários e Assentamentos Humanos – SEAF, 1991.
- BUENO, Alexei et al. *O patrimônio construído: as 100 mais belas edificações do Brasil*. São Paulo: Capivara, 2002.
- CARDOSO, Joaquim. Um tipo de casa rural do Distrito Federal e do Estado do Rio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 2, 1943.
- CARRAZZONI, Maria Elisa. *Guia dos bens tombados*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1980.
- DAVID, Eduardo Gonçalves. *A ferrovia e sua história: Estrada de Ferro Central do Brasil*. Rio de Janeiro: Associação dos Engenheiros Ferroviários, AENFER, 1998.
- ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.
- ESTRADAS de ferro do Brasil. *Revista Ferroviária*. Rio de Janeiro, 1960. Suplemento.
- FAZENDAS de café: turismo rural, trabalho e fixação da população. Juiz de Fora, 2002.
- Trabalho apresentado no IV Seminário Iberoamericano Vienda Rural y Calidad de Vida em los Asentamientos Rurales (Puerto Montt, oct./2002) por professores do BIC – Banco de imagens da construção da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.
- FERREIRA, Luiz Damasceno. *História de Valença (Estado do Rio de Janeiro) 1803-1924*. 2ª.ed.Valença : Valença, 1978.
- FIGUEIREDO, Adriana Nogueira da Costa. *Poder, progresso, luxo e opulência: um reexame da arquitetura rural fluminense do século XIX*. Rio de Janeiro, 1999. Dissertação (Mestrado em arquitetura) UFRJ-FAUCLA, 1999.
- GUIA do patrimônio documental do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado, 1997.
- LAMEGO, Alberto. *O Homem e a serra*. Rio de Janeiro: IBGE, 1950.
- LIMA, Tânia Andrade. *Fazenda São Fernando: esplendor e glória do café no vale do Paraíba fluminense*. Rio de Janeiro: CNPq, 1988.
- MACHADO, Lielza Lemos. *Vassouras, recanto histórico do Brasil*. Vassouras: Gráfica Palmeiras, 2000.
- MIRANDA, Alcides da Rocha; CZAJKOWISK, Jorge. *Fazendas: solares da região cafeeira do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

- MORAIS, Sérgio Santos. *A arquitetura das estações ferroviárias da Estrada de Ferro Central do Brasil no século XIX – 1858-1900*. Rio de Janeiro, 2002. Dissertação (Mestrado em arquitetura) UFRJ-FAU-PROARQ, 2002.
- MUNIZ, Célia Maria Loureiro. *Os donos da terra: um estudo sobre a estrutura fundiária do vale do Paraíba fluminense no século XIX*. Rio de Janeiro, 1979. Dissertação (Mestrado) UFF, 1979.
- NOVAES, Adriano; MAGNAVITA, Paulo. *Você está convidado para uma viagem no tempo*. Rio de Janeiro: SEBRAE-RJ (e outros), s.d.
- PARENTE, José Inácio. *Guia do Estado do Rio*. Rio de Janeiro: Interior Produções, 2003.
- TURISRIO. *Plano diretor de turismo do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2001.
- PEIXOTO, Gustavo Rocha. *Arquitetura neoclássica no Brasil – 1808-1831*. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação (Mestrado em arquitetura) UFRJ-FAU, 1995.
- PIRES, Fernando Tasso. *Antigas fazendas de café da província fluminense*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. (Memória Brasileira).
- Revista Ferroviária*, set., 1950.
- ROCHA, Isabel. *Arquitetura Rural do Vale do Paraíba Fluminense no Século XIX*. Gávea, Rio de Janeiro: PUC-RJ, v.1, 1985.
- SANTOS, Ana Lúcia Vieira dos. *Habitação escrava nas propriedades rurais da Província do Rio de Janeiro – século XIX*. Rio de Janeiro, 2000. Dissertação (Mestrado em arquitetura), UFRJ-FAU-PROARQ, 2000.
- SEBRAE-RJ. *Turismo ecológico Rio de Janeiro, Brasil*. São Paulo: Empresa das Artes, 2003.
- SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do ferro no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1986.
- SILVA, Moacir. *Kilometro zero: caminhos antigos, estradas modernas*. Rio de Janeiro: s.n., 1934.
- STEIN, Stanley. *Grandeza e decadência do café no vale do Paraíba*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- WERNECK, Francisco Klors. *Os primeiros povoadores de Vassouras e seus descendentes*, s.n.t.

INEPAC – acervo pesquisado

- Fazenda Aliança – Barra do Pirai. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. José Martins Rodrigues, Alcina Ferreira Neves, Josemar da Ressurreição Coimbra, abril/ 1977.
- Fazenda Feliz Remanso – Barra do Pirai. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Dora Monteiro e Silva Alcântara, Selso d’Al Belo, Roberto H. Queiroz, Isabel Cristina Castro da Rocha, dezembro/ 1976.

- Fazenda Monte Alto – Barra do Piraí. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Dora Monteiro e Silva Alcântara, Selso d'Al Belo, Roberto H. Queiroz, Isabel Cristina Castro da Rocha, dezembro/ 1976.
- Fazenda Sant'Anna – Barra do Piraí. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. José Martins Rodrigues, Alcina Ferreira Neves, Josemar da Ressurreição Coimbra, abril/ 1977.
- Fazenda São Luiz – Barra do Piraí. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Dora Monteiro e Silva Alcântara, Selso d'Al Belo, Roberto H. Queiroz, Isabel Cristina Castro da Rocha, dezembro/ 1976.
- Igreja Matriz Nossa Senhora Conceição – Engenheiro Paulo de Frontin. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Teresa de Biase, Maria das Graças Mendonça, Maria Cristina Monteiro, Maria Cristina Pimentel, março/ 2002.
- Fazenda Independência – Piraí. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Henrique Correia de Sá e Benevides, 1978.
- Cartório e Cadeia – Piraí. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Henrique Correia de Sá e Benevides, 1978.
- Fazenda São Fidelis – Rio das Flores. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Dora Monteiro e Silva Alcântara, Selso d'Al Belo, Roberto H. Queiroz, Isabel Cristina Castro da Rocha, dezembro/ 1976.
- Fazenda Forquilha – Rio das Flores. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Dora Monteiro e Silva Alcântara, José Eduardo R. Quaglia, João Enéas M. Filho, Guilherme S. Andrade, dezembro/ 1976.
- Fazenda Recreio – Rio das Flores. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. José Martins Rodrigues, Alcina Ferreira Neves, s/ data.
- Fazenda Santa Luiza – Rio das Flores. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. José Martins Rodrigues, Alcina Ferreira Neves, s/ data.
- Conjunto Histórico – Rio das Flores. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Jeannette Garcia, junho/ 1990.
- Conjunto de Bens – Valença. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Jeannette Garcia, junho/ 1990.
- Fazenda Guaribu – Vassouras. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Dora Monteiro e Silva Alcântara, Clelio da Silva Lino, Maria Aparecida Amorim Pereira, José Geraldo Novega, Regina Célia Pinto de Oliveira, Clara Torturella, s/ data.

- Fazenda Pau Grande – Vassouras. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Hélio Carlos de Almeida, Sonia Violeta de Andrade Motta, Vera Maria Cordilha Porto, Gualter Feldhanss, Marilda Correa Ciribelli, dezembro/ 1976.
- Fazenda Pocinho – Vassouras. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Sem referência de inventariante, s/ data.
- Fazenda São Luiz da Boa Sorte – Vassouras. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Hélio Carlos de Almeida, Antonio Fernandes Simon, Maria Guiomar da Silva Ribeiro, Maria Isabel Valadão de Mattos, Marilda Correa Ciribelli, dezembro/ 1976.
- Fazenda São Roque – Vassouras. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Hélio Carlos de Almeida, Ozanir A. Fernandes, Marilza Assis Brandão, Gualter Feldhanss, Ana Maria Serpa Pinto, Marilda Correa Ciribelli, dezembro/ 1976.
- Fazenda Secretário – Vassouras. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Dora Monteiro e Silva Alcântara, Claudia Virginia Cabral de Souza, Gianete Couto Justi, Isabel Cristina Castro da Rocha, Letícia de Souza Barroso, Robertto H. de Queiroz, dezembro/ 1976.
- Fazenda Ubá – Vassouras. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Dora Monteiro e Silva Alcântara, Assad Aquiles Rizkalla, Nelma da Silva, Solange Cabral Lopes, Ruv de Carvalho Gomes, Roberto da Silva Gussem, Paulo Rafael de São Paulo, Alese Leopoldo Verdussen, dezembro/ 1976.
- Acervo paisagístico e urbanístico – Vassouras. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Helio Carlos de Almeida, Ana Maria Serpa Pinto, Marilda Correa Ciribelli, Gualter Feldhauss, Maria Isabel Valadão de Mattos, dezembro/ 1976.
- Palacete Barão do Amparo – Vassouras. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Sem referência de inventariante, s/data.
- Solar Barão de Massambará – Vassouras. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Marina E. Jacobina Vasconcellos, Gustavo Rocha Peixoto, janeiro/ 1985.
- Casa da Hera – Vassouras. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Helio Carlos de Almeida, Ana Maria Serpa Pinto, Kátia Lucia Pereira Valente, Antonio Fernandes Simon, Marilda Correa Ciribelli, dezembro/ 1976.
- Casa de Cultura – Vassouras. Inventário dos Bens de Interesse Histórico e Artístico do Estado do Rio de Janeiro – INEPAC. Sem referência de inventariante, s/data.

Endereços eletrônicos consultados entre outubro de 2003 e janeiro de 2004

<http://turismo-rj.com.br/rt-ciclodocafe.html>
http://geocities.yahoo.com.br/leoniiorio/barra_o_municipio.htm
<http://srv1lx.6sr.iphan.gov.br/>
<http://turismo-rj.com.br/rt-ciclodocafe.html>
<http://www.bbsvp.com.br/pmvvj/turis.html>
<http://www.brasil.terravista.pt/magoito/2028/barrapi-crf.htm>
http://www.brasilchannel.com.br/municipios/mostrar_municipio.asp?nome=Engenheiro%20Paulo%20de%20Frontin&uf=RJ&tipo=turismo
<http://www.capitaldaseresta.hpg.ig.com.br/album.htm>
<http://www.cidadedevassouras-rj.kit.net/aceso.html>
<http://www.coffeebreaktour.com.br/flores.htm>
http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_auxiliar_ramais/valenca.htm
http://www.fazendacamposeliseos.com/cultura_eventos.htm
<http://www.fazendacamposeliseos.com/riodasflores.htm>
<http://www.folhadoturismo.com.br/destinos/mendes.html>
<http://www.miguelpereiratur.com.br/historia.htm>
<http://www.patydoalferes.rj.gov.br/historia/fundacao.htm>
<http://www.patydoalferes.rj.gov.br/pontos/igreja.htm>
<http://www.tce.rj.gov.br/revista/public/revista/r38itema.htm>
<http://www.tce.rj.gov.br/sitenovo/develop/estupesq/gc04/ese00400.pdf>
<http://www.tce.rj.gov.br/sitenovo/develop/estupesq/gc04/ese03000.pdf>
<http://www.tce.rj.gov.br/sitenovo/develop/estupesq/gc04/ese03000.pdf>
<http://www.valenca.rj.gov.br/cidconse.htm>
<http://www.valenca.rj.gov.br/cidvale.htm>
<http://www.turismo-rj.com.br/engenheiropaulodefrontin/home.html>
http://www.seresteiros.com.br/faz_st_clara.htm
<http://www.cachacasr.com.br/index2.htm>
<http://www.valenca.rj.gov.br/>
<http://www.valenca.rj.gov.br/noticias/25jun/paiol.htm>
<http://srv1lx.6sr.iphan.gov.br/>
<http://www.palmeiraimperial.com.br/>
<http://www.valenca.rj.gov.br/>
<http://www.bbsvp.com.br/pmvvj/turis.html>
<http://srv1lx.6sr.iphan.gov.br/>
<http://www.fazendacamposeliseos.com/historia.htm>
<http://www.fazendacamposeliseos.com/historia.htm>
<http://www.bbsvp.com.br/pmvvj/turis.html>

REFERÊNCIAS CARTOGRÁFICAS

ARQUIVO NACIONAL, acervo pesquisado:

F2 – MAP 97(*contém as estradas da província e comércio e marcação dos municípios*)

Fundo: Proveniência Desconhecida – 1645 a 1940 – F2–SDC–SDC 010
Carta corográfica da província do Rio de Janeiro, segundo os reconhecimentos feitos pelos diretores e chefes das seções da Diretoria de Obras Públicas, Coronel Conrado Jacob de Niemeyer; Major Henrique Luís de Niemeyer Bellegarde; Júlio Frederico Koeler; Carlos Rivierre, contendo os trabalhos hidrográficos e topográficos do Almirante Roussin, do Marechal Miranda e Brito; Brigadeiro Xavier de Brito; Tenente General Couto Reis; Marechais de Andrea e Cordeiro, coordenada e desenvolvida pelo engenheiro Pedro Toulois. ESC. 1:4400.000 [RJ] 1839 – Diretoria das Obras Públicas.

F4 – MAP 618 (*contém traçado dos municípios separadamente*)

Carta corográfica da Província do Rio de Janeiro, mandada organizar por decreto da Assembléia Provincial de 30.10.1857 e pelo presidente da mesma província, o Exmo. Sr. Conso. Antônio Nicolau Tolentino / Encarregada aos engenheiros Pedro Alcântara Bellegarde e Conrado Jacob de Niemeyer. ESC. 1:10.000 – 1:300.000 – RJ: lit. Imp. De Ed. Rensburg, 1858 – 1861. 1mapa e 18 plantas imp. Em 4 fs; 71x93 cm.

4Q – MAP 92

Estado do Rio de Janeiro composto sobre os últimos mapas existentes e de acordo com as estatísticas e demarcações oficiais organizado por Hilário Massow e José Clemente Gomes. ESC. 1:500.000 – Leipzig, Alemanha. Estabelecimento Artístico e Geográfico de C. Opitz; impresso por H.F. Jutte; editores proprietários Lalmmert e Cia, 1892.

Estado do Rio de Janeiro – Município de Marquês de Valença – Mapa Organizado em observância ao Decreto – Lei Nacional nº311, de 2 de março de 1938. Esc.: 1:100.000 (SEMIC nº205).

Estado do Rio de Janeiro – Município de Vassouras – Mapa Organizado em observância ao Decreto – Lei Nacional nº311, de 2 de março de 1938. Esc.: 1:100.000.

Estado do Rio de Janeiro – Departamento Geográfico - Município de Mendes –Esc.: 1:25.000 (SEMIC nº206) – 1938.

Estado do Rio de Janeiro – Município de Pirai –Esc.: 1:100.000 (SEMIC nº219) – 1938.

Estado do Rio de Janeiro – Município de Santa Tereza –Esc.: 1:50.000 (SEMIC nº224) – 1938.

Estado do Rio de Janeiro – Município de Barra do Pirai –Esc.: 1:50.000 (SEMIC nº181) – 1938.

Mapa do Estado do Rio de Janeiro – CIDE – Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro – Esc.: 1:450.000 – 2001.

Ministério do Planejamento e Coordenação Geral - Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia – Departamento de cartografia – Carta do Brasil – Esc.: 1:50.000 – VOLTA REDONDA (folha: SF-23-Z-A-V-2) – 1973.

Ministério do Planejamento e Coordenação Geral - Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia – Departamento de cartografia – Carta do Brasil – Esc.: 1:50.000 – RIO PRETO (SF-23-Z-A-II-2) – 1972.

Ministério do Planejamento e Coordenação Geral - Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia – Departamento de cartografia – Carta do Brasil – Esc.: 1:50.000 – SANTA RITA DE JACUTINGA (SF-23-Z-A-II-2) – 1973.

Ministério do Planejamento e Coordenação Geral - Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia – Departamento de cartografia – Carta do Brasil – Esc.: 1:50.000 – CAVA (SF-23-Z-B-IV-1 / MI-2745-1) – 1966.

Ministério do Planejamento e Coordenação Geral - Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia – Departamento de cartografia – Carta do Brasil – Esc.: 1:50.000 – PARACAMBI (SF-23-Z-A-VI-2 / MI-2744-2) – 1966.

Ministério do Planejamento e Coordenação Geral - Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia – Departamento de cartografia – Carta do Brasil – Esc.: 1:50.000 – BARRA DO PIRÁÍ (SF-23-Z-A-III-3 / MI-2714-3) – 1981.

Ministério do Planejamento e Coordenação Geral - Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia – Departamento de cartografia – Carta do Brasil – Esc.: 1:50.000 – PIRÁÍ (SF-23-Z-A-VI-1) – 1979.

Ministério do Planejamento e Coordenação Geral - Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia – Departamento de cartografia – Carta do Brasil – Esc.: 1:50.000 – MIGUEL PEREIRA (SF-23-Z-B-I-3) – 1979.

Ministério do Planejamento e Coordenação Geral - Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia – Departamento de cartografia – Carta do Brasil – Esc.: 1:50.000 – PARAÍBA DO SUL (SF-23-Q-II-1) – 1965.

Ministério do Planejamento e Coordenação Geral - Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia – Departamento de cartografia – Carta do Brasil – Esc.: 1:50.000 – NOSSA SENHORA DO AMPARO (SF-23-Z-A-II-4) – 1973.

Ministério do Planejamento e Coordenação Geral - Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia – Departamento de cartografia – Carta do Brasil – Esc.: 1:50.000 – ITAGUAÍ (SF-23-Z-A-VI-3 / MI-2744-3) – 1970.

Ministério do Planejamento e Coordenação Geral - Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia – Departamento de cartografia – Carta do Brasil – Esc.: 1:50.000 – VALENÇA (SF-23-Z-A-III-2 / MI-2714-2) – 1966.

Ministério do Planejamento e Coordenação Geral - Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia – Departamento de cartografia – Carta do Brasil – Esc.: 1:50.000 – VASSOURAS (SF-23-Z-A-III-4) – 1979.